

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO EM TEOLOGIA

JAIME LORANDI

A SALVAÇÃO DOS RICOS NO EXEMPLO DE ZAQUEU

Porto Alegre
2023

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

JAIME LORANDI

A SALVAÇÃO DOS RICOS NO EXEMPLO DE ZAQUEU

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática, Linha de Pesquisa em Teologia Bíblica.

Orientador: Prof. Dr. Cássio Murilo Dias da Silva.

Coorientador: Prof. Dr. Rafael Martins Fernandes.

Porto Alegre
2023

Ficha Catalográfica

L865s Lorandi, Jaime

A salvação dos ricos no exemplo de Zaqueu / Jaime Lorandi. –
2023.

121 p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em
Teologia, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Cássio Murilo Dias da Silva.

Coorientador: Prof. Dr. Rafael Martins Fernandes.

1. Salvação. 2. Zaqueu. 3. Publicano. 4. Rico. 5. Empresário. I.
Silva, Cássio Murilo Dias da. II. Fernandes, Rafael Martins. III. , .
IV. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

JAIME LORANDI

A SALVAÇÃO DOS RICOS NO EXEMPLO DE ZAQUEU

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática, Linha de Pesquisa em Teologia Bíblica.

Aprovada em 20 de janeiro de 2023, pela Comissão Examinadora.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Cássio Murilo Dias da Silva – PUCRS (Orientador)

Prof. Dr. Rafael Martins Fernandes – PUCRS (Coorientador)

Prof. Dr. Tiago de Fraga Gomes – PUCRS

Prof. Dr. Heitor Carlos Santos Utrini – PUC-Rio

AGRADECIMENTOS

Primeiro e sempre meus agradecimentos são a Deus, meu criador e inspirador, que me conduz e dedico minha vida.

A minha família que teve compreensão e paciência na minha ausência causada pela dedicação a este mestrado.

Aos meus colaboradores que, também na minha ausência, souberam conduzir nossa empresa com muita competência.

Ao Professor Dr. Leomar Antônio Brustolin por ter aceitado este empresário, graduado em Administração de Empresas, para realizar um Mestrado em Teologia na PUCRS.

Ao Professor Dr. Isidoro Mazzarolo pelas primeiras orientações desta dissertação.

Ao Professor Dr. Cassio Murilo Dias da Silva, pelas suas exigências e rigor como orientador.

Ao Professor Dr. Rafael Martins Fernandes pelo acompanhamento e contribuições como coorientador.

Ao Professor Dr. Tiago de Fraga Gomes pelo seu acolhimento e compreensão em diversos momentos.

Aos professores do PPG de Teologia da PUCRS pelos ensinamentos durante o mestrado.

A Miguel Bublitz pela assessoria que muito auxiliou nos pequenos, mas importantes detalhes.

A Juliane Hammerschmidt e a todos os colaboradores da Escola de Humanidades pela sua dedicação.

E a todos os amigos que incentivaram a realizar este meu sonho.

RESUMO

A presente dissertação aborda o tema da salvação cristã e da pedagogia de Jesus descrita por Lucas, com objetivo de auxiliar na caminhada e transformação de ricos nos tempos modernos e maior ajuda aos pobres, como expressão concreta de uma conversão de conduta através da prática da caridade e da justiça. Este trabalho faz um breve estudo sobre as fontes, os destinatários, o gênero literário e o *midrash* de Lucas. Se estende sobre uma análise hermenêutica da perícopa lucana 19,1-10. Analisa a conduta moral do rico publicano Zaqueu, e defende a interpretação de sua honestidade positiva declarada diante de Jesus, que o concedeu a graça da salvação. Trabalha também a possibilidade de Zaqueu ter sido batizado e discípulo de João Batista, estudando elementos históricos e bíblicos sobre a situação política, social e religiosa de publicanos e ricos no tempo de Jesus, contextualizando Zaqueu e sua profissão na sociedade judaica no tempo da Pax Romana. Também realiza uma reflexão bíblica sobre as riquezas e discute sobre a evangelização de empresários. Ao final, conclui que como a salvação de Jesus é para todos, se faz necessário uma evangelização específica para a vocação do empresariado atual com base na Doutrina Social Cristã e no exemplo da caridade e justiça de Zaqueu.

Palavras-chave: Salvação. Zaqueu. Publicano. Rico. Empresário. Caridade.

ABSTRACT

This dissertation addresses the theme of christian salvation and the pedagogy of Jesus described by Luke, aiming to help in the journey and transformation of the rich in modern times and in the increase of help to the poor, as concrete expression of a conversion of conduct through the practice of charity and justice. This work makes a brief study on the sources, recipients, literary genre and Lucas' *midrash*. It issues a hermeneutical analysis of the Luke pericope 19,1-10. It analyzes the moral conduct of the rich publican Zacchaeus, and defends the interpretation of his declared positive honesty before Jesus, who granted him the grace of salvation. It also addresses the possibility that Zacchaeus was baptized and a disciple of John the Baptist, studying historical and biblical elements about the political, social and religious situation of publicans and rich people in the time of Jesus, contextualizing Zacchaeus and his profession in the judaic society of the Pax Romana times. Also makes a biblical reflection on riches and discuss about the evangelization of the entrepreneur. In the end, it concludes that as the salvation of Jesus is for everyone, a specific evangelization is necessary for the vocation of the current business community based on the Christian Social Doctrine and on the example of Zacchaeus's charity and justice.

Keyword: Salvation. Zacchaeus. Publican. Rich. Entrepreneur. Charity.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCE: Catecismo da Igreja Católica

CIEE: Comunidade Internacional de Empresários e Executivos Schoenstattianos.

DAp: Documento de Aparecida.

DSI: Compêndio da Doutrina Social da Igreja.

EG: Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*.

LE: Carta Encíclica *Laborem Exercens*.

MM: Carta Encíclica *Mater et Magistra*.

PP: Carta Encíclica *Populorum Progressio*.

QA: Carta Encíclica *Quadragesimo Anno*.

RN: Carta Encíclica *Rerum Novarum*

UNIAPAC: União Internacional de Empresários Cristãos.

n.p.: não paginado

p.: página

v.: volume

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 ALGUNS PONTOS DA OBRA LUCANA.....	13
1.1 FONTES DA PERÍCOPE DE ZAQUEU.....	15
1.2 A UNIVERSALIDADE DA SALVAÇÃO.....	18
1.3 OS DESTINATÁRIOS DA OBRA LUCANA.....	20
1.4 ANÁLISE DA SIMILARIDADE LITERÁRIA DE LUCAS.....	23
1.5 O MIDRASH DE LUCAS.....	26
2 ANÁLISE HERMENEUTICA DE LC 19,1-10.....	30
2.1 JERICÓ.....	30
2.2 UM HOMEM CHAMADO ZAQUEU.....	32
2.3 ZAQUEU ERA RICO.....	32
2.4 ZAQUEU ERA O MAIORAL DOS PUBLICANOS.....	33
2.5 ZAQUEU QUERIA VER JESUS.....	35
2.6 ZAQUEU ERA DE BAIXA ESTATURA.....	36
2.7 ZAQUEU SUBIU NUM SICÔMORO.....	37
2.8 JESUS VÊ ZAQUEU.....	39
2.9 ZAQUEU RECEBE JESUS.....	40
2.10 MURMÚRIO CONTRA JESUS.....	40
2.11 ZAQUEU É ACUSADO DE PECADOR.....	41
2.12 ZAQUEU FICA DE PÉ DIANTE DE JESUS.....	43
2.13 ZAQUEU CHAMA JESUS DE SENHOR.....	44
2.14 ZAQUEU DECLARA-SE PARA JESUS.....	45
2.15 JESUS SALVA ZAQUEU.....	51

2.16 JESUS REVELA A ASCENDÊNCIA DE ZAQUEU.....	53
2.17 JESUS REVELA SUA MISSÃO.....	55
2.18 INTERPRETAÇÃO DE LC 19,1-10 NA HIPÓTESE DE ZAQUEU TER SIDO BATIZADO EM LC 3,17.....	57
2.19 INTERPRETAÇÃO DE LC 19,1-10 NA HIPÓTESE DE ZAQUEU NÃO TER SIDO BATIZADO EM LC 3,7-17.....	59
2.20 MIDRASH DE LUCAS NA PERÍCOPE DE ZAQUEU.....	60
3 ESTUDOS DOS ENSINAMENTOS.....	63
3.1 OS ENSINAMENTOS DE LUCAS.....	63
3.2 OS ENSINAMENTOS DO ENCONTRO DE JESUS COM O CEGO E ZAQUEU..	69
3.3 OS ENSINAMENTOS DE ZAQUEU.....	70
4 ESTUDOS SOBRE PAX ROMANA E OS PUBLICANOS JUDEUS.....	72
4.1 A PAX ROMANA.....	72
4.2 SOBRE A CONTRATAÇÃO DO PUBLICANO ZAQUEU.....	75
4.3 PUBLICANO JUDEU ACOMPANHADO POR SOLDADOS.....	78
4.4 SOBRE OS RISCOS DAS EXTORÇÕES DOS PUBLICANOS JUDEUS.....	79
4.5 PUBLICANOS VISTOS COMO EXTORSORES CONTUMAZES.....	81
4.6 PUBLICANOS JUDEUS: PECADORES PELA PROFISSÃO?.....	83
5 REFLEXÃO BÍBLICA SOBRE AS RIQUEZAS.....	87
5.1 RICOS QUE CAEM EM DESGRAÇAS.....	88
5.2 RICOS ABENÇOADOS.....	91
5.3 A RECOMPENSA DOS RICOS BEM-AVENTURADOS.....	93
5.4 RICOS E FAMOSOS: VÍTIMAS DE INVEJOSOS.....	94

6 A EVANGELIZAÇÃO DE RICOS EMPRESÁRIOS.....	96
6.1 O EMPRESÁRIO.....	99
6.2 VOCAÇÃO DO EMPRESÁRIO: UMA NOBRE TAREFA.....	101
6.3 A EVANGELIZAÇÃO DOS EMPRESÁRIOS.....	102
CONCLUSÃO.....	111
REFERÊNCIAS.....	114

INTRODUÇÃO

A presente dissertação aborda o tema da salvação cristã e da pedagogia de Jesus descrita por Lucas, com objetivo de auxiliar na caminhada e transformação de ricos nos tempos modernos e maior ajuda aos pobres, como expressão concreta de uma conversão de conduta através da prática da caridade e da justiça. A pesquisa concentra-se na perícopre de Lc 19,1-10, onde são realizados estudos bíblicos para buscar maior compreensão da salvação do rico Zaqueu, realizada por Jesus, de seu comportamento socioeconômico, e da forma de como podemos aplicar, no contexto atual, a prática da generosidade e da justiça, relacionada com a esperança da salvação para aqueles que são ricos e a desejam.

Zaqueu é mais lembrado por uma suposta conversão no encontro com Jesus, do que pelo seu exemplo de caridade e justiça. É um personagem bíblico de pouca consideração e nenhuma veneração, dada a importância de sua salvação realizada por Jesus. Mesmo citado somente no Evangelho de Lucas, seu exemplo poderia ser mais bem estudado e aproveitado pelos cristãos. No contexto socioeconômico de seu tempo, Zaqueu é um exemplo da ajuda aos pobres e da devolução dos bens adquiridos de forma fraudulenta, mesmo que involuntária, segundo a ética religiosa e legal. Em aspectos hermenêuticos, a análise é profundamente inquietante, pois para a salvação não é suficiente apenas o arrependimento; é um imperativo fazer o bem (Lc 3, 7-14) e a reparação de injustiças (Lc 19,8b). Nesse contexto, nosso estudo realça a importância da análise desta perícopre, para realçar o vigor da fé que promove conversão, transformação e ação, motivando o fiel a produzir frutos de caridade, coerentes com sua esperança de salvação. Assim urge, no cristianismo, a necessidade de um maior estudo, conhecimento e divulgação pastoral da perícopre lucana e do exemplo de Zaqueu.

Levando em consideração estes elementos, a questão norteadora que guia este trabalho é mostrar bíblicamente que os ricos podem ser salvos através do exemplo de Zaqueu. Para isto, esta dissertação tem por objetivo geral contribuir para uma melhor compreensão da moralidade do rico Zaqueu, o porquê Jesus o salvou, e como seu exemplo pode contribuir para a evangelização de ricos na atualidade.

No intuito de atingir este objetivo geral, este trabalho apresenta os seguintes objetivos específicos: a) mostrar que a salvação promovida por Jesus é para toda a humanidade, independente da situação socioeconômica; b) explicar que a obra lucana também é destinada à

salvação dos ricos; c) apontar as possíveis fontes utilizadas por Lucas para compor suas obras. d) auxiliar na compreensão da ligação da salvação do rico Zaqueu com o rico Abraão, escolhido por Deus como patriarca, através do estudo do *midrash* na obra lucana. e) analisar hermeneuticamente Lc 19,1-10, e construir a hipótese de que Zaqueu poderia ter sido discípulo de João Batista. f) estudar a pedagogia de Lucas. g) explicar uma suposta e coerente situação política, social e econômica dos judeus publicanos no tempo de Jesus. h) apresentar algumas reflexões bíblicas sobre as riquezas. i) apontar caminhos para a evangelização de ricos empresários no tempo atual.

Para atingir estes objetivos, a metodologia adotada segue os passos descritos por Schnelle,¹ que orienta a delimitação do texto bíblico e a seguir a realização de análises do contexto, linguística, semântica, narrativa e pragmática; e finalmente a verificação da coerência da totalidade do texto. Trilhando estes passos, foi objetivado atingir metas de aprendizado para a missão contemporânea da teologia, da economia, da sociologia e da evangelização de ricos.

Utilizou-se como referencial teórico para esta pesquisa, a Bíblia, obras de estudiosos bíblicos e documentos da Igreja Católica. Destaca-se entre as fontes, Joseph Augustine Fitzmyer e Alan C. Mitchell pelas suas análises interpretativas sobre a conduta de Zaqueu; Isidoro Mazzarolo e Jaldemir Vitória, pelas obras teológicas lucanas; e por fim ressalta-se José Comblin, que descreveu a preocupação de Lucas para com os ricos. No final deste trabalho, são utilizadas várias Encíclicas e outros documentos da Igreja Católica que orientam a conduta cristã dos ricos, com foco nos empresários.

A sequência deste trabalho é realizada em sete momentos:

No primeiro capítulo, descrevem-se alguns pontos da obra lucana mostrando as fontes que o evangelista utilizou, e que a universalidade da salvação realizada por Jesus é o tema central da obra de Lucas. É exposto que o evangelista destina seus dois livros a inúmeros leitores para familiarizá-los com a fé cristã, principalmente pobres, ricos, pecadores, mulheres e publicanos. E também é realizado uma análise da similaridade literária das perícopes de Lc 18,35-43 e de Lc 19,1-10. Por fim, é estudado o *midrash* de Lucas.

No segundo capítulo é feito uma análise hermenêutica desta perícopa, na qual é abordado cada versículo, com interpretação de vários estudiosos bíblicos. Inclusive são avaliadas as diferentes interpretações que levam a opostos entendimentos sobre a conduta de Zaqueu, antes do encontro com Jesus, e o estudo do *midrash* nesta perícopa.

¹ SCHNELLE, U. *Introdução à exegese do Novo Testamento*, p. 49-52.

No terceiro capítulo é visto o ensino que se adquire com a pedagogia de Lucas e com o encontro de Jesus com o cego e Zaqueu. Também é apresentado o ensino que se obtém de Zaqueu sobre o bom uso das riquezas.

No quarto capítulo é descrito o ambiente em que Zaqueu vivia e atuava. Apresenta-se algumas informações sobre o período conhecido como Pax Romana, para entender a situação política. Após, há uma suposição sobre princípios na contratação de Zaqueu como judeu publicano, pelo império romano, levando-se sempre em consideração a coerência e a sensatez, devido à escassez de registros históricos. A seguir é demonstrado, em termos lógicos, que uma das principais características dos publicanos seria a honestidade e que seriam acompanhados por soldados, e os possíveis riscos que corriam se fossem extorsores. Também é feito um estudo, mostrando que a profissão de publicano não seria atividade pecaminosa, se exercida dentro das regras definidas, e que era vista como atividade impura ou desprezível devido a cultura dos escribas e fariseus com suas regras de pureza.

No quinto capítulo é realizada uma reflexão bíblica sobre as riquezas e as situações nas quais os ricos caem em desgraças. Também são descritos os ricos abençoados na Bíblia e as recompensas àqueles que forem bem-aventurados. Ao final é visto que ricos e famosos também podem ser vítimas de inveja.

No sexto capítulo é tratado sobre a evangelização atual de ricos empresários conforme a Doutrina Social Cristã, cuja vocação gera frutos de caridade e justiça, ao longo da caminhada de um encontro com Jesus, tendo como exemplo a salvação de Zaqueu.

Por fim, o capítulo sétimo elenca as conclusões alcançadas por meio desta pesquisa, as contribuições que se esperam deste trabalho e traz questões que ficam em aberto para futuros estudos.

Desta forma, os resultados deste trabalho poderão ser utilizados para um maior diálogo sobre Zaqueu e a compreensão de sua caminhada que culminou com a salvação por Jesus. E também para auxiliar na evangelização de ricos que buscam um encontro com Jesus, mostrando que nesta caminhada haverá preconceitos, mas haverá principalmente ações de caridade e justiça aos pobres, tendo Zaqueu como exemplo.

1 ALGUNS PONTOS DA OBRA LUCANA

A obra de Lucas é composta do Terceiro Evangelho e Atos dos Apóstolos. Ele é um cristão de segunda geração, convertido do paganismo ou judeu-helenista que não teve contato direto com Jesus, mas após *acurada investigação* (Lc 1,1) escreveu de forma atenta e clara, revelando-se um empenhado escritor da língua grega.² Para Karris, é possível que o local da composição do Evangelho, tenha sido Antioquia, pois pode ser que seja a cidade de procedência do autor e “a data da composição de Lucas-Atos seja o período de 80-85 d.C”.³

Para elaborar sua obra, Lucas usou como fontes o Evangelho de Marcos; de pequenas coleções em forma de tratados, denominadas como fonte Q, e de outras tradições orais e escritas dos círculos judeu-cristãos, denominadas como fonte L.⁴ O Evangelho de Mateus também contém elementos de Marcos e da fonte Q. Assim, “uma leitura comparativa dos evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas logo revela que entre eles há semelhanças e também diferenças”. [...] e por isto são chamados ‘evangelhos sinópticos’”.⁵

Lucas descreve 41 relatos exclusivos que não estão nos outros evangelhos.⁶ Zaqueu (Lc 19,2-10), por exemplo, é um deles. De acordo com Schnelle, “provavelmente, uma série de textos pertence a Q (por exemplo, Lc 15,8-10.11-32); uma grande parcela, porém, origina-se da tradição oral acessível ao respectivo evangelista.”⁷ A origem desses relatos exclusivos de Lucas é definida como fonte L. O evangelho de Mateus também é baseado, supostamente, em Marcos, na fonte Q e numa fonte própria, descrita pelos estudiosos como fonte M. Porém todas as fontes têm suas origens no próprio Jesus. “Por isso, o processo de formação dos evangelhos sinópticos é assim compreendido, segundo Silva.”⁸

² FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos II*, p. 20.

³ KARRIS, R. *O evangelho segundo Lucas*, p. 218.

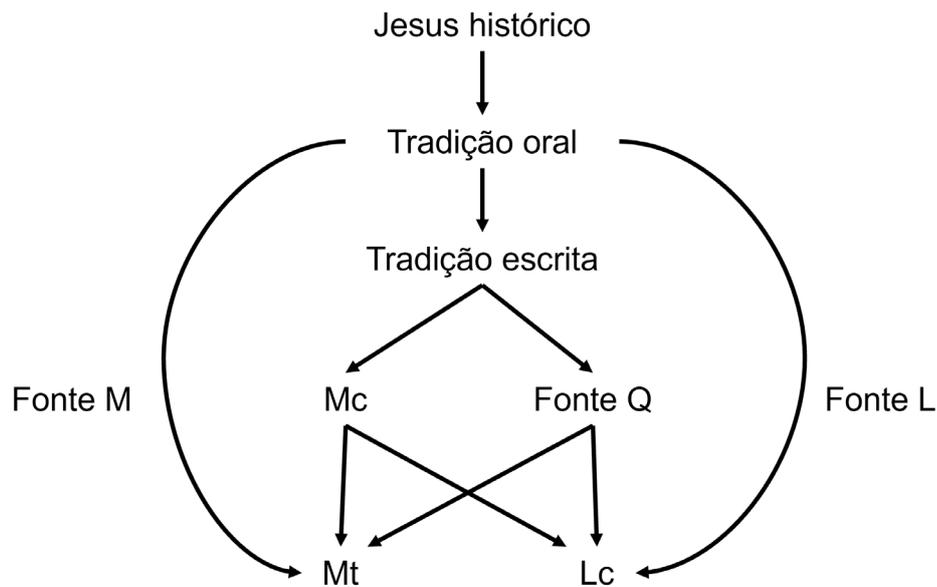
⁴ FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos II*, p. 21.

⁵ SILVA, C. M. D. *Leia a Bíblia como literatura*, p. 67.

⁶ SCHNELLE, U. *Introdução à exegese do Novo Testamento*, pp. 74-75.

⁷ SCHNELLE, U. *Introdução à exegese do Novo Testamento*, p. 75.

⁸ SILVA, C. M. D. *Leia a Bíblia como literatura*, p. 69.



Fonte: SILVA, C. M. D. *Leia a Bíblia como literatura*, p. 69.

Porém esta compreensão não pode ser considerada infalível porque existem muitas questões que necessitam de respostas mais satisfatórias. Assim seu uso deve ser cauteloso.⁹

Baseando-se nas hipóteses destas fontes, Karris escreve que Lucas “adapta o tema e a estrutura marcanos da jornada de Jesus a Jerusalém (8,27-10,52), combinando-os com materiais de Q e L para moldar sua própria teologia incomparável da jornada de Jesus e dos cristãos a Deus (9,51-19,27)”.¹⁰

Davidson procura esclarecer as fontes de Lucas da seguinte forma:

Sendo natural de Antioquia, devia ter entrado em contato com muitos que lhe puderam contar a respeito desses primórdios, como Barnabé, e possivelmente Pedro (Gal 2,11): e teve oportunidades especiais de ampliar seus conhecimentos durante os dois anos que Paulo esteve detento em Cesaréia (At 24,27). [...] Em Jerusalém, Lucas hospedou-se em casa de Mnason, um dos primeiros discípulos (At 21,16), avistou-se com Tiago, irmão do Senhor, e alguns supõem que ele entrou em contato até com Maria, mãe de Jesus, dela ouvindo a história da natividade, por ele narrada no início de seu Evangelho.¹¹

Assim conclui-se que Lucas pode ter realizado sua acurada pesquisa sobre Jesus utilizando-se como fontes o evangelho de Marcos, o testemunho de alguns apóstolos, de Maria, e de outros escritos e relatos orais que compunham uma tradição de aproximadamente 50 anos após a ocorrência dos fatos narrados.

⁹ SILVA, C. M. D. *Leia a Bíblia como literatura*, p. 69.

¹⁰ KARRIS, R. *O evangelho segundo Lucas*, p. 218.

¹¹ DAVIDSON, F. *O Novo Comentário da Bíblia*, p. 1100.

1.1 FONTES DA PERÍCOPE DE ZAQUEU

Conforme descrito, as supostas fontes de Lucas para escrever seu evangelho são o evangelho de Marcos, a fonte Q e a fonte L. Como Zaqueu só aparece em Lucas, então as informações desta perícopa, supostamente foram originadas de alguma tradição oral ou escrita, exclusiva do evangelista, que alguns estudiosos conceituam de fonte L.¹² Para Fitzmyer “o relato procede, basicamente, da fonte particular de Lucas ("L"); [...]. Traços da escrita de Lucas são detectados nela, embora sua amplitude possível seja debatida”.¹³ Desta forma, pode-se dizer atualmente que a fonte da perícopa de Zaqueu seria a fonte L.

Assim, como a existência de Zaqueu e do encontro de Jesus com este personagem, só é registrado no evangelho de Lucas, e a fonte é de origem diversa, é possível surgir dúvidas sobre a veracidade do relato. Na falta de um número maior de registros e fontes seguras, a dúvida que poderá ocorrer é se a passagem de Zaqueu foi um fato real ou um relato fictício criado por Lucas com uma finalidade catequética. Ou seja, nesta segunda interpretação, Zaqueu nunca teria existido e Jesus nunca o encontrou, nem o salvou. Seria apenas uma história inventada por Lucas para mostrar a salvação de Jesus atuando de forma figurativa. Não foram encontrados estudos teológicos que descrevesse esta posição. Mesmo assim, é prudente fazer um estudo para analisar a probabilidade da perícopa Lc 19,1-10 ser um fato real. Para este estudo, primeiro deve-se verificar a ação e o propósito de Lucas descrito no prólogo de seu evangelho (Lc 1,1-4). Ao declarar que fez “uma acurada investigação de tudo desde o princípio” (Lc 1,3b), o evangelista mostra a intenção de revelar que os fatos narrados em sua obra são frutos de um trabalho exaustivo e fidedigno. Também coloca seu nome em crédito escrevendo: “[...] a mim também pareceu conveniente, [...] escrever-te de modo ordenado, ilustre Teófilo” (Lc 1,3a-c), com a clara finalidade de melhorar a compreensão e dar mais segurança da veracidade dos seus escritos. Depois declara para o leitor que seu propósito é “para que verifiques a solidez dos ensinamentos que recebestes” (Lc 1,4), demonstrando que quer corroborar a verdade sobre a história e os feitos de Jesus, que já foram ensinados a Teófilo. Fabris resume a preocupação de Lucas com a segurança dos fatos citando: “Por isso, ele pode

¹² FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos II*, p. 21;

¹³ FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas: Vol. IV*, p. 54.

garantir ao seu amigo e protetor Teófilo, a quem dedica o escrito, que nele encontrará uma confirmação segura de tudo quanto lhe foi dito e ensinado a respeito da experiência cristã”.¹⁴

Bovon também realça a preocupação de Lucas com a legitimidade dos fatos narrados citando:

Lucas é historiador e escritor. Seria errado subestimar este fato ao fazermos a apreciação de sua pessoa. Conduziu cuidadosas pesquisas e tentou redigir uma obra que acarreta a adesão de seus leitores pelo êxito da forma e a legitimidade dos fatos narrados. Esta comprovação ressalta a preocupação pastoral do autor.¹⁵

Com estes argumentos iniciais, percebe-se a alta probabilidade da períclope de Jesus e Zaqueu ser verdadeira, pois Lucas escreve um fato sobre o seu Senhor Salvador, Κύριον (Lc 19,8), e acredita-se que não desejaria colocar seu nome, sua fé e sua obra no descrédito do seu ilustre leitor, nominado de Teófilo (Lc 1,3).

Outros argumentos, que também elevam a probabilidade desta narração ser real, é a quantidade de elementos com comprovação de sua existência, citados por Lucas nesta períclope, como:

- 1- *Jesus*, cuja existência é citada nos vinte e sete livros canônicos do Novo Testamento, em dezenas de livros apócrifos e outros registros históricos, como o de Josefo.¹⁶
- 2- A histórica cidade de *Jericó*, que existe até os dias de hoje e possui muitos sítios arqueológicos. Um deles é remanescente do palácio de Herodes.¹⁷ Mesmo assim, segundo Blomberg, “é bem sabido que existem ruínas de duas cidades à distância de três quilômetros uma da outra: a Jericó do Antigo Testamento e a Jericó do Novo Testamento”.¹⁸ Apesar de não haver uma certeza arqueológica do local da Jericó de Zaqueu, é certo que uma cidade chamada Jericó existia no tempo de Jesus, naquela região.
- 3- O nome *Zaqueu*, que também é encontrado em Esd 2,9; Ne 7,14 e 2Mac 10,19.
- 4- A profissão de *publicano*, que é relatada em várias outras passagens de Lucas (Lc 3,12; 5,27; 5,29; 7,29; 7,34; 15,1; 18,10), inclusive em outros evangelhos (Mt 5,46; 9,10; 10,3; 11,19; 18,17; 21,31 e Mc 2,15) e também de registros históricos como

¹⁴ FABRIS, R.; MAGIONNI, B. *Os Evangelhos II*, pp. 24-25.

¹⁵ BOVON, F. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*, p. 281.

¹⁶ FLÁVIO Josefo: Uma Testemunha nos Tempo dos Apóstolos, p. 52.

¹⁷ MURPHY-O’CONNOR, J. *The Holy Land: An Oxford Archaeological Guide from Earliest Times to 1700*, p. 289.

¹⁸ BLOMBERG, C. *Jesus e os Evangelhos: uma introdução ao estudo dos 4 evangelhos*, p. 481.

o de Cícero.¹⁹

- 5- Uma árvore chamada *sicômoro*, ‘*sycamore*’ (*συκομορέαν*) ou *ficus sycomorus*, que é atualmente comum na região de Jericó e citada em várias outras passagens bíblicas como 1Rs 10,27; 1Cr 27,28; 2Cr 1,15; 9,27; e Am 7,14.

Existem alguns elementos citados por Lucas nesta perícope que não possuem comprovação científica. Um deles é o caso de *Abraão*. Apesar de, atualmente, os arqueólogos não terem encontrado nenhuma prova de sua existência, ele é citado 279 vezes na Bíblia²⁰ e recentemente foram encontradas aldeias com os nomes dos seus familiares Naor e Serugue (avô e bisavô).²¹

Outro elemento que também não possui compreensão científica, mas faz parte da teologia, é a *salvação* que entrou na casa de Zaqueu (Lc 19,9) e o *salvar* do Filho do Homem (Lc 19,10), pois estudiosos entendem ser de cunho escatológico,²² e segundo Pagola, “é fruto da *misericórdia de Deus*”.²³ Mesmo não possuindo cunho científico e sendo originado da fé, é relevante citar que “as palavras gregas para Salvador e salvação (*sotēr, sotēria, sotērion*) ocorrem oito vezes em Lucas, nove vezes em Atos e nenhuma nos demais evangelhos sinóticos”.²⁴ Outro elemento que não pode ser considerado na compreensão científica é o conceito de *Filho do Homem*, pois também é considerado um termo teológico e é citado setenta e duas vezes nos evangelhos, sendo vinte e seis em Lucas.²⁵

Assim, sua obra pode ser considerada contendo elementos históricos e teológicos. Por isto é baixa a probabilidade deste evangelista ter inventado uma narração totalmente figurativa na perícope de Zaqueu, pois estaria pondo em risco sua credibilidade como escritor e seguidor do seu Senhor (Κύριον) Jesus (Lc 19,8). Mesmo que sua fonte L seja, atualmente, ainda desconhecida, percebe-se a preocupação de Lucas com a segurança sobre a verdade dos fatos narrados. Todo o testemunho de sua vida cristã contido nas suas obras e a colocação de muitos elementos reais, promovem a alta probabilidade de Lucas ter descrito Zaqueu como um personagem real, fruto de sua acurada investigação e da credibilidade sobre a salvação de Jesus, que deseja passar para o ensinamento de Teófilo, o ilustre amigo de Deus.

¹⁹ CICERO, M. T. *Pro lege Manila*, p. 50.

²⁰ BÍBLIA. *Bíblia Pastoral*.

²¹ HOERTH, A. *Archaeology and the Old Testament*, p. 67.

²² Sobre a *salvação* e o *salvar* de Jesus, ver também os capítulos 1.2; 2.15 e 2.17.

²³ PAGOLA, J. A. *O Caminho Aberto por Jesus*, p. 15.

²⁴ BLOMBERG, C. *Jesus e os Evangelhos: uma introdução ao estudo dos 4 evangelhos*, p. 194.

²⁵ FABRIS, R.; MAGIONNI, B. *Os Evangelhos II*, p. 511.

Ainda assim deve-se considerar que Lucas interpreta Jesus como salvador da humanidade, logo pode-se entender que ele dificilmente utilizaria seu próprio Senhor (Κύριον) salvador numa história fictícia, na qual não teria salvado uma pessoa real. Caso assim o fizesse, Lucas estaria narrando o poder salvador de Jesus dentro de um mito e não de um fato verdadeiro. Caso a perícope de Lc 19,1-10 tenha sido um acontecimento verdadeiro, então temos um caso real de salvação de Jesus, descrito por Lucas, que podemos referenciar como exemplo. Como atualmente não se pode provar cientificamente a passagem de Jesus por Jericó e a existência de Zaqueu, e também não se pode provar que seria fruto da criatividade de Lucas ou de sua exclusiva fonte L, este trabalho acadêmico é desenvolvido sobre a hipótese de que o evangelista narrou Lc 19,1-10, como um fato real da vida de Jesus e que Zaqueu realmente teria existido.

1.2 A UNIVERSALIDADE DA SALVAÇÃO

Todos os autores do Novo Testamento centraram suas atenções sobre Jesus Cristo, e afirmam que ele é o salvador universal que realiza o plano redentor de Deus para toda a humanidade. Trata-se do evento esperado ao longo de todo o Antigo Testamento, que se realiza, dando uma resposta aos anseios e esperanças para o mundo judaico, incluindo também o não judaico.

Em relação ao evangelista Lucas, Pagola o define como “o primeiro escritor cristão a narrar uma espécie de ‘história da salvação’, fruto da *misericórdia de Deus*”.²⁶ E Casalegno corrobora citando: “Lucas nos oferece um parâmetro básico para entender sua teologia: o da história da salvação”²⁷. Este entendimento é obtido porque desde o início de seu Evangelho, Lucas explicita sua fé e da sua comunidade, colocando na boca dos anjos a expressão: “Nasceu-vos hoje um *salvador*, que é o Cristo Senhor” (Lc 2,11). Também em Atos, referindo-se a Jesus, reconhece que “não há sob o céu outro nome dado aos homens pelo qual devemos *ser salvos*” (At 4,12). E a universalidade da salvação realizada por Jesus Cristo, também está amplamente contemplada por Lucas, porque ele descreve a superação das divisões entre as diferentes classes sociais, atingindo quer os pobres (Lc 7,50; 8,48; 13,10-17), quer os ricos generosos (Lc 19,8; At 4,36), e cita que ela é oferecida a todas as nações de culturas e mentalidades diferentes (Lc 2,30-31; 3,6; At 13,46-47). A ênfase que Lucas dá sobre a salvação é diferenciada, pois só ele

²⁶ PAGOLA, J. A. *Lucas: o caminho aberto por Jesus*, pp. 13 e 15.

²⁷ CASALEGNO, A. *Lucas: a caminho com Jesus missionário*, p. 267.

aplica à missão de João Batista o texto de Is 40,5.²⁸ E também só ele descreve a salvação de Zaqueu (Lc 19,9) e do malfeitor crucificado (Lc 23,43).

Mas o que vem a ser a salvação de Jesus no Evangelho de Lucas? Lemos Jesus curando pessoas (Lc 4,31-41; 5,12-26; 6,6-11; 7,1-10; 7,11-17; 8,26-39; 8,40-56; 9,37-43; 14,1-6; 17,11-19; 18,35-43), mas do que elas são salvas? Segundo Bovon, “Poderíamos dizer sem dúvida: elas são salvas da condenação eterna, elas podem escapar da ira de Deus”.²⁹ E para argumentar seu pensamento, Bovon escreve:

Aos olhos de Lucas, a salvação não se trata de cura ou recuperação física. Ainda que ele expresse tais resgates com o verbo “salvar”, em sua obra Lucas pretende testemunhar uma salvação de uma dimensão completamente diferente. Os casos de salvação física têm uma função simbólica: eles ilustram a salvação eterna que Lucas é obrigado, por falta de algo melhor, a contar pelo modelo histórico e pela via analógica.”³⁰

Assim, a salvação do homem, oferecida por Deus, na pessoa de Jesus, estaria descrita por Lucas como “fugir da ira que está para vir” (Lc 3,7), não ser a “árvore cortada e lançada ao fogo” (Lc 3,7), nem ser a palha que “ele queimará num fogo inextinguível” (Lc 3,17), e nem ver-se “na mansão dos mortos, em meio a tormentos” (Lc 16,23). E finalmente, a destinação dada aos salvados, descrita por Lucas, seria ser recolhido como trigo ao celeiro do Cristo (Lc 3,17), herdar a vida eterna (Lc 10-25; 18,18-22; 18,30), ser “levado pelos anjos ao seio de Abraão” (Lc 16,22) e estar com Jesus no Paraíso (Lc 23, 42-43).

Como a salvação é demonstrada como universal, a de Zaqueu, segundo Buckland e Willians, “indica o estado de perdão e segurança obtido por Jesus Cristo para o homem”.³¹ E sendo Zaqueu um homem rico, conclui-se que Lucas revela que as pessoas com este status econômico também são incluídas na misericórdia divina.

1.3 OS DESTINATÁRIOS DA OBRA LUCANA

Os dois livros de Lucas, o terceiro Evangelho e Atos dos Apóstolos, são dedicados a um certo personagem chamado Teófilo. O nome Teófilo em sua etimologia, significa amigo de Deus (*Theo* = *de Deus*; *philós* = *amigo*). Os estudiosos dividem suas opiniões. Alguns, como Bovon, em virtude de Lucas trata-lo como *ilustre* (Lc 1,3), especula que Teófilo possa ter sido

²⁸ Lc 3,6. “E todo homem verá a salvação que vem de Deus”.

²⁹ BOVON, F. *Le Salut Dans les Écrits de Luc: Essai*, p. 301.

³⁰ BOVON, F. *Le Salut Dans les Écrits de Luc: Essai*, p. 303.

³¹ BUCKLAND, A. R.; WILLIANS, L. *Dicionário Bíblico Universal*. p. 544.

o financiador de um determinado número de cópias e por isto, deveria ter muitos recursos.³² Um segundo grupo afirma que “Teófilo não seria cristão, que se procura confirmar na fé, mas alto funcionário, que se deseja fique bem informado”³³, Um terceiro grupo, incluindo Isidoro Mazzarolo, observa o todo do evangelho e “vê em Teófilo o conceito explícito de Lucas definido como todo aquele que é amigo de Deus”.³⁴ Para Comblin, o Evangelho de Lucas dirige-se aos pobres e Atos dos Apóstolos é o livro que ele escreveu para os ricos.³⁵

Seja o caso ou não, esta dedicatória é uma convenção literária, mais que a descrição do destinatário. Na verdade, Lucas espera ter inúmeros leitores³⁶. A convicção universalista a respeito do cristianismo, tão própria de Lucas, segundo Bovon, ele “espera outros leitores”,³⁷ além de Teófilo. Ao que tudo indica, Lucas desejava com a sua obra alcançar um público variado, e familiarizá-los com a fé cristã. “E queria também confirmar as convicções dos fiéis”.³⁸ De fato, “conforme o prólogo inicial (Lc 1,4), Lucas-Atos é destinado aos crentes que já receberam uma formação na fé,”³⁹ descrevem Aguirre Monasterio e Rodriguez Carmona. Bovon explica que “a obra lucana se apoia em tradições e fontes de dentro da Igreja, e sugere um cristianismo com dois polos, com cristãos procedentes do judaísmo e do paganismo”.⁴⁰ E “a simpatia que Lucas inspira aos tementes a Deus é, sem dúvida, a característica textual desta esperança missionária”.⁴¹

Para Fitzmyer “uma das razões seria o nítido interesse do autor de abrir aos pagãos a salvação prometida a Israel no Antigo Testamento. Essa perspectiva também explica a eliminação de certos materiais de suas fontes, Marcos ou “Q”, de preocupação tipicamente

³² BOVON, F. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos* p. 204.

³³ BIBLIA DE JERUSALÉM. Nota de rodapé de Lc 1, letra c, p. 1.786.

³⁴ MAZZAROLO, I. *Lucas, a Antropologia da Salvação*, p. 50.

³⁵ COMBLIN, J. “Ricos e pobres no Atos dos Apóstolos”, pp. 1-2.

³⁶ “Nos tempos de Lucas, muitos escritos haviam aparecido para contar os fatos a respeito de Jesus; assim, Lucas também julgou necessário escrever uma narrativa aos novos cristãos. O Evangelista tem um cuidado muito grande com seus leitores. Por todo o tempo que havia estado em missão com Paulo, Lucas sabe quantos e quantas formas poderiam ter tentado deturpar a Boa Nova inventando mentiras, desdizendo ou negando a própria pregação dos cristãos. Conhecedor da problemática dos textos, dos testemunhos verdadeiros e dos falsos, Lucas tem uma preocupação catequética pedagógica e teológica. Para muitos estudiosos, Lucas usa uma fórmula comum dentro dos escritores gregos, que era indicar o método, a finalidade e o endereço. No método, o evangelista afirma que examinou cuidadosamente todos os escritos até então. Não sendo testemunha ocular, Lucas precisa investigar aqueles que tinham sido testemunhas desses fatos. A finalidade da obra era para que o leitor tivesse certeza de que teria em mãos uma obra verdadeira, autêntica e completa, por isso ele fez um trabalho cuidadoso desde o princípio até a ascensão de Jesus. Como obra catequética, a finalidade era produzir certezas, solidificar a fé e convencer os duvidosos sobre as verdades do Evangelho e de Jesus Cristo”. MAZZAROLO, I. *Lucas, a Antropologia da Salvação*, p. 49.

³⁷ BOVON, F. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*, p. 214.

³⁸ BOVON, F. *El evangelista Lucas: Retrato y proyecto: Forma y función de la doble obra lucana*, p. 203.

³⁹ AGUIRRE MONASTERIO, R.; RODRIGUEZ CARMONA, A. *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos*, p. 336.

⁴⁰ BOVON, F. *El evangelista Lucas: Retrato y proyecto: Forma y función de la doble obra lucana*, p. 203.

⁴¹ BOVON, F. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*, p. 272.

judaica”.⁴² Além disso, Lucas estende a genealogia de Jesus até Adão, indo além dos limites de Mateus, que começa por Abraão. “E a utilização do termo genérico ‘Judeia’ para abarcar todo território do magistério de Jesus, sugere que o autor escrevia para um público não propriamente daquela região,”⁴³ diz Fitzmyer. Também o livro dos Atos dos Apóstolos estava destinado a leitores provenientes do paganismo. Na obra, fica claro que os pagãos tomaram parte nos dons concedidos a Israel, ou seja, a salvação enviada em primeiro lugar ao povo israelita reconstituído se estendeu, por desígnio de Deus, a todos os povos e sem as obrigações prescritas na Lei. Fitzmyer conclui da seguinte forma:

O autor explica a relação entre os cristãos vindos do paganismo, destinatários de sua obra, e o antigo Israel. Vale ressaltar ainda que esses cristãos provenientes do paganismo, destinatários da obra lucana, não viviam em ambiente predominantemente judaico; antes, eram convertidos que se encontravam em meio predominantemente pagão”.⁴⁴

Assim, não seria inadequado ampliar o alcance dos destinatários da obra de Lucas, estendendo-os às sucessivas gerações nas diversas nações às quais chegaria o Evangelho. Desde as narrativas da infância, já o profeta Simeão anuncia que o menino seria “luz para iluminar as nações” (Lc 2,32); e os antepassados de Jesus, como visto, remontam a Adão, o qual é “filho de Deus” (Lc 3,38). Para Lancellotti e Boccali, “esses antepassados, portanto, não param em Abraão como que diante de uma porta fechada, uma barreira ou um limite intransponível, progenitor de um povo e de uma raça privilegiada.”⁴⁵ Ao final, o mandato de Cristo aos apóstolos também confirma tal universalismo, já que em seu nome (de Cristo) seria pregado “o arrependimento para a remissão dos pecados a todas as nações” (Lc 24,47). Se é verdade que o Evangelho de Lucas estende a salvação de Cristo a todos os povos e nações, e de maneira total, pois cobre todas as necessidades do homem, também é verdade que há os destinatários privilegiados, a saber, os pecadores, os pobres, as mulheres, os publicanos e os samaritanos. “E esta inversão da lógica, nota marcante dos textos de Lucas, é fonte de alegria para os até então excluídos, que em Cristo encontram finalmente acolhida da parte de Deus,”⁴⁶ assim se expressam Aguirre Monasterio e Rodrigues Carmona.

⁴² FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas: Introducción General*, p. 108.

⁴³ FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas: Introducción General*, p. 109.

⁴⁴ FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas: Introducción General*, p. 111.

⁴⁵ LANCELOTI, A.; BOCCALI, G. *Comentário ao Evangelho de São Lucas*, p. 19.

⁴⁶ AGUIRRE MONASTERIO, R.; RODRIGUES CARMONA, A. *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos*, p. 317-318.

O Evangelho mostra Jesus indo ao encontro dos pecadores (Lc 19,7), comendo com eles (Lc 5,29-31), perdoando-os (Lc 7,48-50), a fim de resgatá-los segundo a misericórdia do Pai; a conversão deles traz grande alegria ao céu (Lc 15,7). De fato, se o Evangelho se estende a todos os homens, será necessariamente um anúncio de misericórdia e de acolhida sem restrições aos que o acolhem. E por isso mesmo os pecadores são os primeiros e principais beneficiários desse anúncio. Lancellotti e Boccali escrevem “que são uns privilegiados em comparação com os justos, e o são com certeza se comparados com aqueles que presumem ser justos (Lc 16,15; 18,13).”⁴⁷ “[...] e por fim, os que vivem a pobreza por austeridade, pois o discípulo deve evitar a cobiça e não depositar sua confiança no dinheiro (Lc 12,15-21), além de ser generoso com os irmãos, sobretudo os mais pobres (Lc 12,33-34)”,⁴⁸ explicam Aguirre Monasterio e Rodrigues Carmona. Podemos ver isto claramente no encontro de Jesus com o publicano rico Zaqueu (Lc 19,9-10), conforme pesquisa deste trabalho. O fato de Jesus ter ido ao encontro de um homem que era “rico” (πλούσιος) em vez de tratá-lo com desprezo como a multidão o tratava, Jesus mostra que era amigo dos ricos que produzem bons frutos, como de todos os outros homens, e também a eles queria salvar (Lc 7,36-50; 19,5). Alguns estudiosos⁴⁹ definem que a obra de Lucas é para os pobres, miseráveis e pecadores, e também concluem que ela é dirigida aos ricos. A mensagem bastante clara é para que os ricos promovam caridade e justiça aos pobres, como frutos de sua conversão e esperança da salvação (Lc 3,11).

1.4 ANÁLISE DA SIMILARIDADE LITERÁRIA DE LUCAS

Os evangelhos são composições que pertencem ao gênero literário histórico-querigmático, proclamando o mistério da salvação de Jesus,⁵⁰ pois possuem narrativas históricas e narrativas teológicas com a finalidade de conversão de não cristãos (querigma).

A perícopos de Jesus e Zaqueu (Lc 19,1-10), objeto de estudo desta dissertação, é antecedida pela história do cego na entrada de Jericó (Lc 18,35-43). Lucas compõe relatos literários sequenciais muito parecidos entre as duas passagens, onde mostra Jesus curando um pobre cego e a seguir salvando um rico cobrador de impostos. O quadro seguinte mostra a similaridade literária na construção das duas perícopes.

⁴⁷ LANCELOTTI, A.; BOCCALI, G. *Comentário ao Evangelho de São Lucas*, p. 19.

⁴⁸ AGUIRRE MONASTERIO R.; RODRIGUES CARMONA, A. *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos*, p. 318-319.

⁴⁹ MAZZAROLO I.; KONINGS, J. *Lucas, o evangelho da graça e da misericórdia*, p. 14.

⁵⁰ CASALEGNO, A. *Lucas: a caminho com Jesus missionário*, p. 32.

Quadro 1 – Similaridade literária

	ELEMENTOS PARALELOS	Lc 18,35-43 - O Cego	Lc 19,1-10 - Zaqueu
1	Localização de Jesus	<i>35a - Quando ele se aproximava de Jericó,</i>	<i>1a- E, tendo entrado em Jericó, ele atravessava a cidade.</i>
2	Identificação de um personagem e sua situação econômica.	<i>35b- havia um cego, mendigando,</i>	<i>2a- Havia lá um homem chamado Zaqueu, que era rico</i>
3	Ocupação do personagem	<i>35c- sentado à beira do caminho</i>	<i>2b- e maioral dos publicanos</i>
4	Interesse do personagem	<i>36a- Ouvindo os passos da multidão, perguntou o que era. 37a- Informaram-no que Jesus, o Nazareno, passava.</i>	<i>3a- Procurava ver quem era Jesus,</i>
5	Causa da multidão	<i>36a - Ouvindo os passos da multidão,</i>	<i>3b- mas não o conseguia por causa da multidão,</i>
6	Característica do personagem	<i>36a - Ouvindo os passos da multidão, perguntou o que era. (pois era cego)</i>	<i>3c- pois era de baixa estatura.</i>
7	Ação do personagem para contatar Jesus.	<i>38a - E ele pôs-se a gritar: “Jesus, filho de Davi, tem compaixão de mim!”</i>	<i>4a- Correu então à frente e subiu num sicômoro para ver Jesus que passaria por ali.</i>
8	Ação de Jesus para com o personagem.	<i>40a - Jesus se deteve e mandou que lho trouxessem. Quando chegou perto, perguntou-lhe:</i>	<i>5a- Quando Jesus chegou ao local, levantou os olhos e disse-lhe:</i>
9	Fala de Jesus para o personagem	<i>41a - “Que queres que te faça?”</i>	<i>5b- “Zaqueu, desce depressa, pois hoje devo ficar em tua casa”.</i>
10	Reação do personagem para estar com Jesus.	<i>39b - ele, porém, gritava mais ainda: Filho de Davi, tem compaixão de mim!</i>	<i>6a- Ele desceu imediatamente e recebeu-o com alegria.</i>
11	Reprovação dos outros personagens	<i>39a - Os que estavam à frente repreendiam-no, para que ficasse em silencio;</i>	<i>7a- À vista do acontecido, todos murmuravam, dizendo: “Foi hospedar-se na casa do pecador!”</i>
12	Fala do personagem para Jesus.	<i>41b - Ele respondeu: “Senhor, que possa ver novamente!”</i>	<i>8a- Zaqueu, de pé, disse ao Senhor: “Senhor, eis que dou a metade dos meus bens aos pobres, e se defraudei a alguém, restituo-lhe o quadruplo”.</i>
13	Revelação de Jesus sobre a salvação do personagem.	<i>42a - Jesus lhe disse: “Vê de novo; tua fé te salvou.”</i>	<i>9a- Jesus lhe disse: “Hoje a salvação entrou nesta casa,</i>
14 Zaqueu	Revelação de Jesus sobre a herança da salvação.		<i>9b- porque ele também é um filho de Abraão.</i>
14 Cego	Revelação do poder de Jesus e o reconhecimento pelo cego como Filho de Deus.	<i>43a - No mesmo instante recuperou a vista, e seguia a Jesus, glorificando a Deus.</i>	
15 Zaqueu	Jesus revela-se a todos mostrando sua missão de salvador.		<i>10a- Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido”.</i>
15 Cego	Jesus é reconhecido pelo povo como Filho de Deus	<i>43b - E, vendo o acontecido, todo o povo celebrou louvores a Deus.</i>	

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Nota-se claramente o paralelismo da composição literária entre as histórias dos dois homens de Jericó: o cego e Zaqueu. A localização, identificação, ocupação, interesse etc.,

seguem na mesma forma narrativa até a salvação dos personagens e a revelação da missão de Jesus. O que mais chama a atenção é que os dois personagens são extremamente opostos. Um é cego e mendigo e o outro é rico e autoridade pública. Um está fora da cidade e o outro dentro. O que existe em comum entre eles é que creem em Jesus, querem contatá-lo, e são impedidos pela multidão, rejeitados e excluídos do convívio social. Portanto ambos são socialmente pobres.

Outro fato semelhante e com mesma consequência é que o cego quer ver Jesus e pede para ver novamente na vida terrena o *Filho de Davi*, e a sua fé lhe salvou; e Zaqueu procura ver quem era Jesus e chega a subir num sicômoro para poder vê-lo, e também é salvo. Porém Lucas não revela qual era o propósito do publicano, e deixa o leitor procurar entender através das falas de Zaqueu para Jesus sobre sua prática de caridade e justiça, e de Jesus que lhe dá a salvação. Lucas descreve que o cego, após curado passa a seguir Jesus e quanto a Zaqueu, nada é dito sobre seu futuro. Possivelmente continuou exercendo a atividade de cobrador de impostos, dando metade dos seus bens aos pobres e restituindo o quadruplo caso cobrasse a mais que o estipulado na lei.

Nestas duas perícopes, observa-se a mesma sequência narrativa de Lucas, onde Jesus revela que a salvação e a misericórdia de Deus é para todos, pobres e ricos, cegos e publicanos. Também revela sua opção preferencial pelos pobres. Primeiro salva o mais pobre, cego, mendigo, rejeitado e excluído da sociedade. Depois salva o rico em bens materiais e também em Deus, mas pobre, porque também era rejeitado e excluído da sociedade.

Segundo Fabris e Magionni, “a passagem anterior a de Zaqueu, é o primeiro e único relato de cura de um cego no evangelho de Lucas”.⁵¹ Os dois pontos altos desta narração são: a proclamação messiânica de Jesus feita pelo cego e a declaração de Jesus a respeito da fé salvífica dele. Com a cura do cego, Jesus confirma a espontânea proclamação da fé do pobre mendigo, apesar da oposição das pessoas. Com sua palavra de autoridade, Jesus reconhece a fé genuína daquele homem não só como condição para a recuperação física, mas como início da salvação. Ao cego pobre chega à fé em Jesus, messias e salvador, partindo de sua cegueira que o excluí da vida social. E Jesus aceita trazê-lo ao seu encontro, neste caminho da necessidade elementar de ver e comunicar. É exatamente esta experiência de salvação que Lucas também descreve na pericope seguinte com Zaqueu.

A cegueira fazia parte das enfermidades consideradas como castigo de Deus (Jo 9,1-2) e por ironia é um cego que faz uma aclamação cristológica vendo Jesus como Filho de Davi.

⁵¹ FABRIS, R.; MAGIONNI, B. *Os Evangelhos II*, p. 181.

Para Mazzarolo, “o desejo de ver pode ser físico ou psíquico. Quando Jesus pergunta o que o cego quer, ele dá uma resposta simples: *“Senhor, que eu possa ver novamente!” (Lc 18,41)*”.⁵² Este ver como físico é o primeiro entendimento do leitor de Lucas, mas também pode ser um ver psíquico ou espiritual, para enxergar o Cristo salvador, pois o cego além de chamar Jesus de Filho de Davi, também o chama de Senhor (κύριε). Esta cegueira também tem ligação com a cegueira da multidão que murmurou contra Jesus e contra Zaqueu na perícopes seguinte. E também Zaqueu se refere a Jesus chamando-o de Senhor (κύριε). Ao utilizar o termo κύριε nas duas perícopes,⁵³ Lucas estaria citando que os dois personagens, o cego e Zaqueu, estariam referindo-se a Jesus com uma deferência messiânica.⁵⁴ Assim, também se percebe que a composição literária de Lucas é aplicada com palavras semelhantes nas suas duas perícopes.

1.5 O MIDRASH DE LUCAS

O *midrash*, da raiz *darash*, significa buscar, investigar, pesquisar, e é ao mesmo tempo um método de estudo e sua consequente produção literária. É pesquisar as Escrituras e buscar o modo que ela impacta o seu leitor contemporâneo, tentando atualizá-la.⁵⁵ De origem dos estudos judaicos, as composições midrásicas têm uma função muito importante no interior do judaísmo⁵⁶, pois, por meio destes, segundo Água Pérez, “os estudiosos da Torá construíram uma ponte entre a letra imóvel da Torá escrita por Moisés e a vida em constante mutação”.⁵⁷ Isto responde à exigência e necessidade de atualizar a Torá diante das diferentes situações históricas pelas quais passou o povo da Aliança ao longo dos séculos.⁵⁸

A tradição rabínica caracteriza o *midrash* em dois tipos: O *midrash halakhah* e o *midrash haggadá*.⁵⁹ O *halakhah*, que significa *caminho*, é o estudo investigativo da Lei, das normas e da conduta, nas Escrituras, para buscar a sua aplicação nos dias de hoje.⁶⁰ O *midrash haggadá*, que significa *narrativa*, engloba toda a busca, investigação ou pesquisa que não trate

⁵² MAZZAROLO, I. *Lucas, a antropologia da salvação*, p. 231.

⁵³ SCHOLZ, V. *Novo Testamento Interlinear Grego-português*, pp. 306 e 307.

⁵⁴ RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, p. 279.

⁵⁵ CHARPENTIER, E.; GOURGUES, M. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*, p. 38.

⁵⁶ NEF ULLOA, B. A. O método deráshico no judaísmo, p.39.

⁵⁷ ÁGUA PÉREZ, A. El método midrásico y la exégesis del nuevo testamento *apud* NEF ULLOA, B. A. *O método deráshico no judaísmo*, p. 39.

⁵⁸ PERANI, M. L'Interpretazione della Bibbia presso i Rabbi, aspetti dell'ermeneutica rabbinica *apud* NEF ULLOA, B. A. *O método deráshico no judaísmo*, p. 39.

⁵⁹ SANTOS, M. C. *Deus se revela a seu povo através de sua palavra e este a interpreta através do midrash*, p. 33.

⁶⁰ CHARPENTIER, E. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*, p. 38.

sobre as normas e a conduta, ou seja, é todo o estudo que não é Lei na tradição judaica.⁶¹ Ele refere-se a temas como a unidade Deus, prêmios e castigos, liberdade do ser humano, angeologia, profecias, providência de Deus, imortalidade, messianismos, ressurreição dos mortos, etc.⁶² Assim a revelação de Deus, ao povo de Israel, é realizada através da sua Palavra e o modo como este povo a interpreta e interage através da busca, investigação e pesquisa, é conhecido nos estudos judaicos como *midrash* ou *midrashim* no plural.

Os escritores cristãos seguiram a tradição judaica do *midrash*. Para Nef Ulloa, “os desdobramentos desta evolução cültico interpretativa, realizado na sinagoga, não se restringiu apenas ao judaísmo, mas influenciou direta e determinante a formação do querigma cristão.”⁶³ Os primeiros cristãos, não criaram um modo próprio de leitura e interpretação das Escrituras, mas fizeram uso do método existente nas sinagogas para difundir a boa nova de Jesus.⁶⁴ Assim os estudiosos atuais entendem também a existência de um *midrash cristão* ou *neotestamentário*.⁶⁵ Mesmo usando método semelhante, há uma diferença interpretativa. Para os estudiosos judeus, a Escritura oral e escrita é a revelação de Deus e sua promessa, para conduzir a vida do povo de Israel. Porém, segundo Sousa, “para os cristãos, o que ocupa o centro de sua atenção é o acontecimento: Jesus Cristo. Nele e por ele a Torah obteve o seu cumprimento. Por isso, o *midrash* cristão é caracterizado como o *midrash de cumprimento* [...]”.⁶⁶

Para Munõz, “o *midrash* neotestamentário, é o *midrash* confirmativo, pois ele trata de recorrer às Escrituras para confirmar a proclamação do seu Kérigma”.⁶⁷ Pela Escritura e tradição cristã, os escritores neotestamentários sistematizavam sua teologia a partir do pressuposto teológico *segundo as Escrituras*, do Antigo Testamento, para demonstrar que seu cumprimento é o Cristo morto e ressuscitado.⁶⁸ Para Bloch, “o modo rabínico de conceber e compreender os textos sagrados, bem como suas técnicas midráshicas, estão presentes tanto nos evangelhos como nos outros escritos neotestamentários”.⁶⁹ Vejamos alguns exemplos: a

⁶¹ SANTOS, M. C. *Deus se revela a seu povo através de sua palavra e este a interpreta através do midrash*, p. 37.

⁶² ÁGUA PÉREZ, A. El método midrásico y la exégesis del nuevo testamento, *apud* NEF ULLOA, B. A. *O método deráshico no judaísmo*, p. 46.

⁶³ NEF ULLOA, B. A. *O método deráshico no judaísmo*, p. 47.

⁶⁴ SOUSA, R. P. *O Midrash como formação e exegese do Novo Testamento*, p. 1.

⁶⁵ MUNÕZ, L. Deras, los caminos y sentido de la palabra, *apud* SOUSA, R. P. *O Midrash como formação e exegese do Novo Testamento*, p. 5.

⁶⁶ SOUSA, R. P. *O Midrash como formação e exegese do Novo Testamento*, p. 1.

⁶⁷ MUNÕZ, L. Deras, los caminos y sentido de la palabra... *apud* SOUSA, R. P. *O Midrash como formação e exegese do Novo Testamento*, p. 5.

⁶⁸ SOUSA, R. P. *O Midrash como formação e exegese do Novo Testamento*, p. 6.

⁶⁹ BLOCH, R. *Escritura e Tradição* *apud* SOUSA, R. P. *O Midrash como formação e exegese do Novo Testamento*, p. 7.

multiplicação dos pães (Mt 14,13-21; Mc 6,32-44; Lc 9,10-17; Jo 6,1-15) retoma a profecia do milagre de Elias (1 Rs 17,7ss; 2Rs 4,42-44); a conversa de Jesus com Nicodemus (Jo 3,14-15) refere-se à serpente de bronze elevada por Moisés no deserto (Nm 21,4-9).

O estudo do *midrash* cristão em uma perícopa é relevante para a compreensão da ligação dos fatos citados na passagem neotestamentária com descrições contidas no Antigo Testamento. Lucas utiliza vários *midrashim*, para justificar que Jesus é o messias profetizado nas escrituras veterotestamentárias. Temos como exemplos em Lc 4,14-22, onde é narrado que Jesus entrou na sinagoga e leu na Torah a profecia de Isaias (Is 61,1-2). “Jesus faz a releitura do texto e, através do *midrash*, afirma que *hoje essa profecia se cumpriu*. Na verdade, ‘o específico desta releitura é que ela é feita à luz de Cristo’”.⁷⁰ Em Lc 20,41-42, Jesus usa o Sl 110,1 para explicar que o Cristo é o Senhor do rei Davi. Na passagem dos discípulos de Emaus (Lc 24,13-35), o próprio Jesus interpreta as Escrituras da Torah (Lc 24,26-27) para justificar que era preciso o Cristo sofrer e entrar na sua glória.

Assim como o *midrash* judaico tem dois modelos, o *halakhah* e o *haggadá*, os estudiosos Collin e Lenhart identificam três esquemas distintos de *midrash* nos escritos neotestamentários.⁷¹

- a) Modelo promessa-cumprimento, que consiste em considerar as Escrituras como anúncio, prefiguração, profecia e/ou promessa da pessoa de Cristo. Exemplo: Jesus é proclamado o Messias segundo o *messianismo davídico* (2 Sm7; Is 6-12; 7,10-16; 9,1-7 ; 11,1-9; Mq 5,1-4; Lc 1,32-33; Mt 21,9) e Filho de Abraão (Mt 1,1), bem como, os textos que afirmam a prefiguração de Cristo na figura do Servo Sofredor do Dêutero-Isaias (Is 42,1-7; 49,1-6; 50,4-9; 52,13; 53,12).
- b) Modelo inserção-substituição, que parte do conteúdo e componentes da Escritura que constituem a Aliança Antiga, utilizada midrashicamente para definir a Nova Aliança. Através do *espírito da aliança*, a história dos atos salvíficos de Deus recebe sua culminância na Pessoa do Cristo morto e ressuscitado, reconhecido agora pela comunidade cristã como a “Nova Aliança”. Exemplo: a Carta aos Hebreus (Hb 7-8) dedica uma larga *haggadah* à Nova Aliança (conteúdo de Jeremias e Ezequiel) na pessoa de Cristo, o Sumo Sacerdote, por meio de seu próprio sangue, o *Sangue da Nova Aliança*.
- c) Modelo oposição/contraposição, que são “formulações que proclamam o cumprimento como marca de contraposição entre a realidade cumprida em Cristo e a realidade citada do Primeiro Testamento. Esta contraposição é considerada também como aquela que realça o caráter da novidade do Evangelho” (MUNHÖZ, 1987, p. 240). Exemplo: Não é o Maná, mas sim Cristo (Jo 6,27.32-33.38); Não em tábuas de pedra, mas sim em tábuas de carne do coração (2 Cor 3,3); e também a fórmula *Ouvistes o que foi dito, eu, porém vos digo* (Mt 5,21-48), a contraposição aparece através de antíteses, onde palavras de Jesus se contrapõem em relação ao ensinamento que as precede.

⁷⁰ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *O povo judeu e suas Sagradas Escrituras na Bíblia Cristã*, p.53.

⁷¹ COLLIN, M.; LENHARDT, P. Evangelho e Tradição apud SOUSA, R. P. *O Midrash como formação e exegese do Novo Testamento*, p. 9.

Em Lucas também se identifica os três modelos de *midrash* neotestamentários. Como exemplos do *modelo promessa-cumprimento* encontramos em Lc 1,32-33, onde o anjo anuncia a Maria, que conceberá um filho e Deus lhe dará o trono de Davi e ele reinará na casa de Jacó. E em Lc 2,29-32, no cântico de Simeão, ele profetiza Is 42,6; 49,6; 52,10 e 46-13, onde diz que seus olhos, viram no menino Jesus a salvação preparada para todos os povos. Como exemplos do *modelo inserção-substituição* encontramos em Lc 22,20 a instituição da Aliança com o novo povo de Deus se confirma na última ceia como o banquete da Nova Aliança. E em At 2,1-12, a comunidade de Pentecostes forma o *Novo Povo*, em paralelismo midráshico com a comunidade do Sinai (Ex 19). E como exemplos do *modelo oposição/contraposição* é visto em Lc 6,27-29, onde Jesus diz para amar os inimigos; fazer o bem aos que odeiam, bendizer aos que amaldiçoam; orar aos que difamam. E também em Lc 21,1-4 Jesus diz que a pobre viúva que deu duas moedinhas, tudo o que possuía, deu mais que os ricos que davam altas ofertas com o que lhes sobrava.

Os *midrashim* de Lucas na passagem de Zaqueu são estudados com mais detalhes no final do capítulo seguinte.

2 ANÁLISE HERMENEUTICA DE LC 19,1-10.

Neste capítulo foi realizado um estudo detalhado de cada versículo ou palavra de relevante importância da perícopé lucana, com o objetivo de uma melhor compreensão sobre o propósito do evangelista em mostrar Jesus anunciando a salvação para um rico do seu tempo. No desenrolar do capítulo, serão citadas algumas interpretações de estudiosos e também do autor desta dissertação, para dar maiores entendimentos sobre se Zaqueu era honesto ou desonesto, e se ele poderia também ter sido discípulo de João Batista. No final deste capítulo se conclui com o *midrash* da perícopé, buscando demonstrar que as promessas contidas no Antigo Testamento se cumprem nesta passagem do Novo Testamento.

Para melhor compreensão geral deste estudo é citado abaixo a tradução de Lc 19,1-10, em português, da *Bíblia de Jerusalém*.

¹ E, tendo entrado em Jericó, ele atravessava a cidade.

² Havia lá um homem chamado Zaqueu, que era rico e chefe dos publicanos.

³ Procurava ver quem era Jesus, mas não o conseguia por causa da multidão, pois era de baixa estatura.

⁴ Correu então à frente e subiu num sicômoro para ver Jesus que passaria por ali.

⁵ Quando Jesus chegou ao local, levantou os olhos e disse-lhe:

“Zaqueu, desce depressa, pois hoje devo ficar em tua casa”.

⁶ Ele desceu imediatamente e recebeu-o com alegria.

⁷ À vista do acontecido, todos murmuravam, dizendo: “Foi hospedar-se na casa do pecador!”

⁸ Zaqueu, de pé, disse ao Senhor: “Senhor, eis que dou a metade dos meus bens aos pobres, e se defraudei a alguém, restituo-lhe o quadruplo”.

⁹ Jesus lhe disse: “Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão.

¹⁰ Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido.

2.1 JERICÓ

E, tendo entrado em Jericó, ele atravessava a cidade (Lc 19,1).

Jericó estava no caminho de Jesus para Jerusalém onde ele se dirigia para sua entrada definitiva, antes da Páscoa. Jericó foi uma cidade muito importante e mencionada várias vezes na Bíblia. Era uma cidade fortificada no meio de um vasto bosque de palmeiras, na planície do

Jordão, defronte do lugar onde esse rio foi atravessado pelos israelitas (Js 3, 16). Para o povo de Israel Jericó era a chave para a entrada da Terra Prometida por Deus a Abraão, Isaac e Jacó e à sua descendência (Ex 16:35). Foi a cidade mais importante do vale do Jordão, e a maior fortaleza em toda a terra de Canaã (Nm 22, 1 e 34, 15). Segundo os relatos de Dt 8,2 e 29,5, quarenta anos foi o tempo que o povo de Israel esteve no deserto, após sair do Egito e esperavam o momento de tomar posse desta terra. Foi defronte desta cidade que o Senhor mostrou a Moisés toda terra prometida de Galaad até Dã (Dt 34 ,1-4).

No relato bíblico, ela foi destruída sob o comando de Josué, na qual após dar sete voltas ao toque das trombetas, conforme orientação de Deus, suas muralhas ruíram completamente com um terremoto (Js 6,26). Após entrarem em Jericó, muitos de seus habitantes foram mortos ao fio da espada, inclusive animais como bois, ovelhas e jumentos (Js 6,21). Josué poupou a prostituta Raabe, a sua família e todos os seus pertences, pois ela escondeu os homens que ele tinha enviado a Jericó como espiões. E Raabe passou a viver entre os israelitas (Js 6,25). Para Bright, “a batalha foi possivelmente em 1315 a.C. ou 1210 a.C.”⁷² Para Fausti, Raabe, a prostituta que acolhe Israel em Jericó (Js 2,1ss), assemelha-se com Zaqueu, o publicano que acolhe o verdadeiro Israel em caminho para Jerusalém. Publicanos e prostitutas nos precedem no Reino prometido (Mt 21,31).⁷³

Segundo Mazzarolo, “assim como o povo de Deus teve que entrar e atravessar a cidade de Jericó para tomar posse da terra prometida, Jesus também entra e atravessa para tomar posse de sua cidade Jerusalém.”⁷⁴

Jesus repete a sua passagem, do mesmo modo que o povo de Israel. Portanto, Jericó representa duas passagens, uma para o povo israelita e outra para Jesus. A passagem de Jesus por Jericó caracteriza o verdadeiro ato de bondade, não mais como posse despótica da terra, como justiça pela hegemonia do poder, mas como um serviço de bondade, acolhimento e salvação. Mazzarolo comenta que “passando por Jericó, Jesus faz a passagem da verdadeira libertação, da implantação da caridade e da misericórdia, através da cura de um cego e da conversão de Zaqueu sendo os arquétipos do *Novo Êxodo*”.⁷⁵ E na casa do publicano salvo, Jesus relata a parábola das minas, dando início a sua subida para Jerusalém (Lc 19,11-27).

⁷² BRIGTH, J. *História de Israel*, p. 166–167.

⁷³ FAUSTI, Silvano. *Uma comunidade lê o Evangelho de Lucas*, p. 755.

⁷⁴ MAZZAROLO, I. *Lucas, a Antropologia da Salvação*, p. 230.

⁷⁵ MAZZAROLO, I. *Lucas, a Antropologia da Salvação*, p. 231.

2.2 UM HOMEM CHAMADO ZAQUEU

Havia lá um homem chamado Zaqueu... (Lc 19,2a).

Para entender melhor Zaqueu é necessário compreender o significado do seu nome, pois na Bíblia, este geralmente simboliza o caráter ou uma importante característica da pessoa.

O nome Zaqueu⁷⁶ tem origem no hebraico Zakkáy ou Zakchaios, cujo nome é formado a partir do elemento Zak, que literalmente significa “puro”,⁷⁷ “limpo”, “inocente”, “justo”. Deriva de Zakhah, forma do verbo no passado, o qual se traduz como “ele era inocente, era limpo, era puro, era justo” e se relaciona com o sentido de outras palavras, tais como a árabe dhakhá, que significa “puro”; a aramaica-siríama dekha, que significa “limpo”; ou a acadiana zaku, que significa “puro, brilhante”.

Fitzmyer desceve também que “Zakchaios é uma forma grega do nome hebraico Zakkáy, ou Zaccai (Ne 7,14; Esd 2,9 [que na LXX é traduzido como Zakchos]), também é encontrado em 2Mac 10,19 como o nome de um oficial do exército de Judas Macabeu, e é frequentemente usado em paralelo com saddíq ("justo")”.⁷⁸

2.3 ZAQUEU ERA RICO

[...] que era rico... (Lc 19,2b).

Qual era o tipo da riqueza de Zaqueu, que o evangelista Lucas se refere? Será que sua riqueza era fruto de defraudações por cobrar impostos acima do prescrito (Lc 3,12-13)? Ou será que era rico em bens materiais e avarento, como aquele da parábola do pobre Lázaro (Lc 16,19-23); ou era rico honesto, em bens materiais e na fé, abençoado por Deus, como Abraão?⁷⁹

⁷⁶ DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS. *Zaqueu*, n.p.

⁷⁷ BUCKLAND, A. R.; WILLIAMS, L. *Dicionário Bíblico Universal*, p. 615.

⁷⁸ FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas*: Vol. IV, p. 60.

⁷⁹ Gn 13, 2 – Abrão era muito rico de rebanhos, de prata e de ouro; Gn 24, 35 - O Senhor cumulou Abraão de bênçãos e tornou-o muito rico: deu-lhe ovelhas e bois, prata e ouro, servos, servas, camelos e jumentos.

Sua profissão de publicano ou cobrador de impostos para os romanos, era muito bem remunerada⁸⁰, porém má afamada por supostas cobranças a maior que o prescrito, defraudando os pagadores de impostos. Neste trabalho estuda-se a pessoa de Zaqueu e o porquê Lucas o descreveu como rico.

Pagola interpreta que “Zaqueu era rico porque ele não servia a Deus, mas ao dinheiro”.⁸¹ Mesters e Orofino descrevem que ele era um pecador, pois dizem que “sua riqueza vinha da corrupção na cobrança de impostos para os romanos e desviando muito dinheiro para o próprio bolso”.⁸² Mazzarolo interpreta que “da riqueza de Zaqueu, muito era fruto desonesto, feito com dinheiro desonesto.”⁸³ Já Fitzmyer interpreta que “a riqueza de Zaqueu foi obtida, em grande parte, de forma honesta, pois a expressão ‘e se defraudei’ (Lc 19,8) é uma sinalização de cobrança a mais involuntária e a expressão ‘restituo’ aponta para sua rígida honestidade, como seu nome significa ‘puro, limpo, inocente, justo’”⁸⁴.

Percebe-se então que existem diferentes interpretações sobre o porquê de Lucas citar que Zaqueu era rico. Estas interpretações vão de que ele era rico porque agia de forma pecadora, com extorsões, sendo desonesto e até de que ele era justo, bem remunerado e honesto. O autor desta dissertação segue o pensamento de Joseph Augustin Fitzmyer, trazendo argumentos que aumentam a probabilidade da riqueza de Zaqueu ter sido obtida de forma honesta. Outro argumento, aqui colocado por mim, baseia-se na declaração de Jesus: “ele também é um filho de Abraão”⁸⁵ (Lc 19,9). Pode-se interpretar que Jesus quis fazer uma relação de similaridade de características de riqueza e generosidade entre Abraão e Zaqueu. O patriarca era abençoado, “muito rico” (Gn 13,2; 24,35) e também generoso, pois deu o dízimo de tudo ao sacerdote Melquisedec (Gn 14,18-20). Zaqueu também foi abençoado com a salvação, era “rico” (Lc 19,2) e generoso (Lc 19,8). Assim, pode-se interpretar que Lucas estaria fazendo uma relação da semelhança do status econômico e da conduta de Abraão e de Zaqueu, para argumentação de que este seria rico devido a uma alta remuneração, adquirida de forma honesta e comportamento generoso como do patriarca.

⁸⁰ Ver explicações sobre os publicanos judeus no capítulo 5.2.

⁸¹ PAGOLA, J. A. *O Caminho Aberto por Jesus*, p. 312.

⁸² MESTERS, C.; OROFINO, F. *Crescer em Amizade: Uma chave de leitura para o Evangelho de Lucas*, p. 51.

⁸³ MAZZAROLO, I. *Lucas: A Antropologia da Salvação*, p. 234.

⁸⁴ FITZMYER, J. A. *The gospel according to Luke X-XXIV*, p. 1223.

⁸⁵ O significado de "filho de Abraão" é descrito no subcapítulo 2.16.

2.4 ZAQUEU ERA O MAIORAL DOS PUBLICANOS.

[...] e maioral dos publicanos (Lc 19,2c).

Os publicanos eram “agentes fiscais que coletavam taxas e impostos para o Império Romano invasor. Eles podiam não estar entre os ‘pobres excluídos’, mas eram no imaginário de seus contemporâneos ao menos os ‘ricos excluídos’”.⁸⁶

Lucas usa a expressão *architelōnēs* (ἀρχιτελώνης)⁸⁷ para definir a profissão de Zaqueu. Ela vem do grego *archi+telōnēs* e significa maioral ou chefe + publicano. Conforme Johnson “é a única vez que ela aparece no Novo Testamento. Em todas as outras expressões de publicanos os escritores utilizaram o termo *telōnēs* (τελώνης)”.⁸⁸ Alguns estudiosos e intérpretes da Bíblia traduzem o *architelōnēs* (ἀρχιτελώνης) de Lucas, como *chefe dos publicanos*⁸⁹, e outros interpretam como *maioral dos publicanos*⁹⁰. Chefe significa aquele que está investido de poder para ocupar um lugar de mando, de direção⁹¹, de maior autoridade sobre outras pessoas numa organização hierarquizada. Maioral significa o primeiro, o maior, aquele que se distingue dos demais⁹². Caso a interpretação for *chefe*, significa que Zaqueu possuía subordinados para a coleta de impostos de Jericó. Porém, essa probabilidade é remota porque a palavra *architelōnēs*, conforme já citado por Johnson⁹³, só aparece em Lucas, e não foram encontrados registros históricos de coletividades de publicanos na província da Judéia, no tempo do governador Pôncio Pilatos, organizados hierarquicamente sob a chefia de um compatriota. Outro fato aqui estudado é que Zaqueu disse para Jesus: “e se defraudei a alguém, restituo-lhe o quádruplo” (Lc 19,8). Diante desta declaração, entende-se que a atividade de cobrança era direta entre Zaqueu e os pagadores dos impostos, não existindo subordinados intermediários. Outro argumento que fortalece o fato de que ele era maioral, é a dificuldade de Zaqueu, caso fosse chefe, em fazer a restituição quádrupla das defraudações realizadas pelos seus subordinados, que seriam também de sua responsabilidade. Assim, a maior probabilidade

⁸⁶ BLOMBERG, Craig. *Jesus e os Evangelhos: uma introdução ao estudo dos 4 evangelhos*, p. 193.

⁸⁷ RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, p. 80.

⁸⁸ JOHNSON, L. T. *Il Vangelo di Luca*, p. 252

⁸⁹ BÍBLIA. *A Bíblia de Jerusalém*; BÍBLIA. *TEB-Tradução Ecumênica da Bíblia*.

⁹⁰ DAVIDSON, F. *O Novo Comentário da Bíblia*, p. 1050.

⁹¹ HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, p. 696.

⁹² HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, p. 1814.

⁹³ JOHNSON, L. T. *Il Vangelo di Luca*, p. 252

é de que a expressão *architelōnēs*, exclusiva de Lucas, significa que Zaqueu era o maioral entre seus colegas de coletoria, e não o seu chefe.

Sob esta ótica, a presente dissertação é desenvolvida levando em consideração que Zaqueu era o “*maioral dos publicanos*” e não o “*chefe*”, não possuindo subordinados.

2.5 ZAQUEU QUERIA VER JESUS

Procurava ver quem era Jesus (Lc 19,3a).

Lucas não descreve objetivamente o motivo que levou Zaqueu procurar ver quem era Jesus, por isto existem várias interpretações sobre o desejo do publicano. Uma delas é que Zaqueu procurava ver para saber que tipo de autoridade ou importância Jesus tinha, para reunir tanta gente.⁹⁴ Neste caso ele estaria sendo curioso, sem um interesse ou uma importância pessoal definida. Naquele tempo, as personalidades que atraíam multidões de curiosos em sua passagem eram reis, governantes, generais, curandeiros, profetas ou o Cristo, filho de Davi. Um possível entendimento do motivo de Zaqueu, é que ele poderia estar esperando o Cristo (Lc 3,15) e acreditava que Jesus poderia sê-lo, e por isto, procurava identificá-lo além da multidão. Então ele sabia o que estava procurando e tinha grande interesse e importância pessoal em ver Jesus.

Alleti, que segue esta linha de pensamento, descreve: “a expressão utilizada (<<procurava ver quem era>>: v.3) pode interpretar-se de forma mais ou menos densa (Jesus como profeta, como messias, etc.)”.⁹⁵ E Vítório esclarece que Lucas não revela a origem do desejo de Zaqueu em querer ver Jesus, mas entende que “não se pode excluir a existência de um sonho longamente acalentado pois, sem dúvida, ‘procurar ver quem é Jesus’ era fundamental na vida de Zaqueu”.⁹⁶

O autor desta dissertação, que procura argumentar a suposição de que Zaqueu poderia ter sido um dos publicanos que foram batizados por João Batista em Lucas 3,1-14, defende que o desejo do maioral dos publicanos em procurar ver quem é Jesus, era para saber se ele era ou não o Cristo, já que João anteriormente tinha revelado que ele próprio não o era, e disse: “vem

⁹⁴ MAZZAROLO, I. *Lucas: A Antropologia da Salvação*, p. 233.

⁹⁵ ALETTI, J. N. *El arte de contar a Jesucristo: Lectura narrativa del Evangelio de Lucas*, p. 20.

⁹⁶ VITÓRIO S. J. J. “*E Procurava Ver Quem Era Jesus...*” Análise do sentido teológico de “ver” em Lc 19,1-10, p. 11-12.

aquele que vos batizará com o Espírito Santo e com o fogo” (Lc 3,16). Logo, o pensamento deste autor, sobre o desejo de Zaqueu procurar ver quem era Jesus é semelhante ao de Aletti e de Vitério, que o publicano sabia quem estava procurando e tinha grande interesse e importância, pois ver Jesus era fundamental em sua vida.

2.6 ZAQUEU ERA DE BAIXA ESTATURA

[...] mas não o conseguia por causa da multidão, pois era de baixa estatura (Lc 19,3b).

O significado que o evangelista quer transmitir como “*ser*” *pequeno na estatura* (τῆ ἡλικίᾳ μικρὸς ἦν) ou “*ter*” *baixa estatura* leva a muitas e diferentes interpretações. Para Fitzmyer, por exemplo, “os dados sobre a baixa estatura de Zaqueu são de natureza puramente física”.⁹⁷

Para Mazzarolo, “a baixa estatura de Zaqueu era psicológica e ética, mais uma questão literária do que física. Essa baixeza não era corporal, mas psicológica, antropológica e espiritual, pois Zaqueu estava naufragado num ambiente de corrupção e não tinha olhos nem coração nem muito menos altura para ver a justiça”.⁹⁸ Assim Mazzarolo entende que Lucas, apresenta esta baixeza de Zaqueu para mostrá-lo mergulhado na sua própria mediocridade e corrupção.

Segundo Parsons, “esta caracterização física se junta com as outras descritas como 'rico' e 'coletor de impostos' para formar a imagem irônica de um Zaqueu ‘*de pequena estatura moral*’ que é traidor, mesquinho e ganancioso”.⁹⁹

Para Robertson, “Zaqueu era um homem de pequena estatura e as pessoas faziam chacota da sua condição física. Mas Zaqueu não deixou que um problema físico interferisse na sua vida espiritual. Ele queria ver Jesus, por isso subiu num sicômoro”.¹⁰⁰

Por outro lado, Lappenga, interpreta o termo utilizado por Lucas de forma diferente:

Zaqueu não era de baixa estatura física, mas era jovem. A frase que Lucas usa é ‘pequena em *hēlikia* (ἡλικία)’. Há alguns casos obscuros na literatura grega onde *hēlikia* poderia ser usado para indicar altura, e Lucas já a usou em outras frases:

⁹⁷ FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas*: Vol. IV, p. 61.

⁹⁸ MAZZAROLO, I. *Lucas – A Antropologia da Salvação*, p. 235.

⁹⁹ PARSONS, M. C. ‘*Short in Stature*’: *Luke’s Physical Description of Zacchaeus*. *New Testament Studies*, p. 50.

¹⁰⁰ ROBERTSON, A. T. *Comentário Lucas à luz do Novo Testamento grego*, p. 322. In LOPES, H. D. *Lucas: Jesus, o homem perfeito*, p. 549.

"E Jesus aumentou em sabedoria e em *anos* [*hēlikia*]" (Lc 2,52); e, "Alguns de vocês se preocupam em adicionar uma única hora à sua *vida* [*hēlikia*]?" (Lc 12,25). Isso chama a atenção, então, para o que Lucas está indicando quando relata: "Ele estava procurando ver quem Jesus é, e não podia por causa da multidão" (Lc 19,3). Uma autoridade rica que é *baixo em estatura* presumivelmente não teria problemas em garantir uma visão de Jesus.¹⁰¹

E Lappenga conclui que se Zaqueu é *jovem* ("pequeno em anos"), isso, juntamente com o status de publicano, ajuda a entender por que *a própria multidão se opõe a ele*, considerando-o indigno de estar presente na chegada de um visitante honrado.¹⁰²

As características de inocência e pureza no significado do nome Zaqueu, também são semelhantes às características das crianças, que são vistas como inocentes e puras. Lucas revela que os discípulos impediam as crianças de aproximarem-se de Jesus (Lc 18,16). Porém ele permitiu a aproximação das crianças, revelando que o Reino dos Céus pertence aos que se tornam semelhantes a elas. Na relação destas passagens de Lucas, as crianças, que são de pequena estatura, são impedidas pelos discípulos de ver Jesus, mas ele permite o encontro, assim como Zaqueu era impedido pela multidão, devido a sua baixa estatura, mas Jesus o viu e fez o encontro em sua casa.

Outra hipótese, interpretada pelo autor desta dissertação, está baseada na possibilidade do publicano de Jericó ter sido batizado em Lc 3,12. Esta hipótese será explicada ao longo desta pesquisa. Caso for verdadeira pode-se interpretar que Lucas quis transmitir na expressão "*pois era de baixa estatura*" é que Zaqueu fazia jus ao significado do seu nome que quer dizer puro, inocente, justo. Assim estaria sendo simbolizado na baixa estatura que ele era manso, humilde, pequenino, semelhante as crianças e respeitoso pois não usava de sua autoridade de publicano, para abrir caminho e passar na frente das outras pessoas, pois já teria se convertido. Estas características seriam consequências de seu arrependimento e conversão na hipótese de ter sido batizado e discípulo de João Batista.

2.7 ZAQUEU SUBIU NUM SICÔMORO

Correu então a frente e subiu num sicômoro para ver Jesus que passaria por ali. (Lc 19, 4)

¹⁰¹ LAPPENGA, B. *Reading in Context: Zacchaeus and the Economics of Salvation*, pp. 1-2.

¹⁰² LAPPENGA, B. *Reading in Context: Zacchaeus and the Economics of Salvation*, p. 2.

O sicômoro ‘*sycamore*’ (συκομορέαν) ou *ficus sycomorus*, é uma árvore que atinge até 18 metros. A madeira é leve e porosa, e foi utilizada por Salomão (1Rs 10,27; 2Cr 1,15). Ela também foi utilizada para confecção de sarcófagos egípcios, móveis, caixas e portas. Sua fruta servia de alimento e as folhas foram usadas como curativo para ferimentos.¹⁰³ Muitos estudiosos interpretam de formas diferentes o significado do sicômoro neste versículo.

Para Magness, “a expressão ‘*sycamore*’ (συκομορέαν) não era um sicômoro. *Sycamore* é apenas um transliteração infeliz camuflando ‘figueira’¹⁰⁴. Para ele a tradução seria *sukomorea*, pois uma leitura do texto grego desta narrativa revela que a árvore que Zaqueu escalou (*sukomorea*) compartilha uma raiz lexical com o que ele confessou ser, um *sukophantes* (fraudador ou extorsor).¹⁰⁵ Então para Magness, a expressão não era onde Zaqueu estava, mas o que ele era.

Para Isidoro Mazzarolo, “a expressão ‘*sycamore*’ é uma metáfora”.¹⁰⁶ Em sua obra, ele pergunta se Zaqueu mesmo subiu num sicômoro. Havia necessidade de ele subir na árvore? E esclarece sua interpretação:

É preciso aqui entender a metáfora da árvore. Uma criança para ver algo no meio de uma multidão, precisa ser erguida e estar sobre os ombros de seu pai ou sua mãe. Um “anão” precisa de um estrado ou apoio mais elevado a fim de ver algo no meio da massa humana. O sicômoro, árvore presente em Jericó, serve de metáfora para que o “anãozinho ético”, chamado Zaqueu, possa ver a luz da verdade e do bem. Assim sendo, o sicômoro para Zaqueu deve ter sido um amigo, um conhecido e alguém que, profeticamente, convidou Zaqueu para conhecer este Homem que fazia coisas maravilhosas.¹⁰⁷

Para Lopes, a expressão ‘*sycamore*’ é realmente uma figueira onde Zaqueu utilizou-a para solucionar o seu problema de baixa estatura num instrumento para aproximar-se de Jesus.¹⁰⁸ Ele demonstrou pressa para encontrar-se com Jesus. Zaqueu não se importou com sua condição de homem rico. Deixou de lado seu status, seus títulos e sua fama e subiu em uma árvore para ver Jesus. Renunciou à vaidade e o orgulho. Não se importou com a opinião da multidão e não deu atenção às críticas, zombarias, chacotas ou escárnios.¹⁰⁹

¹⁰³ FREEDMANN, D. *Anchor Bible Dictionary*, p. 2.910.

¹⁰⁴ MAGNESS, J. L. *Who Cares That it Was a Sycamore? Climbing Trees and Playing on Words in Luke 19.1-10*, p. 1.

¹⁰⁵ MAGNESS, J. L. *Who Cares That it Was a Sycamore? Climbing Trees and Playing on Words in Luke 19.1-10*, p. 1.

¹⁰⁶ MAZZAROLO, I. *Lucas, a Antropologia da Salvação*, p. 233.

¹⁰⁷ MAZZAROLO, I. *Lucas, a Antropologia da Salvação*, p. 233.

¹⁰⁸ LOPES, H. D. *Lucas: Jesus, o homem perfeito*, p. 549.

¹⁰⁹ LOPES, H. D. *Lucas: Jesus, o homem perfeito*, p. 549.

Diante de todas estas diferentes interpretações que foram aqui colocadas, com o objetivo de demonstrar a variedade de conclusões sobre este relato, o autor desta dissertação interpreta que a expressão ‘*sycamore*’ (συκομορέαν) significa literalmente a figueira sicômoro, conforme pensa Lopes, pois a atitude de Zaqueu em subir nela poderia estar motivada pela sua grande curiosidade ou pela sua fé, na esperança de ver em Jesus o “Cristo” que não viu na pessoa de João Batista em Lc 3,15-17, caso fosse um dos publicanos batizados.

2.8 JESUS VÊ ZAQUEU

Quando Jesus chegou ao local, levantou os olhos e disse-lhe: ‘Zaqueu, desce depressa, pois hoje é necessário eu ficar em tua casa’ (Lc 19,5).

Jesus vê Zaqueu empoleirado na árvore. Lucas, por sua parte, furta-se de explicar como Jesus sabia da presença de Zaqueu entre os ramos do sicômoro e de onde sabia seu nome. A iniciativa do encontro pessoal foi de Jesus, pois ele veio buscar e salvar o perdido. Liefeld diz que “o desejo de Zaqueu de ver Jesus foi suplantado pelo desejo de Jesus de vê-lo”.¹¹⁰ Tendo visto Zaqueu, Jesus "auto convida-se" para uma breve estadia na casa do maioral dos publicanos.

Para Vitório, o “aspecto messiânico do ‘olhar’ de Jesus é indicado também pela forma verbal *dei* (δεῖ) (é necessário)”, cujo uso em Lc 19,5 é intrigante.¹¹¹ O modo como Jesus se dirige a Zaqueu indica que existe algo de extraordinário do seu conhecimento sobre ele, embora sem tê-lo visto antes. Jesus chama-o pelo nome e lhe dá ordens animadoras a respeito de sua estadia. Isto só é compreensível num contexto do conhecimento da expectativa, pois Zaqueu recebe as ordens de Jesus e obedece com alegria. Assim, Jesus estaria conhecendo os desejos e a conduta de Zaqueu, de forma messiânica. Vitório conclui que “o *conhecer*, para Jesus, independe, pois, do *ver*”.¹¹²

¹¹⁰ LIEFELD, W. Luke, *apud* BARKER, K; KOHLENBERGER III, J. *Zondervan NIV Bible Commentary apud* LOPES, H. D. *Lucas: Jesus, o homem perfeito*, p. 550.

¹¹¹ Lucas usa a forma verbal *dei* (é necessário) 18 vezes, Mt 8 vezes, Mc 6 vezes e Jo 10 vezes. Nos Atos dos Apóstolos, ela é empregada 22 vezes. Quando foi encontrado no templo, discutindo com os doutores, Jesus diz a seus pais: "Não sabíeis que me é *necessário* ocupar-me com as coisas do meu Pai?" E em Lc 4,43, Jesus afirma ser *necessário* (*dei*) anunciar o evangelho a outras cidades, "pois para isto fui enviado". Sua paixão, morte e ressurreição também se colocam no contexto deste *dei* (Lc 17,25; 24,7), como o próprio ressuscitado explica aos discípulos de Emaús: "Ô insensatos e lentos de coração para crer tudo o que os profetas anunciaram! Não era *necessário* (*dei*) que o Cristo sofresse tudo isto e entrasse em sua glória?" (Lc 24,25s). Cf. VITÓRIO S. J. J. “*E Procurava Ver Quem Era Jesus...*”, p. 18.

¹¹² VITÓRIO S. J. J. “*E Procurava Ver Quem Era Jesus...*” p. 18.

O autor desta dissertação, concorda com Vitório sobre o aspecto *messiânico do olhar* de Jesus, pois interpreta que o Filho do Homem *já conhecia* Zaqueu e seus desejos, de forma messiânica e o encontrou empoleirado no sicômoro, antes do publicano ver “quem era Jesus” (Lc 19,3). Quando Jesus olhou para Zaqueu, chamou-o pelo nome e auto convidou-se para ficar na sua casa, é interpretado por este autor, como o momento em que Jesus revelou-se como *messias*, mostrando seu “aspecto messiânico” conforme já foi citado anteriormente por Vitório. Assim o publicano, caso estivesse batizado, conforme explicações posteriores nesta pesquisa, teria compreendido que Jesus seria o Cristo esperado (Lc 3,15-16).

2.9 ZAQUEU RECEBE JESUS

Ele desceu imediatamente e recebeu-o com alegria (Lc 19,6).

Zaqueu subiu no sicômoro com o desejo de ver quem era Jesus e desceu a toda pressa por causa do seu pedido e abriu seu coração e sua casa para recebê-lo.

Para Mazzarolo, “Zaqueu atende imediatamente o chamado e desce da árvore e acolhe Jesus (a salvação) em sua casa. Este encontro de Zaqueu e Jesus revela que, não obstante suas riquezas, ele é capaz de fazer do difícil o possível”.¹¹³

Segundo Rius-Camps, “a alegria é sinal aqui de estar em linha com o projeto de Deus sobre o homem. [...] A presença de Jesus implica sempre alegria na comunidade que o acolhe”.¹¹⁴ O autor desta dissertação, levando em consideração a hipótese do batismo do publicano, entende que a pronta obediência de Zaqueu em descer e a sua alegria em receber Jesus estariam sendo motivadas pelo reconhecimento, no alto do sicômoro, de que ele era o Cristo (Lc 3,15-16) que iria ficar em sua casa.

2.10 MURMÚRIO CONTRA JESUS

À vista do acontecido, todos murmuravam, dizendo: [...] (Lc 19, 7a) .

¹¹³ MAZZAROLO, I. *Lucas, a Antropologia da Salvação*, p. 234.

¹¹⁴ RIUS-CAMPS, Josep. *O Evangelho de Lucas: o êxodo do homem livre*, p. 287.

Para Fitzmyer, a “expressão “todos” (πάντες) é uma hipérbole típica do evangelista, também usada nos versículos 3,16; 4,15; 9,11. Observa-se que não há distinção entre os discípulos, outros acompanhantes e moradores locais”.¹¹⁵ Assim pode-se interpretar que quem murmurou contra Jesus foram aqueles que o rejeitavam e também conheciam Zaqueu e rejeitavam os publicanos, como os fariseus e escribas (Lc 5,30; 18,11). Os discípulos, possivelmente não iriam murmurar contra Jesus e nem conheciam Zaqueu.

O murmurar (διεγόγγυζον)¹¹⁶ contra Jesus é motivado pelo fato dele ter ido a casa de um publicano a quem os fariseus, escribas e outros judeus, julgavam pecador por acharem que sua profissão ia contra a vontade de Deus, ou também, por julgarem impuro por estar em constante contato com os romanos dominadores. Desta forma Jesus e Zaqueu estariam sendo rejeitados. Fitzmyer revela que “Lucas já havia usado este mesmo verbo διεγόγγυζον nos vv. 5,30 e 15,2 para descrever uma atitude crítica dos fariseus e escribas contra Jesus e seus discípulos”.¹¹⁷ Então conclui-se que quem murmurou foram fariseus e escribas de Jericó e algumas pessoas que concordavam com eles na rejeição à Jesus e aos publicanos.

2.11 ZAQUEU É ACUSADO DE PECADOR

“Foi hospedar-se na casa do pecador!” (Lc 19,7b)

Zaqueu, o maioral dos publicanos de Jericó, foi taxado de pecador pela multidão murmurante contra Jesus (Lc 19,7).

Em diversas passagens dos evangelhos, os publicanos são colocados junto com pecadores (Mt 9,10-11; 11,18-19; 21,31-32; Lc 15,1-2; 18,9-14).

Segundo Barbosa, o evangelista Lucas percebia um equívoco da sociedade de seu tempo, porque viam os ricos como pessoas autossuficientes, desinteressadas da religião e/ou

¹¹⁵ FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas*: Vol. IV, p. 63.

¹¹⁶ O murmurar (διεγόγγυζον) significa falar contra alguém ou algo; maldizer; conceber mau juízo; difamando ou desacreditando; censurando ou repreendendo disfarçadamente em voz baixa. A Bíblia refere-se aos israelitas que tinham o mau hábito de murmurar sempre, especialmente na época do êxodo “Todos os filhos de Israel murmuraram contra Moisés e Aarão” (Nm 14,2) A murmuração quase sempre objetivava uma reclamação contra Deus: “Até quando esta comunidade perversa há de murmurar contra mim?” (Nm 14,27) . Os escribas e fariseus constantemente aparecem murmurando contra Jesus numa atitude de rejeição (Jo 6,41). Ela revela o baixo nível da espiritualidade do murmurador, a falta de respeito, a falta de sabedoria e a falta de fé. Em Ecl 28,13 há uma maldição contra aquele que murmura: “Maldito o murmurador e o velhaco, porque arruinam a muitos que vivem em paz.” Cf. RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, p. 130.

¹¹⁷ FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas*: Vol. IV, p. 63.

“rejeitadas por Deus devido ao pecado da ganância”.¹¹⁸ E também os fariseus e escribas acreditavam que comer com publicano, tocar um leproso, comer sem lavar as mãos, tornava a pessoa impura, e qualquer contato com esta pessoa contaminava os outros. Esta crença era originada na interpretação de Lv 19,2, que cita: “Sede santos, porque eu sou santo”. Então, acreditavam que quem não era puro não podia chegar perto de Deus para receber dele a bênção prometida a Abraão. Por isso, as pessoas “impuras” deviam ser evitadas.¹¹⁹ Hillyer entende que “os judeus ortodoxos ficavam ofendidos ainda mais pelo fato de que os publicanos ficavam impuros mediante o contato contínuo com os gentios”¹²⁰ Assim interpreta-se que alguns membros da multidão taxaram Zaqueu de pecador porque ele era rico por ganância, e/ou impuro por trabalhar para os romanos. E murmuraram contra Jesus porque ele estaria fazendo amizade com um pecador, tornando-se impuro.

Mas será que o publicano, ao exercer a profissão, coletando impostos para os romanos, estava sendo pecador?

Mazzarolo define o pecado da seguinte forma:

O pecado é desumanização, é desconfiguração do ser e deformação do humano, porque fere o primeiro princípio das relações entre semelhantes: é a negação da justiça. Teologicamente, o pecado implica as relações *homem x Deus e homem x homem*, sempre que uma atitude ou pensamento humano estejam implicando o prejuízo do seu próximo (cf. Mt 5,21-48). O *sétimo mandamento* proíbe apropriar-se daquilo que é dos outros: *Não roubarás*. O *décimo mandamento* interdita o desejo de qualquer apropriação indébita: *Não desejarás a casa, as coisas, a propriedade do teu próximo*. Estes desejos, dentro da visão do pecado, são normalmente entendidos como cobiça. Cobiçar é desejar, pretender ou querer aquilo que pertence ao outro. Ao proibir a apropriação indébita e até o seu desejo, os mandamentos estão defendendo o direito de propriedade privada, da posse, da administração e da liberdade de possuir. Tudo o que é dos outros é parte da vida, da história e da identidade deles.¹²¹

Naquele tempo, o território de Israel estava invadido e o povo judeu, dominado pelos romanos, era forçado a pagar altos impostos. Para a sociedade teocrática dos judeus, a figura do cobrador de impostos, segundo Rius-Camps, “ainda que fosse de nacionalidade judaica, era o símbolo do renegado e mercenário a serviço do poder despótico de Roma”.¹²² Assim Lucas, ao citar Zaqueu, como maioral dos publicanos e rico (Lc 19,2), estaria resumindo na sua pessoa

¹¹⁸ BARBOSA, J. C. *Espiritualidade e Estilo de Vida: contribuições éticas, econômicas e sociais a partir do evangelho de Lucas*, p. 123.

¹¹⁹ MESTERS, Carlos; LOPES, Mercedes, *Sobre o puro e o impuro*, n.p.

¹²⁰ HILLYER, N. *Imposto*. Apud COENEN, L; BROWN, C. (Orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, p. 1.016.

¹²¹ MAZZAROLO, I. *O que é o pecado? Pecado original, individual, social, mortal, contra o Espírito Santo, pecados capitais*, p. 15-16, 54-55, 59-60.

¹²² RIUS-CAMPS, J. *O Evangelho de Lucas: o êxodo do homem livre*, p. 285.

duas iras da sociedade israelita,¹²³ uma sobre a traição que gera impureza e outra sobre a extorsão ao povo. Por isto estariam taxando-o de pecador.

Porém, quando um publicano agia honestamente, cobrando conforme o prescrito (Lc 3,13), ainda assim não era acolhido pelos fariseus e escribas, e já muito difamado, passava a ser vítima de uma retórica preconceituosa e generalista, sendo rejeitado socialmente e politicamente. E para justificar esta retórica maldosa, também era considerado pecador, porém sem fundamento religioso.

Para esclarecer a questão religiosa na qual a profissão de publicano era ou não pecaminosa, este trabalho apresenta os argumentos abaixo, baseados nas passagens bíblicas de João Batista, Jesus e Paulo, e os contidos no capítulo 4.6.

João Batista era tido como profeta (Lc 7,26) e por consequência dava orientações acreditadas pelo povo como vindas de Deus. Nas orientações em Lc 3,12-13, dadas especificamente para os publicanos, o profeta pede para eles coletarem os impostos dentro dos limites que lhes foram prescritos pelas autoridades tributárias. Conclui-se então, que João Batista não classifica a profissão como pecaminosa, e sim, a coleta a maior do prescrito.

A simples leitura da famosa ordem de Jesus, “*Devolvei, pois, a César o que é de César*”, contida em Lc 20,25, interpreta-se que ele não se posicionou contra a coleta de moedas romanas para o imperador. E quem fazia esta coleta eram os publicanos. Jesus também convivia com publicanos e em nenhum momento pede para largarem desta profissão por considerá-la pecaminosa. Logo, percebe-se que Jesus não via o publicano como um pecador pela profissão.

Busca-se também o posicionamento de Paulo em sua Carta aos Romanos (Rm 13,7-8). Lá, o apóstolo orienta os seguidores de Cristo a aceitarem os impostos e pagá-los, sem ficar devendo nada a ninguém, a não ser o amor recíproco. Porém para haver o pagamento é necessária uma estrutura com coletores. Assim, se pagar impostos não é pecar, então pertencer a estrutura de coleta também não seria. Logo interpreta-se que o Apóstolo dos Gentios não definiria a profissão de coletor de impostos como pecadora.

Portanto Zaqueu, como maioral dos publicanos em Jericó, se coletasse impostos dos judeus para os romanos, conforme o prescrito, não estaria sendo pecador, conforme murmúrio de alguns, e sim, exercendo um ofício não rejeitado por João Batista, Jesus e Paulo.

¹²³ RIUS-CAMPS, J. *O Evangelho de Lucas: o êxodo do homem livre*, p. 285.

2.12 ZAQUEU FICA DE PÉ DIANTE DE JESUS

Zaqueu, de pé, disse ao Senhor: [...] (Lc 19, 8a).

Fitzmyer interpreta que “[...] Zaqueu, ao ouvir as murmurações daquela gente, para diante de Jesus, e de pé, fala com ele com a maior deferência”.¹²⁴ Ficar de pé diante de outra pessoa é uma demonstração de respeito. Lucas mostra na parábola do fariseu e o publicano (Lc 18,9-14) que a posição de pé é a forma de oração no Templo e também a posição de ficar diante do Filho do Homem na escatologia (Lc 21,36). Assim, pode-se interpretar que Lucas estaria demonstrando que Zaqueu, com devido respeito e deferência a Jesus, ficou na posição que o vigilante e orante fiel ficará diante do Senhor, para receber a sua redenção no fim dos tempos. Assim Lucas poderia estar preparando seu leitor ao entendimento de que Zaqueu ao falar com Jesus, estaria na posição correta, pronto para receber a salvação.

2.13 ZAQUEU CHAMA JESUS DE SENHOR

Senhor, [...] (Lc 19, 8b).

Zaqueu "desejava ver quem era Jesus" (19,3), e a única vez que dirige a palavra, fica de pé e o chama de Senhor (Κύριε). Segundo Vitória, “a passagem de Jesus a Senhor pode indicar um caminho de fé percorrido por Zaqueu paralelamente ao outro caminho físico-corporal, desde o *protrechô* (correr na frente) (v.4) até o *hypodechomai* (acolher como hóspede) (v.6)”.¹²⁵ O desejo de Zaqueu, deste modo, é realizado e ele chega a "ver" quem, de fato, é Jesus”, ou seja, o kyrios (Κύριε) Senhor.¹²⁶

¹²⁴ FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas*: Vol. IV, p. 63.

¹²⁵ VITÓRIO S. J. J. “*E Procurava Ver Quem Era Jesus...*” Análise do sentido teológico de “ver” em Lc 19,1-10, p. 16.

¹²⁶ O vocábulo kyrios (Κύριε) (Senhor) aparece duas vezes em Lc 19,8. O narrador, a nível metanarrativo, refere-se a Jesus como kyrios — “Zaqueu disse ao Senhor”. É a expressão da fé do narrador. *A palavra kyrios (Κύριε) é posta na boca de Zaqueu, quando este faz a declaração de sua conversão efetiva (ou porque reconhece Jesus como o Cristo.* [Nota do autor desta dissertação]. “Eis, a metade dos meus bens, kyrie (Κύριε), eu dou aos pobres...” — Dos Evangelistas, Lucas é quem faz uso mais freqüente do vocábulo kyrios — 103 vezes. Mt usa-o 80 vezes, Mc 18 vezes e J o 51 vezes. Lucas tende a colocar a forma vocativa kyrie na boca dos discípulos (cf. 5, 8; 9, 54; 10, 17; 11, 1; 17, 37; 22, 33.38.49), e na boca de não-discípulos (9, 61; 10, 40; 12, 23; 18, 41). Zaqueu (19, 8) coloca-se nesta pequena lista. Lucas, seja nos textos exclusivos seja em textos da tradição reelaborados, refere-se a Jesus como kyrios (cf. 7, 13.19; 10, 1.39.41; 11, 39; 13, 15; 17, 5.6; 18, 6; 19, 8; 22, 61). - O título kyrios diz respeito a Jesus Ressuscitado e é expressão da fé da Igreja no senhorio daquele que o Pai ressuscitou e a quem deu “todo o poder no céu e sobre a terra” (Mt 28,18). Chamar Jesus de Senhor é mover-se no âmbito da fé

O autor desta dissertação segue o raciocínio de Vitorio e, com objetivo de argumentar que Zaqueu teria sido um dos publicanos em Lc 3,15-17, interpreta que ele chama Jesus de “senhor” (Κύριε)¹²⁷ porque encontrou o Cristo que talvez anteriormente pensasse ser João Batista. O mesmo reconhecimento ocorre com o centurião de Cafarnaum que diz a Jesus: “Senhor (Κύριε), não te incomodes, porque não sou digno que entres em minha casa. Dize, porém, uma palavra, para que meu criado seja curado” (Lc 7,6b-7b). Logo após, Jesus declara que nem em Israel encontrou tamanha fé (Lc 7,9b). E quando regressaram, encontraram o criado que estava doente, em perfeita saúde. A fé do centurião que levou a cura do seu servo pode ser a mesma fé de Zaqueu que obteve a salvação.

2.14 ZAQUEU DECLARA-SE PARA JESUS

[...] eis que dou a metade dos meus bens aos pobres, e se defraudei a alguém, restituo-lhe o quádruplo (Lc 19, 8c).

Nas interpretações desta declaração de Zaqueu, existem diferentes entendimentos entre os estudiosos, que surgem a partir da conjugação verbal dos verbos δίδωμι (dar) e ἀποδίδωμι (restituir) em grego koiné, utilizados por Lucas. Alguns estudiosos interpretam que a declaração de Zaqueu (Lc 19,8) foi uma resolução¹²⁸ a ser feita no futuro, pois entendem que a conjugação de δίδωμι (dar) e ἀποδίδωμι (restituir) deve ser lida no futuro do presente (darei e restituirei). Outros interpretam que foi uma declaração de defesa¹²⁹ aos que murmuraram contra Jesus e chamaram o publicano de pecador, revelando ser suas ações habituais, pois entendem que a conjugação verbal deve ser lida no presente do indicativo (dou e restituo).

A diferença nas interpretações afeta substancialmente o significado da perícopa. O presente do indicativo comunica a atitude usual de Zaqueu para com seus bens e como ele conduz seus negócios. Nesta conjugação, ele dá metade do que tem aos pobres e restaura o quádruplo de qualquer coisa que possa ter extorquido de uma pessoa de forma involuntária. Na conjugação no futuro do presente, no entanto, indica a resolução de Zaqueu de adotar a atitude

(cf. A t 2,36; 1 Co 12,3; Rm 10,9; Fl 2,11). Cf. VITÓRIO S. J. J. “E Procurava Ver Quem Era Jesus...” Análise do sentido teológico de “ver” em Lc 19,1-10, p. 16.

¹²⁷ RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, p. 279.

¹²⁸ HAMM, D. *Luke 19:8 Once Again: Does Zacchaeus Defend or Resolve?*, p. 431-437; STORNILO, Ivo. *O Evangelho de Lucas: os pobres constroem nova história*, pp. 167-168.

¹²⁹ FITZMYER, J. A. *The gospel according to Luke X-XXIV*, p. 1220-1221; MITCHELL, A. C. *Zacchaeus Revisited: Luke 19,8 as a defense*, p. 162.

declarada a ser conduzida de acordo com o futuro.

Segundo Mitchell, “a questão destes debates é se δίδωμι (dou) e ἀποδίδωμι (restituo) devem ser entendidos como futuro do presente ou presente do indicativo”¹³⁰.

Diante deste dilema, Mitchell escreveu seu pensamento com o objetivo de “juntar-se à discussão de Lc 19,8 e sugerir que, na história de Zaqueu, Lucas queria mostrar como a salvação veio a um judeu leal, um filho de Abraão, sem necessariamente implicar que Jesus o via como um pecador”.¹³¹

Lucas em suas obras, escreve algumas passagens de salvação oferecidas por Jesus, que não são relatadas em outros evangelhos, e que pede ao leitor para pensar além dos Sinóticos. Um dos casos é a salvação, na última hora, oferecida ao malfeitor crucificado (Lc 23,40-43) porque ele reconhece a justiça que está recebendo, não pede perdão, mas pede para Jesus lembrar-se dele no seu Reino. E Jesus lhe responde: “Em verdade, eu te digo, hoje estarás comigo no Paraíso” (Lc 23,43). No caso de Zaqueu, segundo Mitchell, “Jesus estaria oferecendo a salvação porque ele é um judeu crente e age com generosidade e justiça, e não porque ele mudou repentinamente de coração”.¹³² Como o julgamento de "pecador" vem somente da multidão murmurante, pode-se perceber a visão preconceituosa e generalista contra os publicanos nos dias de Jesus. Assim, conclui Mitchell, “a interpretação favorecida aqui, é vista como a defesa de Zaqueu declarando suas ações habituais contra as falsas percepções de seus oponentes, que estão criticando Jesus, principalmente, por se associar a um aparente pária.”¹³³ Para Mitchell, “interpretar a declaração de Zaqueu como uma resolução para o futuro, é ler a história de acordo com o estereótipo que Lucas está tentando subverter”.¹³⁴

O fato de Lucas escrever que Jesus justificou Zaqueu ao declarar a salvação de um "filho de Abraão" não é um relato único da história da salvação (Lc 13,16). O uso do patriarca nas obras de Lucas (Lc 3,8), fornece informações que fortalecem a leitura da afirmação de Zaqueu como uma defesa contra a acusação de pecador. Assim, a ligação de Zaqueu a Abraão, feita por Lucas, mereceria um estudo maior desta narrativa do que recebe pelos estudiosos bíblicos.

Apesar da maioria da opinião acadêmica venha a compreender que δίδωμι (dou) e ἀποδίδωμι (restituo) é futuro do presente, sinalizando futuras ações prometidas por Zaqueu, para Mitchell,

¹³⁰ MITCHELL, A. C. *Zacchaeus Revisited*: Luke 19,8 as a defense, p. 154.

¹³¹ MITCHELL, A. C. *Zacchaeus Revisited*: Luke 19,8 as a defense, p. 153.

¹³² MITCHELL, A. C. *Zacchaeus Revisited*: Luke 19,8 as a defense, p. 153.

¹³³ MITCHELL, A. C. *Zacchaeus Revisited*: Luke 19,8 as a defense, p. 154.

¹³⁴ MITCHELL, A. C. *Zacchaeus Revisited*: Luke 19,8 as a defense, p. 154.

“há razões convincentes para interpretar esses verbos como iterativos, marcando suas ações como habituais, no presente do indicativo. Depois que as preliminares de caráter, lugar e tudo são fixadas, Jesus é explicitamente criticado pelas pessoas que murmuram por ter ido à casa de Zaqueu. A implicação da multidão é retratar Jesus como um pecador por se associar com alguém que é considerado pecador.”¹³⁵

Desta maneira, Zaqueu estaria se defendendo da acusação de pecador, revelando seus frutos de generosidade aos pobres e justiça aos defraudados e, por consequência, defende a ação de Jesus em hospedar-se em sua casa. Com isto, o objetivo seria contrapor as críticas da multidão. Finalmente, a história termina com a justificação explícita feita por Jesus sobre Zaqueu: “Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão” (v. 9), e uma justificação implícita para a ação de Jesus no pronunciamento do v. 10: “Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido”.

Seguindo seu raciocínio de defesa, Mitchell explica que “o desafio de Lucas de uma conexão fácil entre publicanos e pecadores dá a Jesus um papel crítico na narrativa, como o defensor (salvador) de Zaqueu”.¹³⁶ Desta forma, a defesa de Zaqueu levaria o julgamento de seus críticos a uma contradição ao mostrar que sua ação costumeira é marcada pela honestidade. Porém sem a justificação de Jesus, sua defesa seria ineficaz.

Fitzmyer procura explicar sua interpretação da seguinte forma:

Em reação ao interesse de Zaqueu, Jesus toma a iniciativa e se auto convida para ficar em sua casa, provavelmente para passar a noite. Jesus não hesita em ficar com um homem rico e não na casa do pobre, na casa do publicano e não na do cidadão comum, na casa do "pecador" e não na casa de um homem íntegro. É lógico que a decisão de Jesus provoque críticas e decepções dos companheiros: “Foi hospedar-se na casa do pecador”, uma acusação que lembra os comentários recolhidos em Lc 5,30 e 7,34. Diante dessas críticas, Zaqueu fica chateado; é possível que ele seja um "pecador", mas dá aos pobres metade de seus bens e restitui amplamente qualquer extorsão em que possa ver-se implicado. Zaqueu não se humilha, mas também não se exalta (compare-se com a série de qualidades de honestidade pessoal de que se presume o fariseu da parábola anterior (Lc 18,11-12) com a *defesa* digna e respeitosa que o publicano Zaqueu faz de si mesmo).¹³⁷

Desta forma, tanto Fitzmyer como Mitchell entendem que Zaqueu estaria se defendendo da acusação de “pecador” e Jesus estaria justificando sua inocência, pois ele seria

¹³⁵ MITCHELL, A. C. *Zacchaeus Revisited*: Luke 19,8 as a defense, p. 158 .

¹³⁶ MITCHELL, A. C. *Zacchaeus Revisited*: Luke 19,8 as a defense, p. 162.

¹³⁷ FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas*: Vol. IV, p. 57.

“um exemplo do rico que entendeu o significado do ministério e da mensagem de Jesus, e de sua preocupação pelos pobres e defraudados.”¹³⁸

Malina e Rohrbach seguem o mesmo raciocínio de Fitzmyer e Mitchell, escrevendo que, como os verbos gregos (δίδωμι e ἀποδίδωμι) estão no tempo presente e significam “eu dou e eu restituo” entende-se que esta compensação é realizada de forma costumeira.¹³⁹

Hamm discorda desta forma de interpretação pois entende que a leitura correta seria de conversão e não de defesa. Para isto, alega que ela “erra em sua leitura de texto e contexto e que a leitura tradicional (que 19:8 é a resolução de um convertido) ainda faz o melhor sentido”.¹⁴⁰ Para ele “a questão não é tanto como esses tempos presentes devem ser traduzidos, mas como eles devem ser entendidos”.¹⁴¹ Hamm entende que a compreensão futurista mais natural de ἀποδίδωμι é “estou restituindo” e levaria a declaração como uma resolução para reparar fraudes cometidas no passado, como a leitura mais natural de *esycphantêsa* implica.¹⁴² E alega também que “a ideia de que um cobrador de impostos pudesse defender seu comportamento justo e, ao mesmo tempo admitir lapsos de extorsão parece bastante contraditória”.¹⁴³ Porém aqui, Hamm estaria ignorando que a avaliação para o cálculo de cobrança de impostos seria uma conta complexa e que poderia ocorrer erros involuntários. Também estaria ignorando que o próprio Zaqueu, para fazer justiça sobre atos falhos, se autopenitencia com a restituição quádrupla pois este comportamento é típico de uma pessoa justa. Portanto, neste caso, não haveria nenhuma contradição.

Também argumenta Hamm que “se Lucas quer que o leitor veja Zaqueu como um exemplo da forma de ser um filho de Abraão, faz mais sentido que o publicano seja um exemplo do tipo de conversão tratado em 3,7-14 do que ele seja um exemplo de uma pessoa justa que não precisa de conversão tratado em 5,32.”¹⁴⁴ Aqui também Hamm, com este argumento estaria passando despercebido sobre a possibilidade de que Zaqueu poderia estar em Lc 3,7-14 e ter sido um filho de Abraão convertido por João Batista. E no encontro com Jesus ele não estaria precisando de conversão, mas sim, de salvação como qualquer pessoa humana justa ou não, pois era conceituado de “pecador” por preconceituosos em relação a sua profissão. Portanto os argumentos de Hamm, de que Zaqueu seria um extorsor intencional e converteu-se no encontro com Jesus, passando a ser generoso e justo a partir daquele momento, carece de uma visão sobre

¹³⁸ FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas*: Vol. IV, p. 58.

¹³⁹ MALINA, B.; ROHRBAUGH, R. L. J. *Evangelhos Sinóticos*: Comentário à luz das ciências sociais, p. 338.

¹⁴⁰ HAMM, D. *Luke 19:8 Once Again*: does Zacchaeus defend or resolve? p. 432.

¹⁴¹ HAMM, D. *Luke 19:8 Once Again*: does Zacchaeus defend or resolve? p. 432.

¹⁴² HAMM, D. *Luke 19:8 Once Again*: does Zacchaeus defend or resolve? p. 434.

¹⁴³ HAMM, D. *Zacchaeus Revisited Once More*: A Story of Vindication or Conversion? p. 249.

¹⁴⁴ HAMM, D. *Zacchaeus Revisited Once More*: A Story of Vindication or Conversion? p. 252.

a dificuldade de cobrar impostos com exatidão regulamentar (Lc 3,13) e nem a probabilidade do publicano ter-se convertido e batizado anteriormente por João Batista (Lc 7,29).

Em continuidade as argumentações sobre estas diferentes interpretações, e para reforçar ainda mais seu entendimento sobre a defesa de Zaqueu, Mitchell rebate Hamm apresentando “mais evidências para interpretar ἐσυκοφάντεϊν em Lucas 19,8 como significando algo não intencional”.¹⁴⁵ As evidências apresentados por Mitchell, que buscam reforçar a possibilidade de Zaqueu errar involuntariamente, mas manter-se justo e estar sendo falsamente acusado, são os exemplos dos relatos de Marcus Agripa ao povo de Cirene (Ant. 16.6.5 § 170) onde são descritas acusações infundadas de defraudações de judeus que, após julgamento, foram inocentados; e de Josefo contando a história de Jeremias (Ant. 10.7.3 § 114-115) que foi acusado e punido injustamente por falsas acusações de deserção.¹⁴⁶ Assim, Mitchell procura demonstrar que falsas acusações eram práticas comuns naquele tempo.

Diante destas diferentes interpretações dos estudiosos de Lc 19,8, este trabalho segue o pensamento de Fitzmyer, Mitchell, Malina e Rohrbaugh, o qual interpreta-se que Zaqueu estava se defendendo ao declarar ações habituais e não tomando uma resolução a ser feita no futuro.

Dando sequência aos estudos deste versículo, lê-se primeiro que Zaqueu declarou espontaneamente para Jesus: “eis que dou metade dos meus bens aos pobres” (Lc19,8). Mas por que a doação da metade dos bens aos pobres é considerada um ato de conformidade bíblica, corroborada por Jesus? Quem revelou esta regra para Zaqueu? Não é o homem que “adivinha” ou “descobre” Deus e a sua vontade. Nas interpretações bíblicas é Deus que se revela ao homem e também a sua vontade através do Pai, do Filho, do Espírito Santo, dos anjos e dos profetas. A única revelação de dar metade dos bens aos pobres é compreendida em Lc 3,11, onde o profeta João Batista fala: “Quem tiver duas túnicas, reparta-as com aquele que não tem...”. Sob entendimento matemático, isto significa que quem tem duas túnicas, *deve dar a metade* a quem não tem. E caso Zaqueu estivesse no local, poderia ter ouvido e entendido desta forma; e teria passado a agir deste jeito, com todos os seus bens e seus futuros ganhos, seguindo os conselhos do profeta, na esperança de uma graça divina.

Também perante Jesus, Zaqueu declara espontaneamente: “e se, defraudei a alguém, restituo o quadruplo” (Lc 19,8). Mas por que restituir o quadruplo? A resposta poderá estar na hipótese de que Zaqueu, um filho de Abraão (Lc 19,9), também poderia ter frequentado a sinagoga de Jericó, para orar (Lc 18,10) e ouvir as escrituras sagradas, guardando os ensinamentos em sua consciência. Assim, animado pela sua fé abraâmica, teria adquirido a

¹⁴⁵ MITCHELL, A. C. *The Use of συκοφάντεϊν in Luke 19,8: Further Evidence for Zacchaeus's Defense*, p. 546.

¹⁴⁶ MITCHELL, A. C. *The Use of συκοφάντεϊν in Luke 19,8: Further Evidence for Zacchaeus's Defense*, p. 547.

sabedoria das escrituras e quando tivesse consciência de ter cobrado de alguém além do prescrito (Lc 3,13), aplicaria a si, as punições quadruplicadas contidas em Êxodo e 2Samuel, para ser justo diante de Deus e dos homens.

Se alguém roubar um boi ou uma ovelha e abater ou vender o animal, deverá indenizar cinco bois por um boi e quatro ovelhas por uma ovelha (Ex 21,37).

Por não respeitar o que pertencia a outro, deverá pagar quatro vezes o valor da ovelha (2Sm 12,6).

Em Ex 22,1, caso o roubo for de um animal de grande porte (boi) a restituição é quántupla pelo agravante do furto; e caso for de animal de pequeno porte (ovelha) a restituição é quádrupla. Como as defraudações de Zaqueu, que possivelmente ocorriam de forma involuntária, poderiam ser de pequena monta e quando ele as reconhecia, punia-se voluntariamente restituindo o quádruplo ao prejudicado. Outra possibilidade, também é de que Zaqueu poderia ter o conhecimento do livro do profeta Ezequiel que diz:

Se este, que deixou de ser ímpio, restituir o penhor que havia tomado de alguém por um empréstimo concedido; se devolver o que furtou, se agir de acordo com as leis e princípios que proporcionam vida e não praticar mal algum, é certo que viverá; não morrerá (Ez 33,15).

A expressão “é certo que viverá; não morrerá” (Ez 33,15) é interpretada pelo autor desta dissertação como “fugir da ira que está para vir” (Lc 3,7) e conseqüentemente “herdar a vida eterna” (Lc 18,18). Assim Zaqueu estaria cumprindo este mandamento profético numa possível esperança de vida após sua morte terrena.

Por coincidência ou não, os romanos também aplicavam punições quádruplicadas em caso de roubo e defração. Segundo D. Smith, “as penalidades das fraudes fiscais eram bastante graves. De acordo com o Código de Justiniano do séc. VI, a pena por fraude cometida por um coletor de impostos era o reembolso quatro vezes maior e, com frequência, o acusado fugia para evitar o processo”.¹⁴⁷

Assim Zaqueu estaria definindo que, se caso defraudasse a alguém, restituía o quádruplo, com base na Lei de Deus e também na lei romana, pois era um filho de Abraão e também uma autoridade tributária dos romanos.

¹⁴⁷ SMITH. *Salvation Has Come: The Transformation of Zacchaeus*, p. 20.

Para Ravens, o comportamento de Zaqueu, declarado no versículo 8, possui uma ligação com as palavras de João Batista.

A história de Zaqueu também tem uma reminiscência do Batista, que havia dito aos publicanos para "não cobrar mais do que o prescrito" (Lc 3,13) e aos soldados para "não defraudar ninguém por falsa acusação" (συκοφαντήσητε, Lc 3,14). A única outra ocorrência deste verbo no Novo Testamento está nos lábios de Zaqueu (Lc 19,8). Sua afirmação, de que se defraudou alguém de qualquer coisa, ele o restitui ao quádruplo, combina com a palavra do Batista aos soldados com a injunção aos publicanos. É possível que Lucas desejasse que seus leitores viessem a deduzir que Zaqueu foi um dos batizados, mas, mesmo que não seja o caso, o fraseado ainda serve para trazer a apresentação de Lucas do τελῶναι (publicano) no círculo completo.¹⁴⁸

Este trabalho, seguindo o alerta de Ravens, sobre a possibilidade de Lucas desejar que seus leitores viessem a deduzir que Zaqueu fosse um dos batizados, defende esta interpretação e propõe que os verbos dar e restituir (δίδωμι e ἀποδίδωμι) deveriam ser entendidos como presente do indicativo (dou e restituo) no qual Zaqueu *já dava* metade dos bens aos pobres e *já restituía* ao quádruplo aos defraudados, quando houve o encontro com Jesus (Lc 19,6), seguindo o pensamento de Fitzmyer, Mitchell, Malina e Rohrbaugh, já expressos anteriormente.

2.15 JESUS SALVA ZAQUEU

Jesus lhe disse: 'Hoje a salvação entrou nesta casa, [...]' (Lc 19, 9a).

Após a declaração de Zaqueu, Jesus toma a palavra e salva Zaqueu.

Segundo Fitzmyer, Jesus está justificando Zaqueu.

A declaração de Jesus: 'Hoje a salvação entrou a esta casa' (v. 9) não é uma revelação de seu poder de perdoar pecados, nem implica que extorsões do passado são canceladas (lembra-se que a declaração de Zaqueu contém uma condição: 'e, se a alguém ...', não 'quando alguém ...'). As palavras de Jesus, dirigidas aos murmuradores, justificam Zaqueu e deixam claro que, até uma pessoa como ele pode encontrar a salvação: "ele também é filho de Abraão".¹⁴⁹

¹⁴⁸ RAVENS, D. A. S. *Zacchaeus: the final part of a lucan triptych?* p. 22 .

¹⁴⁹ FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas: Vol. IV*, p. 58.

Com base na hipótese da conversão do publicano por João Batista (Lc 3,12-13), Zaqueu neste momento estaria batizado, era rico em Deus e em bens terrenos, porém perdido¹⁵⁰ por ser rejeitado e excluído da comunidade dos filhos de Abraão, pelo preconceito da sua profissão e também por ser visto como impuro. Também pode-se ter a compreensão sobre estas palavras de salvação de Jesus e os motivos que levaram o Filho do Homem a procurar e salvar o filho de Abraão, que estava perdido. O “hoje” (σήμερον) dito por Jesus, na hipótese de ter ocorrido o batismo do publicano, pode ser interpretado que antes a salvação ainda não tinha entrado na casa de Zaqueu porque, apesar de ter-se convertido ao ouvir João Batista e realizado obras de caridade e justiça, ou frutos dignos do arrependimento, nem o profeta e nenhum outro homem podem salvar-se pelas suas obras. Quem salva é somente Deus (Lc 18,26-27). Para Mendonça, “se o povo é chamado, pelo apelo do Batista (Lc 3,4), a preparar-se para a salvação é porque o próprio Deus preparou para todos a salvação, em Jesus”.¹⁵¹ . Então, entende-se que Zaqueu poderia ter sido anteriormente convertido pelo profeta e “hoje” salvo pelo Cristo, porque era um autêntico filho de Abraão, que praticava caridade (Lc 3,11). Este “hoje” de Lc 19,9 também é semelhante àquilo que Jesus proferiu para o malfeitor crucificado em Lc 23,43: “Em verdade, eu te digo, hoje (σήμερον) estarás comigo no Paraíso”. Para Mesters e Lopes, Lucas revela que “através da fé em Jesus, era possível conseguir a pureza e sentir-se bem diante de Deus sem que fosse necessário observar todas aquelas leis e normas da ‘tradição dos antigos’”.¹⁵² Também pode-se interpretar que Jesus concede a salvação a Zaqueu, através da justificação, porque estaria reconhecendo a caridade e justiça que ele pratica sendo puro, justo, inocente, como significa seu nome. A salvação de Zaqueu também poder-se-ia equiparar com o fato do pobre Lázaro, que após morto, foi levado pelos anjos ao seio de Abraão (Lc 16,19-31). Outra forma de salvação a Zaqueu, que se pode interpretar, está relacionada com a passagem do rico notável (Lc 18,18-23) que pede para Jesus sobre o que fazer para herdar a vida eterna. Jesus orienta a vender os bens e dar para os pobres e ele não obedece. Já Zaqueu dá metade dos bens aos pobres podendo, neste caso, ser sua salvação a herança da vida eterna. E mais uma forma da salvação de Zaqueu poderia ser semelhante a promessa que Jesus fez ao malfeitor crucificado (Lc 23,42-43) que pede para ser lembrado quando vier o seu reino.

Nas formas até então descritas, poder-se-ia concluir que Lucas revela que a salvação dada por Jesus a Zaqueu estaria inclusa o reconhecimento de sua caridade e justiça

¹⁵⁰ Na hipótese de conversão de Zaqueu ter ocorrido anteriormente no batismo de João Batista (Lc 3,12-13), a palavra perdido (*ἀπολωλός*) em Lc 19-10, é interpretada nesta dissertação como sinônimo de *ἀπορία*: ‘situação sem saída, sem salvação; angústia’, cf. RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, p. 70.

¹⁵¹ MENDONÇA, J. T. *A construção de Jesus: a dinâmica narrativa de Lucas*, p. 162.

¹⁵² MESTERS, Carlos; LOPES, Mercedes, *Sobre o puro e o impuro*, n.p.

(justificação), ser levado pelos anjos ao seio de Abraão (Lc 16,22), herdar a vida eterna (Lc 18,18-22) e estar com Jesus no Paraíso (Lc 23,42-43).

2.16 JESUS REVELA A ASCENDÊNCIA DE ZAQUEU

[...] porque ele também é um filho de Abraão (Lc 19, 9b).

Fitzmyer esclarece sua interpretação deste anúncio de Jesus da seguinte forma:

Isso não significa que Zaqueu *tornou-se* filho de Abraão no sentido espiritual, segundo a expressão de Paulo (cf. Gal 3,7.29; Rm 4,16-17); Jesus quer ficar na casa de Zaqueu, porque se trata de um descendente de Abraão, de um autêntico judeu, com tanto direito à salvação que traz Jesus como qualquer israelita (cf. Lc 13,16).¹⁵³

“Os detalhes da história de Zaqueu argumentam a favor de, pelo menos, um papel exemplar para Abraão”¹⁵⁴, esclarece Mitchell.

É porque Zaqueu se apropriou do exemplo de Abraão que ele é um verdadeiro filho do patriarca, ao contrário daqueles que reivindicam patrimônio apenas no nome. Sabemos que Lucas traça esta distinção entre filhos autênticos e não autênticos de Abraão a partir do desafio de João Batista àqueles que vêm a ele para o batismo. Ele os exorta a marcar suas vidas por ações e ir além de meramente afirmar: "Temos Abraão como nosso pai" (Lc 3,8).¹⁵⁵

Mitchell procura esclarecer que a ligação entre Abraão e Zaqueu também está na hospitalidade e na justificação pelas obras.¹⁵⁶

Assim entende-se que Zaqueu recebeu o cumprimento das promessas feitas a Abraão ao oferecer hospitalidade a Jesus em Jericó. Suas ações habituais foram reconhecidas como justas por Jesus, que pronunciou para ele a salvação que Lucas entendeu como um sinal do cumprimento das promessas de Deus ao patriarca Abraão e sua descendência íntegra.

O Quadro 2, seguinte, elaborado por Mitchell,¹⁵⁷ mostra como Lucas adaptou a história de Abraão em Gênesis 18 para se adequar ao seu propósito ao contar sobre Zaqueu.

¹⁵³ FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas*: Vol. IV, p. 58.

¹⁵⁴ MITCHELL, A. C. *Zacchaeus Revisited*: Luke 19,8 as a defense, p. 168.

¹⁵⁵ MITCHELL, A. C. *Zacchaeus Revisited*: Luke 19,8 as a defense, p. 168.

¹⁵⁶ MITCHELL, A. C. *Zacchaeus Revisited*: Luke 19,8 as a defense, p. 169.

¹⁵⁷ MITCHELL, A. C. *Zacchaeus Revisited*: Luke 19,8 as a defense, p. 170.

Quadro 2 – Abraão e Zaqueu

Gênesis 18	Lucas 19
18,1: O Senhor aparece a Abraão no carvalho de Mambré. 18,8: Ele entretém seus convidados debaixo de uma árvore.	19,5: Jesus encontra Zaqueu em uma árvore de sicômoro.
18,2: Abraão olha para cima e vê seus visitantes.	19,3: Zaqueu busca ver quem é Jesus 19,5: Jesus olha para Zaqueu.
18,2: Quando ele os viu, correu para encontrá-los. 18,3: Ele deseja que eles não passem por ele. 18,7: Ele corre para o rebanho.	19,4: Zaqueu corre para uma árvore para ver Jesus que passaria por ali.
18,3: Abraão se dirige ao seu visitante como Senhor.	19,8: Zaqueu chama Jesus de Senhor
18,6: Abraão corre para a tenda.	19,6: Zaqueu se apressa, desce e o recebe com alegria.

Fonte: Mitchel (1990).

Visualizando as duas histórias, Mitchell externa a ação de Jesus explicando: “Porque Zaqueu é um verdadeiro filho de Abraão e cumpre as obrigações dos filhos de Abraão, conforme explicitado por João Batista, Jesus vem a ele e o justifica com a salvação”¹⁵⁸ e conclui que a ligação entre Abraão e Zaqueu está nas suas ações exemplares dando esmolas e promovendo justiça com as restituições.¹⁵⁹

Também se ressalta que Lucas, ao citar Zaqueu, mostrou o único personagem chamado por Jesus de “filho de Abraão” que é revelado o seu nome no Novo Testamento. Todos os outros personagens que Jesus cita como “filhos de Abraão”, não são revelados seus nomes. Pode-se entender que o evangelista teve a preocupação de citar o nome, dito por Jesus, porque encontrou na pessoa de Zaqueu e na sua salvação, o ideal do filho de Abraão que cumpriu as orientações de João Batista (Lc 3,7-17). Assim Jesus estaria justificando Zaqueu porque estava tendo um comportamento digno do significado de pureza, justiça e inocência que tem o seu nome. E para dar ênfase ao papel soteriológico de Jesus, Lucas estaria procurando dar a entender ao seu ilustre leitor, Teófilo (Lc 1,1-4), de que Zaqueu estaria esperando o Cristo (Lc 3,15-17) e agindo como íntegro filho de Abraão (Lc 3,8), pois teria sido discípulo de João Batista. E Jesus se revela como o Cristo, debaixo do sicômoro, chamando Zaqueu pelo seu nome, auto convidando-se para ser hospedado e dando-lhe a salvação para toda sua casa, cumprindo as promessas de Deus para Abraão e sua descendência.

¹⁵⁸ MITCHELL, A. C. *Zacchaeus Revisited*: Luke 19,8 as a defense, p. 174.

¹⁵⁹ MITCHELL, A. C. *Zacchaeus Revisited*: Luke 19,8 as a defense, p. 175.

2.17 JESUS REVELA SUA MISSÃO

Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido (Lc 19,10).

Dando continuidade as suas palavras, Jesus justifica o encontro e a salvação de Zaqueu, como uma missão pessoal. Conforme Blomberg, “Lucas 19,10 oferece um bem fundamentado resumo de todo o evangelho num só versículo”.¹⁶⁰ O versículo 10 contempla um proscrito pela sociedade, contado entre os "perdidos" que se abre a salvação. Contempla também a mensagem soteriológica de todo o relato da viagem de Jesus a Jerusalém, e mesmo de todo o Evangelho lucano.¹⁶¹ Jesus, ao autodenominar-se Filho do Homem, evoca o profeta Daniel (Dn 7,13-14) que revelou a outorga de um poder, uma honra, um domínio eterno e um reino que jamais será destruído, dado a “um homem que ultrapassa misteriosamente a condição humana”¹⁶², E ao dizer que veio procurar e salvar o que estava perdido, Jesus evoca em clara alusão ao oráculo de Ezequiel, onde o próprio Iahweh se apresenta nos seguintes termos:¹⁶³

Com efeito, assim diz o Senhor Iahweh: Certamente eu mesmo cuidarei do meu rebanho e dele me ocuparei. (Ez 34,11)
 Buscarei a ovelha que estiver perdida, reconduzirei a que estiver desgarrada, curarei a que estiver fraturada e restaurarei a que estiver abatida... Eu as apascentarei com justiça. (Ez 34,16)
 ...eu mesmo trarei salvação ao meu rebanho, de modo que não sejam mais saqueadas. (Ez 34,22).

Para Carris “Assim como Deus se apresentou como um pastor em Ezequiel 34,11-12, Jesus busca por perdidos para serem salvos. Deste modo Lucas sintetiza sua visão de Jesus, o pregador da misericórdia de Deus,”¹⁶⁴ e conclui a períclope mostrando sua missão escatológica e messiânica, salvando Zaqueu em Jericó, “restaurando a ovelha abatida” (Ez 34,16), para dar o seguimento final a respeito do Filho do Homem, em Jerusalém, cumprindo tudo o que foi escrito pelos Profetas (Lc 18,31). E Lucas também revela que Jesus, mesmo estando crucificado em Jerusalém, nos últimos momentos antes da morte, continua com sua missão de salvador,

¹⁶⁰ BLOMBERG, C. L. *Jesus e os Evangelhos: uma introdução ao estudo dos 4 evangelhos*, p.194.

¹⁶¹ FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas*: Vol. IV, p. 58.

¹⁶² BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*, Nota de rodapé, p.1.568.

¹⁶³ FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas*: Vol. IV, p. 58.

¹⁶⁴ KARRIS, R. *O evangelho segundo Lucas*, p. 288.

prometendo ao malfeitor crucificado, que estará, ainda naquele dia, com ele no Paraíso (Lc 23,40-43). Na comparação entre as perícopes de Lc 19,1-10 e Lc 23,39-43, poder-se-ia interpretar que Lucas estaria mostrando igual salvação de Jesus para Zaqueu e para o malfeitor crucificado, que seria estar no Paraíso.

Fitzmyer descreve que “esta perícopa não pode ser lida sem suas nuances ressonantes e alusões a ideias expressadas em outros textos do Evangelho de Lucas, como a pregação ética de João Batista (Lc 3,10-14).¹⁶⁵ A compreensão do caso de Zaqueu é complexa ao leitor de Lucas, pois se o seu evangelho é dos pobres, e o publicano é citado como rico, então surgem algumas dúvidas: onde estaria a pobreza daquele rico que Jesus salvou? E na possibilidade de ser benevolente e justo, por que estaria perdido?

No presente estudo se entende que sua pobreza seria a exclusão social por tratarem-no como impuro devido a sua profissão, e sua perdição seria a sensação de situação sem saída, sem salvação e angústia, semelhante a uma *ovelha abatida* (Ez 34,16), por ser tratado de pecador. Assim estaria colocando toda sua esperança somente no Cristo que ainda não tinha encontrado (Lc 3,15-17).

A hipótese de que Zaqueu seria um discípulo, batizado por João Batista (Lc 3,7-17), estaria sendo reforçada pelos versículos 19,9-10, onde Jesus declara a salvação de Zaqueu justificando-o como herdeiro legítimo de Abraão, apesar da maneira como os outros o veem, e legitima sua própria missão de salvar aquele que está perdido ou “excluído e abatido”. Independentemente do que diga ou mostre sobre si mesmo aos outros, Zaqueu, mesmo sendo batizado, generoso e justo, estaria “perdido” e seria “pecador” na visão daquela sociedade, pois sem Jesus ele seria incapaz de fazer um convencimento adequado de sua vida honesta. Conforme Fitzmyer, Zaqueu “é um exemplo do rico que entendeu o significado do ministério e da mensagem de Jesus, e de sua preocupação pelos pobres e defraudados”.¹⁶⁶ Porém este entendimento e preocupação, por parte de Zaqueu, só são bem entendidos se ele estivesse nas margens do Jordão em Lc 3,3-17, ouvindo e seguindo João Batista, pois Lucas não revela outra situação que Zaqueu poderia ter obtido o conhecimento de fazer aquilo que disse para Jesus em Lc 19,8. Assim, entende-se melhor que Zaqueu, se fosse convertido por João Batista, estaria agindo conforme revelação de um profeta e desejando ver o Cristo. E Jesus respondeu a este desejo escatológico, encontrando-o e hospedando-se na sua casa, ouvindo-o e dando-lhe a salvação, porque seria um íntegro descendente de Abraão, caridoso e justo, digno do significado do seu nome.

¹⁶⁵ FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas*: Vol. IV, p. 58.

¹⁶⁶ FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas*: Vol. IV, p. 58.

2.18 INTERPRETAÇÃO DE LC 19,1-10 NA HIPÓTESE DE ZAQUEU TER SIDO BATIZADO EM LC 3,7-17

Para análise desta interpretação, deduz-se que Zaqueu, o publicano, estaria presente em Lc 3,2b-3 e 7-17, junto as multidões. Conforme já citado anteriormente, Ravens escreve: “É possível que Lucas desejasse que seus leitores viessem a deduzir que Zaqueu foi um dos batizados[...]”¹⁶⁷ A possibilidade de Zaqueu ir até as margens do Jordão para ouvir e ser batizado por João Batista é plenamente viável pois Jericó fica apenas 8 quilômetros deste rio. E a tradição diz que o local do batismo de Jesus também fica nesta região.¹⁶⁸

Assim, pode-se deduzir que Zaqueu, junto com outras pessoas, inclusive soldados, teria ido ao encontro de João Batista, nas margens do Jordão (Lc 3,3), próximo a Jericó para ser batizado pois tinha temor a Deus (Lc 3,10) e tinha expectativa da vinda do Cristo (Lc 3,15). Também possuía esperança da salvação para a vida eterna (Lc 3,17).

Zaqueu, neste encontro de batismo (Lc 3,7), teria se arrependido para remissão de seus pecados (Lc 3,3), e teria ouvido as seguintes orientações do profeta, para agir de acordo com a vontade Deus (Lc 3,2):

- a) deveria produzir frutos dignos do arrependimento (fazer boas obras), e não apenas dizer consigo mesmo que tem por pai a Abraão, pois até mesmo das pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão. (Lc 3,8).
- b) se tivesse duas túnicas, deveria reparti-las (dar a metade) com aquele que não tem (aos pobres) e se tiver o que comer, faria o mesmo (Lc 3,11).
- c) como publicano, não deveria exigir nada além do que foi prescrito (extorquir) (Lc 3,13).
- d) que os soldados não deveriam molestar ninguém com extorsões, nem denunciar falsamente e contentar-se com o seu soldo (Lc 3,14). Então entendeu que ele, como publicano, além de não extorquir ninguém também deveria contentar-se com a remuneração prescrita.
- e) que o próprio João Batista não seria o Cristo pois batizava com água. Mas viria

¹⁶⁷ RAVENS, D. A. S. *Zacchaeus: The Final Part Of A Lucan Triptych?* p. 22.

¹⁶⁸ Atualmente Qasr el Yahud é o lugar apontado como local do batismo de Jesus. Nas margens do Rio Jordão, ele fica apenas 8 km de Jericó. Cf. WIKIPEDIA. *Batismo de Jesus*, n.p.

alguém mais forte que ele, que batizaria com o Espírito Santo e com o fogo (Lc 3,16). E guardou em seu coração a fé e a esperança de vê-lo um dia e ser salvo por ele.

Reforçando ainda mais esta hipótese, Jesus afirma em Lucas 7,28-30, que os publicanos proclamaram a justiça de Deus, recebendo o batismo do profeta João. Zaqueu, que poderia ser um destes publicanos batizados, iniciaria sua caminhada de fé e obras, tornando-se discípulo de João e continuaria seu ofício de cobrador de impostos para os romanos na cidade de Jericó. Deste dia em diante passaria a produzir os “*frutos dignos do arrependimento*”(v.8) dando metade dos seus bens aos pobres (v. 11), e continuaria dando o que ganhará no futuro. Não exigiria nada além do que foi prescrito (v.13) e, se defraudasse alguém involuntariamente (Lc 3,14), restituiria voluntariamente o quádruplo, reconciliando-se com seu próximo, sem necessidade de o prejudicado entregá-lo ao juiz¹⁶⁹. Porém, pouco tempo depois do início desta caminhada, João Batista é morto a mando de Herodes (Lc 9,9) e mesmo agindo com generosidade e justiça, como íntegro filho de Abraão, os fariseus, escribas e outros judeus estariam julgando-o de pecador (Lc 19,7), e excluindo-o do convívio social (Lc 15,1-2), por trabalhar como publicano, numa atividade dita como desprezível que tornaria a pessoa impura.

Diante destes percalços de sua vida, Zaqueu estaria sentindo-se perdido (Lc 19,10), como uma ovelha desgarrada pelo rebanho (Lc 15,4-6) e abatida (Ez 34,16), porém mantendo seu comportamento generoso, pois poderia estar mantendo a expectativa de encontrar o Cristo (Lc 3, 15-16). Tempos depois, quando Jesus aproxima-se de Jericó e cura um cego (Lc 18,35-43), Zaqueu, euforicamente, procura ver quem é esse homem (Lc 19,3) com tamanho desejo que, impossibilitado pela multidão e agindo com humildade sem abrir passagem como autoridade, corre a frente e chega a ter a coragem de subir num sicômoro (Lc 19,4). E, para sua grande surpresa, é Jesus que o vê, chama-o pelo seu nome e auto convida-se para ficar em sua casa (Lc 19,5). Neste momento, Zaqueu reconhece em Jesus, o Cristo esperado, desce depressa e acolhe-o com alegria (Lc 19,6). Porém os fariseus, escribas e outros judeus, participantes da multidão, passaram a murmurar contra Jesus, alegando que ele fora hospedar-se na casa de um pecador (Lc 19,7). E Zaqueu, ouvindo esta acusação, fica de pé e defende-se declarando para Jesus que é generoso e justo (Lc 19,8), conforme orientação de João Batista, porém sem nominar o profeta. Em seguida Jesus justifica Zaqueu declarando a todos que, naquele dia, a salvação definitiva chegou à casa dele, pois ele era um íntegro filho de Abraão como orientou

¹⁶⁹ SMITH, D. *Salvation Has Come: The Transformation of Zacchaeus*, p. 20.

João Batista, porém também, sem citar o nome do profeta (Lc 19,9). E para fortalecer a justificação de Zaqueu e revelar quem está justificando-o, Jesus declara que ele próprio é o Filho do Homem (Dn 7,13-14) que cumpre uma revelação divina e messiânica conforme profetizou Ezequiel (Ez 34,16 e 34,22), dizendo que veio procurar e salvar o que estava perdido (Lc 19,10). Outro argumento para a interpretação que Jesus justificou Zaqueu é porque o publicano não seria pecador impuro, e sim, estaria fazendo jus ao seu nome que significa: puro¹⁷⁰, limpo, inocente, justo.¹⁷¹

2.19 INTERPRETAÇÃO DE LC 19,1-10 NA HIPÓTESE DE ZAQUEU NÃO TER SIDO BATIZADO EM LC 3,7-17

Também, para complementar este trabalho, será feita uma breve exposição sobre a hipótese de Zaqueu não ter sido batizado em Lc 1,7-17, com objetivo de se fazer uma melhor compreensão da perícopa de Lc 19,1-10. Caso Zaqueu não estivesse presente nas margens do Jordão, surge uma questão no evangelho de Lucas que não responde a pergunta já feita no subcapítulo 2.14: quem poderia ter revelado a Zaqueu que dar metade dos bens aos pobres é mandamento divino para ser salvo pelo Cristo? Como já dito, na Bíblia Cristã quem revela a salvação preparada por Deus e seus mandamentos é o Pai, o Filho, o Espírito Santo, anjos e profetas. Lucas não cita quem destas pessoas revelou as regras para Zaqueu, em forma de mandamento divino que justificam a salvação. Estudiosos tentam explicar esta questão com argumentações pessoais, sem referências de revelação divina ou profética.

Um exemplo é de Fabris, que cita “O compromisso do funcionário do fisco, de dar metade dos bens aos pobres e restituir o quádruplo às pessoas logradas, supera toda prescrição e costume religioso e social”.¹⁷² Porém o autor não explica quem orientou Zaqueu para esta superação única na Bíblia. Outro exemplo é de Fausti que faz um brevíssimo comentário sobre a decisão de Zaqueu: “Vai além do exigido na Lei (Lv 5,20-24)”.¹⁷³ O teólogo italiano é outro estudioso que também não esclarece quem revelou a orientação de dar a metade dos bens aos pobres. E assim seguem os estudiosos de Lucas tentando explicar a regra ditas por Zaqueu (Lc 19,8), antes de Jesus lhe salvar, porém sem comentar a fonte divina ou profética que revelou

¹⁷⁰ BUCKLAND, A. R.; WILLIAMS, L. *Dicionário Bíblico Universal*, p. 615.

¹⁷¹ DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS. *Zaqueu*, n.p.

¹⁷² FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos II*, p. 183.

¹⁷³ FAUSTI, Silvano. *Uma comunidade lê o Evangelho de Lucas*, p. 759.

esta regra ao publicano. Porém, a interpretação de que Zaqueu poderia estar presente entre os batizados por João Batista em Lc 3,7-17, visa responder esta questão no evangelho de Lucas, buscando argumentar que foi o profeta quem revelou a regra seguida pelo publicano de Jericó.

O objetivo de apresentar esta forma interpretativa, é para mostrar supostamente que a conversão de Zaqueu não teria sido um súbito momento no encontro com Jesus. Lucas estaria revelando, na pessoa de Zaqueu, uma caminhada de fé, que teria iniciado no encontro com João Batista, que “*preparava o caminho do Senhor*” (Lc 3,4) e que terminou no Cristo encontrando-o e salvando.

2.20 MIDRASH DE LUCAS NA PERÍCOPE DE ZAQUEU

O *midrash* desta perícopa é a busca e investigação para entender que as promessas feitas por Deus a Abraão e sua descendência (Gn 22,16-18) se cumprem na pessoa de Jesus. Lucas estaria mostrando que Jesus cumpre as promessas de Deus, contidas no Antigo Testamento ao salvar Zaqueu, porque este produz frutos dignos do arrependimento (Lc 3,8), sendo merecedor da salvação prometida para Abraão e seus descendentes. Desta forma, entende-se que Lucas procurou formular um *midrash* neotestamentário no modelo promessa-cumprimento.¹⁷⁴ Assim percebe-se que Lucas também teria investigado os livros veterotestamentários para escrever nesta perícopa, com objetivo de atualizar a Escritura e mostrar a solidez dos ensinamentos que seu ilustre leitor Teófilo tinha recebido (Lc 1,3-4). Entre os modelos de *midrash*, podemos citar:

Primeiro: Lucas narra a travessia de Jesus por Jericó (Lc 19,1), onde cura um cego (Lc 18,42) e salva um rico (Lc 19,9), buscando relacionar com a passagem do povo de Israel, no Antigo Testamento (Js 6,1-27), onde, sob comando de Josué, destrói a cidade e mata seus habitantes. Ao citar também que em Jericó havia um homem chamado Zaqueu, que era generoso e justo, Lucas mostra a existência de um filho de Abraão em contraposição a Josué, que massacrava Jericó e também era descendente de Abraão.¹⁷⁵ Assim Jesus, seus discípulos e Zaqueu, estariam representando o Novo Povo na Nova Aliança, onde houve cura, generosidade, justiça e salvação, em substituição a Josué e o povo israelita que provocaram destruição e matança, num *midrash* do modelo inserção-substituição e também de

¹⁷⁴ SOUSA, R. P. *O Midrash como formação e exegese do Novo Testamento*, p. 9.

¹⁷⁵ Josué era filho de Num da tribo de Efraim, que era neto de Abraão. (Ex 33,11; Nm 11,28; 13,8-16).

oposição/contraposição.¹⁷⁶

Segundo: ao narrar o encontro de Jesus (Senhor) com Zaqueu num sicômoro, e ir até sua casa, e ser recebido com alegria (Lc 19,5-6), Lucas relaciona o encontro de Iahweh (Senhor) com Abraão no carvalho de Mambré, e ser hospedado com muita reverência (Gn 18,1-8). Lucas também narra que Zaqueu fica de pé diante de Jesus e o chama de Senhor (Lc 19,8), relacionando com o idêntico comportamento de Abraão diante de Iahweh (Gn 18,3; 8). Este *midrash* de Lucas estaria relacionado com a busca da confirmação que Jesus é Iahweh (Senhor) e que Zaqueu é um íntegro descendente de Abraão, digno merecedor da salvação.

Terceiro: quando Lucas descreve a generosidade de Zaqueu em dar metade dos seus bens aos pobres (Lc 19,8a), também está buscando relacionar a generosidade de Abraão que deu o dízimo de tudo ao sacerdote Melquisedec (Gn 14,20), narrando um *midrash halakhah*.¹⁷⁷ Assim Lucas narra um comportamento ético sobre o proceder com os bens materiais, no seu evangelho, mostrando a produção de atos generosos de Zaqueu semelhantes aos atos de seu ancestral Abraão, narrados na Torá.

Quarto: Lucas contempla outro *midrash halakhah*, relacionando as leis e as punições do Antigo Testamento com a aplicação no tempo do Novo Testamento, escrevendo que Zaqueu *se extorquiou alguém, restitui o quádruplo* (Lc 19,8). Esta atitude está relacionada com as normas contidas em Ex 22,1 e 2Sm 12,6, onde é determinado que o extorsor deve restituir o quádruplo do dano.

Quinto: em Lc 19,9 verifica-se a existência de mais um *midrash*. Ao narrar que Jesus anunciou dizendo: “Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão”, Lucas está buscando a relação com Gn 18,10, no qual o hóspede (Senhor) de Abraão anunciou que sua esposa Sara, que já era estéril, terá um filho. Para Abraão, o anúncio de um filho é a garantia da sua descendência, prometida por Deus em Gn 26,4, e Zaqueu seria uma confirmação do cumprimento destas promessas, ditas pelo próprio Deus na pessoa de Jesus. Outro estudo é o fato de o hóspede (Senhor) fazer o anúncio para Abraão (Gn 18,10) e o hóspede Jesus (Senhor) fazer o anúncio para Zaqueu (Lc 19,9), estar relacionado com o *midrash* do messianismo de Jesus (Dt 18,15; 2Sm 7,16; Is 9,5-6). Assim Lucas faz um *midrash* confirmativo, pois ele busca relacionar às Escrituras para confirmar a proclamação do Kérigma de Jesus.¹⁷⁸

¹⁷⁶ SOUSA, R. P. *O Midrash como formação e exegese do Novo Testamento*, p. 9.

¹⁷⁷ CHARPENTIER, E. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*, p. 38.

¹⁷⁸ MUNÔZ, L. *Deras, los caminos y sentido de la palabra...*, apud SOUSA, R. P. *O Midrash como formação e exegese do Novo Testamento*, p. 5.

Sexto: quando a multidão murmura dizendo que Zaqueu seria um pecador (Lc 19,7), e Jesus contrapõe dizendo que a salvação entrou na sua casa, porque ele também é um filho de Abraão (Lc 19,9), significa que Lucas narra um *midrash* modelo oposição/contraposição. Para reforçar o argumento deste *midrash*, esta expressão pode ser relacionada com a seguinte comparação que Jesus poderia ter dito aos murmurantes: “Vocês dizem que ele é um pecador, *eu porém vos digo*: ‘hoje a salvação entrou nesta casa porque ele também é um filho de Abraão’”, onde “a contraposição aparece através de antítese”.¹⁷⁹

Sétimo: no último versículo, Lucas descreve que Jesus revela sua missão dizendo: “Porque, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido” (Lc 19,10). A expressão “o Filho do Homem”, já citado anteriormente, remonta a Dn 7,13-14 que fala sobre aquele que, com poder e honra reinará eternamente. Também o “procurar e salvar o que estava perdido”, tem relação com Ez 34,16 e 34,22 onde o “Senhor Iahweh *buscará* a ovelha perdida” e “trará *salvação* ao seu rebanho”. Como é o “Senhor Iahweh” que busca e salva no Antigo Testamento, Lucas demonstra que Jesus, ao declarar que veio “procurar e salvar” o que está perdido, está reivindicando a própria autoridade messiânica e divina, formulando mais um *midrash* confirmativo.¹⁸⁰

Segundo Sousa, “[...] o *midrash (darash)* é todo um conjunto de passos que proporciona ao exegeta o meio para que possa entender, com maior clareza, o modo e a forma com que os hagiógrafos neotestamentários leram e compreenderam as Escrituras”.¹⁸¹ Assim percebemos o caminho percorrido por Lucas para compor seu Evangelho e também a perícopos exclusiva de Zaqueu. Este caminho longo e árduo é descrito no prólogo (Lc 1,3-4). Vemos então que a acurada investigação de Lucas não se limitou apenas aos fatos vividos por Jesus, mas também foi uma profunda pesquisa nos livros que compõe a Torá, promovendo vários modelos de *midrashim*. Por isto, o ilustre Teófilo, também poderia verificar a solidez dos ensinamentos que recebeu, comparados aos fatos narrados por Lucas, observando que as promessas divinas contidas nos antigos escritos sagrados, se cumprem na pessoa de Jesus que, nesta perícopos, salva Zaqueu por ser um filho de Abraão.

¹⁷⁹ SOUSA, R. P. *O Midrash como formação e exegese do Novo Testamento*, p. 9.

¹⁸⁰ SOUSA, R. P. *O Midrash como formação e exegese do Novo Testamento*, p. 9.

¹⁸¹ SOUSA, R. P. *O Midrash como formação e exegese do Novo Testamento*, p. 9.

3 ESTUDOS DOS ENSINAMENTOS

Como este trabalho está focado na salvação dos ricos, o capítulo a seguir busca estudar os ensinamentos que se obtêm na compreensão das mensagens contidas nas obras de Lucas que se referem exclusivamente a estas pessoas de muitas posses. Primeiramente há uma análise da pedagogia lucana que está perceptível aos ricos, em Atos dos Apóstolos. Depois é analisado o aprendizado idêntico do encontro, tanto do pobre cego como do rico publicano, com Jesus em Jericó. E por último, procura-se aprender sobre o que Lucas quer ensinar aos ricos no exemplo de Zaqueu.

3.1 OS ENSINAMENTOS DE LUCAS

Segundo o Comblin, Lucas escreveu o Evangelho para dar esperança da salvação aos pobres. E como havia um número significativo de ricos que queriam ser cristãos, já nas primeiras comunidades, então escreveu para eles o Atos dos Apóstolos.¹⁸² Como já citado, o destinatário das obras de Lucas é Teófilo, que recebe a deferência de *ilustríssimo* (κράτιστε) em Lc 1,3. Por dirigir suas obras de forma respeitosa e com consideração, é possível que Teófilo seria um “alto funcionário”¹⁸³ e, conforme Bovon, possa ter sido o financiador da cópia de vários exemplares, gozando de muitos recursos financeiros.¹⁸⁴

Sob uma análise socioeconômica é difícil imaginar que Lucas tenha escrito suas obras especialmente e unicamente para evangelizar pessoas pobres. Naquele tempo o custeio de produção de uma obra literária e suas cópias eram muito elevadas. Por isso os autores dedicavam sua obra a uma pessoa rica que custeava a publicação e Lucas não devia ser rico. Então, Lucas, após escrever o Evangelho para a salvação dos pobres, pode ter-se preocupado com Teófilo e outros abastados, que já faziam parte das primeiras comunidades cristãs, e motivou-se a escrever Atos para eles.

Comblin explica este entendimento com o seguinte argumento:

¹⁸² COMBLIN, J. “Ricos e pobres no Atos dos Apóstolos”, p. 2.

¹⁸³ BIBLIA DE JERUSALÉM. Nota de rodapé de Lc 1, letra c, p. 1.786.

¹⁸⁴ BOVON, F. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*, p. 204.

O interesse pelos ricos e o destaque que eles recebem no livro dos Atos percorre-o por inteiro, a começar pela visão idílica da primeira comunidade em Jerusalém. Nessa comunidade, onde havia tanta comunhão, fraternidade, e possivelmente também muitos pobres, Lucas cita apenas três nomes (todos de pessoas ricas): Barnabé, Ananias e Safira, porque quer exortar e advertir os ricos, aos quais se destina o livro.¹⁸⁵

Destas três pessoas ricas, Lucas cita como bom exemplo de participação comunitária, a atitude de Barnabé que vendeu um campo e depositou o dinheiro aos pés dos apóstolos (At 4,36-37). A seguir cita como mau exemplo, o casal de ricos, Ananias e Safira, que venderam uma propriedade e entregaram aos apóstolos somente parte do valor, mentindo que era o todo. Logo são advertidos e morreram pela sua mentira, fraude e tentação contra o Espírito Santo. (At 5,1-10).

Em At 9,36-41, Lucas cita o nome da discípula Tabita, em Jope, que era rica em boas obras e em esmolas, e adoeceu e morreu. A seguir Pedro reavivou-a. Para Comblin, “parece evidente que Lucas aproveita o milagre de Pedro para dar uma lição aos ricos”.¹⁸⁶ A seguir, Pedro ficou por mais tempo, hospedado na casa de um curtidor, que provavelmente não era pobre e Lucas cita seu nome que era Simão (At 10,43). Após citar Tabita e Simão, o nome seguinte é de Cornélio, centurião romano. Como era grande autoridade, obviamente era muito bem remunerado e, portanto, rico. Cornélio também foi um exemplo de pessoa rica que Lucas o exaltou por sua bondade, sua fé, sua caridade e a lembrança de Deus (At 10,1-4).

O evangelista também lembra do procônsul de Pafos, Sérgio Paulo, que abraçou a fé depois de ver um prodígio de Paulo contra o mago Élimas (At 13,6-12). Por ser alta autoridade romana é sensato crer que um procônsul fosse uma pessoa rica. Na sequência, Lucas narra os fatos acontecidos em Antioquia da Pisídia, onde a pregação de Paulo e Barnabé teve muita adesão a fé, com a presença de mulheres de alta posição. Isto provocou uma revolta dos líderes judeus e os apóstolos foram expulsos da cidade (At 13,50). Esta reação ocorreu certamente porque Paulo conseguiu converter algumas pessoas ricas. É possível que, se a conversão ocorresse apenas com algumas pessoas pobres, esta revolta não teria acontecido, pois são os ricos que causam maior impacto na liderança da sociedade. Assim, Lucas vai demonstrando que os apóstolos também iam convertendo ricos e o resultado deste trabalho causava maiores repercussões.

¹⁸⁵ COMBLIN, J. “Ricos e pobres no Atos dos Apóstolos”, p. 3.

¹⁸⁶ COMBLIN, J. “Ricos e pobres no Atos dos Apóstolos”, p. 4.

A narração seguinte, ocorre em Filipos, onde Paulo encontra um grupo de mulheres e é citado o nome de uma delas. Trata-se de Lídia, que era rica comerciante de púrpura, um item muito precioso. Lucas narra que ela se converteu, foi batizada e hospedou os pregadores em sua casa (At 16,14-15). Mais uma vez Lucas cita somente o nome de uma pessoa rica e não cita das outras. E o evangelista continua sua narração escrevendo que Paulo e Silas, chegando a Bereia, foram muito bem acolhidos na sinagoga local, citando mulheres da alta sociedade (At 17,12).

Estes são os exemplos de que Lucas concentra sua preocupação nos Atos, pelas pessoas ricas e da alta sociedade, enquanto destinatárias da evangelização. Comblim procura explicar esta posição de Lucas na seguinte maneira:

Se nos perguntarmos por que o livro evoca tanto pessoas ricas, particularmente mulheres, a resposta pode ser esta: porque Atos foi escrito para elas, as pessoas ricas, e particularmente às mulheres de alta sociedade que participavam da vida cristã.¹⁸⁷

Lucas também deve ter-se inspirado no grupo de mulheres ricas, composto por Maria Madalena, Joana, Suzana e várias outras, descritas no seu Evangelho (Lc 8,3), que acompanhavam Jesus e seus doze discípulos, “e providenciavam o necessário para que eles fossem recebidos e mantidos”.¹⁸⁸ As novas cristãs ricas, seguidoras de Jesus pela pregação dos apóstolos, deviam perguntar-se a respeito de serem cristãs e ricas ao mesmo tempo, e Lucas, preocupado com elas, procurou dar as respostas no livro dos Atos dos Apóstolos.

Lucas faz muitos relatos em Atos, dando importância especial ao dinheiro, pois, é uma linguagem que facilita o entendimento para os ricos. Por exemplo, o primeiro conflito interno da Igreja, que Lucas narra, refere-se à questão do esquecimento da distribuição diária para as viúvas helenistas (At 6,1). Já em At 8,18-24 Lucas narra o episódio do mago Simão que ofereceu dinheiro para os apóstolos no intuito de ter também o poder de impor as mãos. Paulo em Éfeso foi protagonista de significativos fatos como a escrita de importantes cartas, o combate a oposição de outros apóstolos, inclusive fora preso. Porém, Lucas não descreve estes fatos significativos de Paulo no livro dos Atos.¹⁸⁹ Mas, sobre os fatos ocorridos em Éfeso, Lucas utilizou dez versículos para narrar a conversão de um grupo de judeus intelectuais que queimaram os seus livros de magia, calculando-se que o valor chegava a cinquenta mil moedas de prata (At 19,11-20). No relato seguinte, ocorrido também em Éfeso, no templo de Artêmis,

¹⁸⁷ COMBLIN, J. “Ricos e pobres no Atos dos Apóstolos”, p. 6.

¹⁸⁸ DAVIDSON, F. *O Novo Comentário da Bíblia*, p. 1038.

¹⁸⁹ COMBLIN, J. “Ricos e pobres no Atos dos Apóstolos”, p. 7.

onde havia grande comércio de objetos religiosos dedicado a deusa, Lucas narra a reclamação dos prejuízos que os comerciantes passaram a ter e o motim destes contra o apóstolo Paulo. Mais uma vez, o tema é o dinheiro pois com a pregação de Paulo, a profissão dos artesãos e comerciantes ficou ameaçada economicamente com a conversão de muitos seguidores de Artêmis ao cristianismo (At 19,23-40). Como, já descrito anteriormente, os ricos entendem melhor através da linguagem econômica e não deixa de ser significativo que Lucas se interesse por narrar fatos que envolvem dinheiro.

Na primeira comunidade cristã de Jerusalém, um dos principais comportamentos econômicos baseava-se na partilha dos bens (At 2,44-45; 4,32-37). Esta forma de lidar com o dinheiro em comunidade deveria causar muita estranheza e incompreensão para os ricos que queriam seguir Jesus. Como precisavam de explicações e exemplos, Lucas cita os casos de Barnabé, Ananias e Safira, usando relatos que envolvem dinheiro.

Para esclarecer sobre a partilha dos bens, Comblin explica que consistia na esmola:

Trata-se de vender bens relevantes e dar o arrecadado à comunidade. Lucas aponta aos ricos o caminho da esmola. Porém, não se deve entender *esmola* no sentido atual da palavra. Hoje dar esmola é dar parte insignificante da riqueza, que em nada altera a vida de quem a oferece. No caso de Barnabé ou de Ananias, trata-se de verdadeiro sacrifício”.¹⁹⁰

Os ricos eram motivados a fazer doações significativas, convertendo valores de vida material individual para valores do amor em comunidade. Na primeira das duas passagens de referência em Atos, anteriormente citadas, que mostram o modo de partilha dos primeiros cristãos de Jerusalém, Lucas descreve que “todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um” (At 2,44-45). E na segunda passagem é descrito que “Ninguém considerava exclusivamente seu o que possuía, mas tudo entre eles era comum [...]. De fato, os que possuíam terrenos ou casas, vendendo-os, traziam os valores das vendas e os depunham aos pés dos apóstolos. Distribuía-se então, a cada um, segundo a sua necessidade” (At 4,32b; 34-35).

Barnabé, que vendeu um terreno, e depositou o dinheiro aos pés dos apóstolos (At 4,36-37) é o exemplo que Lucas usa para ensinar os ricos o comportamento correto. Por suposição de sustentabilidade econômica, Barnabé deveria possuir mais bens além daquele

¹⁹⁰ COMBLIN, J. “Ricos e pobres no Atos dos Apóstolos”, p. 7.

terreno como uma casa, outro terreno produtivo, animais e bens de uso pessoal, necessários à sua sobrevivência e da comunidade, que não pôs à venda e nem doou.

Para melhor entendimento da realidade que acontecia nesta primeira comunidade cristã, Comblin esclarece que:

As fórmulas famosas: “punham tudo em comum” (4,32), “tudo partilhavam” (2,44), não devem ser tomadas em seu sentido rigoroso, ao pé da letra. Igualmente é preciso relativizar as fórmulas genéricas: “Vendiam as suas propriedades e os seus bens para repartir o dinheiro” (2,45), “os que possuíam terrenos ou casas, vendendo-os, traziam os valores das vendas, e os depunham aos pés dos apóstolos” (4,34-35). Essa generalização trata-se de fórmula de retórica.”¹⁹¹

Seguindo esta interpretação, Langner esclarece da seguinte maneira:

Lucas vê claramente que, em última análise, é mais adequado e eficiente que os ricos não deem tudo e fiquem pobres e carentes, mas é melhor que apoiem e subvencionem solidaria e permanentemente a comunidade, com seus bens e ganhos, segundo suas possibilidades próprias e reais, como praticava a primeira comunidade em Atos. Fazer o possível e atuar segundo as próprias possibilidades, sublinha também a parábola das minas (Lc 19,11-27). Não importa a quantidade, e sim, empenhar-se a fundo e dar o possível”.¹⁹²

É possível interpretar em At 2,44-45 e 4,32b; 34-35, que Lucas não quis explicar um modelo socioeconômico, mas ressaltar o desapego a propriedade privada desnecessária e seu compartilhamento numa comunidade de amor ao próximo, aumentando a esperança da salvação. O mundo da economia possui dois elementos essenciais que são: a *produção* e a *distribuição* dos bens e serviços que necessitamos para sobreviver. Lucas, nestas perícopes, só relata a forma de distribuição dos valores da venda de bens. Como não relata a forma de produção, não está descrevendo um sistema econômico. Então se conclui que a venda das propriedades, dos bens, terras e casas, descritas por Lucas não seria desfazer-se de tudo o que possuíam, mas tratar-se-ia da venda dos bens que lhes eram desnecessários. Ou seja, a venda seria dos bens que “*não precisavam*” e a posterior doação do dinheiro para os necessitados; ou para a comunidade sob gestão dos apóstolos, que repartiam a cada um, conforme a sua necessidade. É sensato entender que os bens necessários e essenciais para subsistência e para o trabalho não poderiam ser vendidos, e sim, mantidos como propriedade do detentor original,

¹⁹¹ COMBLIN, J. “Ricos e pobres no Atos dos Apóstolos”, p. 7.

¹⁹² LANGNER, C. *Evangelio de Lucas Hechos de los Apóstoles*, p. 211.

que não os consideraria como exclusivamente seus, mas usaria, faria a gestão e compartilharia com quem precisasse. Clara evidência sobre este entendimento é o fato de Pedro possuir uma casa (Lc 4,38) e um barco (Lc 5,3) e Lucas não citar nenhum relato do destino dado destes bens, por este apóstolo que protagonizou a fundação das comunidades de Jerusalém e de Roma. Outra argumentação de que a venda dos bens, descritas nos Atos, não seria o total, referem-se ao que o próprio Lucas escreveu no terceiro evangelho sobre a orientação de João Batista: “*quem tiver duas túnicas, reparta-as com aquele que não tem*” (Lc 3,11); e o exemplo de Zaqueu: “*dou metade dos meus bens aos pobres*” (Lc 19,8).

Langner esclarece que em Lucas “Não há uma exigência geral para todos (dar tudo ou dar metade), senão que cada um deve fazer o possível”,¹⁹³ e “não entende como exigências gerais para todos os cristãos, senão como exigências pessoais ou individuais”.¹⁹⁴

Comblin escreve que a retórica do pertencimento comum total está ligada a cultura da amizade.

Quando se diz da primeira comunidade cristã que tudo era comum entre eles, a palavra “tudo” é retórica, e provavelmente procede da filosofia grega, na forma de divulgação popular. Os filósofos antigos valorizavam muito a “amizade” e se dizia que “entre amigos tudo é comum” — embora, na prática, raramente isso funcionasse. Sabe-se que a amizade entra em crise quando um amigo perde o status econômico e social. Lucas quis dizer que encontrou na primeira comunidade cristã a realização do ideal da amizade.”¹⁹⁵

Este modelo de comunidade é relatado somente por Lucas em Atos, e, como já dito, não é descrito a forma de produção dos bens e serviços necessários, nem o sistema de organização do trabalho. Então surgem dúvidas sobre como seriam realizadas estas atividades essenciais da vida econômica e social. Comblin explica esta situação citando que os primeiros cristãos não vendiam tudo o que tinham, mas mantinham sob sua posse os bens necessários para si, suas famílias e para o trabalho. O prestígio de Barnabé certamente era dado pela sua condição de rico e da sua generosidade.¹⁹⁶ Para reforçar o pensamento de Comblin vemos que as várias viagens de Paulo e de Barnabé, mostram que havia disponibilidade de recursos, com grande probabilidade de serem do próprio Barnabé.

Neste capítulo, conclui-se que o ensinamento que Lucas transmite sobre a função dos ricos na comunidade cristã e na história da salvação, é a generosidade para com os pobres. Para

¹⁹³ LANGNER, C. *Evangelio de Lucas Hechos de los Apóstoles*, p. 211.

¹⁹⁴ LANGNER, C. *Evangelio de Lucas Hechos de los Apóstoles*, p. 210.

¹⁹⁵ COMBLIN, J. “Ricos e pobres no Atos dos Apóstolos”, p. 7.

¹⁹⁶ COMBLIN, J. “Ricos e pobres no Atos dos Apóstolos”, p. 8.

Langner, “Lucas ensina que a riqueza não impede a comunhão com Jesus, nem ao acesso a ele, porque Jesus aceitou os ricos e lhes concedeu explicitamente a salvação como a Zaqueu.¹⁹⁷ Os ricos virtuosos citados nas obras lucanas como Zaqueu, Barnabé, Tabita, e Cornélio, tinham comportamento comum colocando suas riquezas à disposição dos pobres, com desapego. Comblim descreve que:

A obra de Lucas foi uma resposta aos ricos convertidos do primeiro século. Guardadas as proporções, a resposta continua valendo para os nossos dias. Se o povo de Deus é dos pobres, há espaço para os ricos que colocam a sua riqueza à disposição dos pobres. Não precisam necessariamente tornar-se semelhantes aos pobres - que no fundo, é impossível. O que os integra no povo dos pobres é o dom de si próprios - o dom de suas capacidades.¹⁹⁸

3.2 OS ENSINAMENTOS DO ENCONTRO DE JESUS COM O CEGO E ZAQUEU

Neste subcapítulo estuda-se o ensino que Lucas possivelmente desejou dar ao seu leitor Teófilo, sobre a amplitude da salvação que Deus oferece a toda humanidade, exemplificada nas pessoas do cego e de Zaqueu.

Ambos, o cego (Lc 18,40) e Zaqueu (Lc 19,5) em Jericó tiveram um encontro com Jesus. Um fora (Lc 18,35), outro dentro da cidade (Lc 19,1); um doente (Lc 18,35), outro saudável (Lc 19,4); um pobre (Lc 18,35), outro rico (Lc 19,2); um coleta esmolas (Lc 18,35), outro coleta impostos (Lc 19,2). Ambos nos extremos opostos da vida física e econômica. Porém ambos calados e cegados pela multidão (Lc 18,39; 19,3). Ambos rejeitados, excluídos e preconceituados (Lc 18,39; 19,7). Um grita alto (Lc 18,38) e outro sobe ao alto (Lc 19,4). Ambos querem ver Jesus e ambos Jesus os faz vê-lo (Lc 18,38; 19,5). Ambos perdidos (Lc 18,39; 19,10), ambos salvados (Lc 18,42; 19,9). Ambos queriam um encontro e ambos são encontrados.

O primeiro estava cego e queria ver Jesus (Lc 18,38); o segundo estava perdido e procurava ver quem era Jesus (Lc 19,3). Jesus fez o cego ver, porque este queria enxergar (Lc 18,41); Jesus veio procurar e salvar Zaqueu, porque estava perdido (Lc 19,10). O cego queria a compaixão do Filho de Davi (Lc 18,38) e Jesus revela-se fazendo-o ver de novo (Lc 18,42); Zaqueu procura reconhecer o Cristo (Lc 19,3) no Filho do Homem (Lc 19,10) e Jesus revela-se reconhecendo-o empoleirado num sicômoro e auto convidando-se para ficar em sua casa (Lc

¹⁹⁷ LANGNER, C. *Evangelio de Lucas Hechos de los Apóstoles*, p. 210.

¹⁹⁸ COMBLIN, J. “Ricos e pobres no Atos dos Apóstolos”, p. 8.

19,5). Este encontro de salvação promovido pelo Filho de Davi para o cego e Filho do Homem para Zaqueu, revela o desejo de Deus em Jesus. Deus quer que o homem cego e o homem perdido, que desejam ver e encontrar Deus, sejam restaurados ao seu Reino (Lc 2,30-32), como a ovelha desgarrada e perdida (Ez 34,16; Lc 15,4), deseja voltar ao rebanho, e é encontrada pelo pastor e permanece salva na sua proteção (Ez 34,22; Lc 15,5-6). O homem não pode salvar-se, pois só Deus salva (Lc 18,26-27); e salvar a todos é seu desejo (Lc 2,30-32); e assim o faz para aqueles que também desejam ser salvos por Ele. Aquele que tem fé e esperança no Deus Salvador e não sabe onde Ele está, está perdido; e quando deseja encontrá-Lo (Lc 19,3-4), é Deus que o encontra (Lc 19,5) e alegra-se com seu achado (Lc 15,6), alegrando aquele que é encontrado por Deus (Lc 18,43; 19,6). Assim foi com o cego e com Zaqueu; e assim é com aquele que quer ver Deus e está cego e perdido. Desta forma Lucas ensina que Jesus é a esperança do encontro com Deus e quem procura vê-lo, é ele encontra e salva (Ez 34,16-22; Lc 19,5-9). Não importa se pobre ou rico, se coletor de esmolas ou coletor de impostos, Deus quer a todos e salva a todos que o querem. Este é o resultado do encontro com Jesus. Para aquele que quer o encontro, é o próprio Jesus que o encontra.

3.3 OS ENSINAMENTOS DE ZAQUEU

Lucas realiza um ensino bem definido no exemplo de Zaqueu que os bens são para o bom usufruto de todos, principalmente, direcionados para os pobres e para a justiça. Zaqueu exercia sua profissão com grande empenho, pois seria o maioral (Lc 19,2) e esforçava-se para não cometer cobranças a mais que o prescrito (Lc 3,13). Possuía autoridade romana e não abusava para abrir espaço no meio da multidão. (Lc 19, 4)

Zaqueu recebia grandes somas pelo seu trabalho (Lc 19,2) e era solidário com as pessoas pobres em sua volta (Lc 19,8). Diferente do filho que dissipou a herança do pai numa vida devassa (Lc 15,11-13) ou do outro rico, também filho de Abraão, que ignorava o pobre Lázaro (Lc 16,19-31). Mesmo ganhando muito e sendo rico, Zaqueu era desapegado e não servia ao dinheiro (Lc 16,13), nem queria acumular como o rico em Lc 12,16-20, pois estava dando metade para os pobres e restituindo os defraudados (Lc 19,8), tornando-se rico para Deus (Lc 12,21).

Zaqueu também tinha um comportamento ingênuo e até cômico (Lc 19,4), semelhante a uma criança, para poder ver Jesus, e talvez, desejasse receber o Reino de Deus (Lc 18,15-17). Sabia lidar com o perigo das riquezas pois era desapegado, tendo uma conduta contrária ao rico

notável de Lc 18,23. Também era humilde e reconhecia que poderia errar na sua profissão, mas autopenitenciava-se com a restituição quadruplicada (Lc 19,8), tendo um comportamento semelhante ao publicano que foi justificado em Lc 18,9-14.

Assim, Lucas, utilizando o exemplo de Zaqueu, procura ensinar para aqueles que possuem muitas posses e querem ver Jesus, que devem esforçar-se na caminhada e ir além das limitações físicas ou sociais, e ultrapassar os preconceitos e barreiras das multidões, permanecendo perseverante na fé do encontro, praticando caridade e justiça com suas riquezas.

4 ESTUDOS SOBRE PAX ROMANA E OS PUBLICANOS JUDEUS

Para um melhor entendimento sobre a situação de Zaqueu, e sua possível conduta honesta, é necessário conhecer o ambiente político, econômico e profissional, e as circunstâncias que ele estava vivendo. Então, a seguir, é demonstrado de forma sensata, o ambiente romano que vigorava na Judéia, as características de sua profissão de publicano, de sua condição econômica e as diferentes visões religiosas e morais.

4.1 A PAX ROMANA

A passagem de Lc 19,1-10 aconteceu no tempo em que o Império Romano dominava extensas possessões em volta do Mar Mediterrâneo e governava através da difusão e implantação da Pax Romana, que segundo Wengst, “se caracterizava como uma paz solidificada pelas vitórias imperiais, cujo aspecto militar está em primeiro lugar”¹⁹⁹. Segundo Aristides, foi uma “idade de ouro”.²⁰⁰ Esta idade ocorreu no período de 27 a.C até o ano 180 d.C e foi importante na manutenção do poder romano sobre as regiões que havia conquistado.²⁰¹

Na época de Jesus, de acordo com Morley, “a cidade de Roma tinha um milhão de habitantes”²⁰² e para a manutenção do seu estilo de vida, possuía necessidade de proteger e controlar as principais regiões onde eram produzidos os alimentos, extraído os minerais ou eram rotas comerciais dos produtos de interesse.

Antes da ocupação romana, os outros povos que habitavam certa região de interesse romano, viviam em guerras e disputas constantes contra si, inclusive na Judéia²⁰³ e também contra Roma, por motivos políticos e econômicos e também por interesse de sobrevivência, liberdade, autonomia e manutenção de seus territórios, valores culturais, étnicos e religiosos. Enfim, para manter a sobrevivência e perpetuação de cada povo, havia muitas guerras, invasões, assaltos e pilhagens que não permitiam as pessoas e suas famílias desenvolverem-se em paz em

¹⁹⁹ WENGST, K. *Pax Romana: pretensão e realidade*, p. 21.

²⁰⁰ ARISTIDES, E. *Romrede 106*, in WENGST, K. *Pax Romana: pretensão e realidade*, p. 21.

²⁰¹ SILVA, D. N. *Pax Romana*, n.p.

²⁰² ANTONIO, M. L. *et al. Ancient Rome: A genetic crossroads of Europe and Mediterranean*, p. 3.

²⁰³ Macedônios, selêucidas, samaritanos, idumeus, itureios e outros.

seus territórios. A vida humana tinha pouco valor e os estrangeiros geralmente eram vistos como inimigos. Estas lutas constantes faziam as pessoas terem grande desejo e necessidade de paz, pois atrapalhavam e ameaçavam a manutenção e a sobrevivência dos seus povos, inclusive os romanos.

Diante de tamanha insegurança, o Império Romano desenvolveu a seguinte estratégia:

- a) ocupava, com seu poderoso exército, a região de interesse econômico ou político, que no caso da Judéia foi no ano 63 a.C.
- b) dominava militarmente e exigia que os povos e seus governantes ficassem submissos ao imperador, ou colocava um governador próprio, quando havia disputas entre os reis locais. No caso da Judéia, no tempo de Jesus, quem governava era Pôncio Pilatos.
- c) prometia manter a tão desejada paz geral, mantendo guarnições para proteger os habitantes, as famílias, seu trabalho e prosperidade. Caso outros exércitos ou saqueadores adversários tentassem atacar o povo dominado ou surgisse violência e revoltas internas, tudo seria rechaçado pelas tropas romanas. Também realizavam a construção de estradas, aquedutos, teatros e outras obras de infraestrutura para o desenvolvimento econômico, social e cultural romano na região dominada. Para Silva, “a Pax Romana foi, ao mesmo tempo, uma forma de garantir a produtividade da economia romana e de controlar as regiões conquistadas e foi justificada por oferecer ‘benefícios’ aos outros povos”.²⁰⁴
- d) a sustentação de todo este aparato de paz armada, “era feita com impostos, alfândegas, contribuições, tributos e recrutamentos”²⁰⁵. De acordo com Wengst, “o lucro que Roma auferia das províncias fazia-se de acordo com o Direito, a saber, de acordo com os direito dos vencedores”²⁰⁶. Os habitantes dominados deveriam pagar impostos ao império, sobre a propriedade, produção, comercialização e uso das rotas protegidas. Para cada tipo de atividade havia uma determinada taxa, imposta pelas autoridades romanas. Parte dos tributos eram destinados para a remuneração dos coletores, manutenção das tropas, da ordem, da paz, da infraestrutura e da administração

²⁰⁴ SILVA, D. N. *Pax Romana*, n.p.

²⁰⁵ WENGST, K. *Pax Romana: pretensão e realidade*, p. 48.

²⁰⁶ WENGST, K. *Pax Romana: pretensão e realidade*, p. 46.

na província dominada e a outra parte, a maior e mais preciosa, era destinada para Roma;

- e) Na província da Judéia, no início do séc. I, a coleta de impostos, era realizada pelos publicanos, judeus contratados, e a sua fiscalização era feita pelos questores.²⁰⁷

Segundo Buckland e Williams, “havia duas espécies de publicanos: os publicanos gerais e os delegados”.²⁰⁸ Os gerais eram cidadãos romanos responsáveis pela renda do império, perante o imperador, e os publicanos delegados eram cidadãos da nação a ser tributada, contratados pelos gerais em cada província ou região, responsáveis pela coleta inicial entre seus compatriotas.²⁰⁹ De acordo com este estudo, Zaqueu seria um publicano delegado, maioral entre outros publicanos, na região de Jericó, possivelmente nomeado pelos publicanos gerais de Roma.

Jesus, que também viveu nestas circunstâncias, foi questionado por alguns fariseus e herodianos sobre a licitude do pagamento de tributos ao imperador, que mantinha financeiramente a Pax Romana na região. Ao pedir que mostrassem o denário do imposto, ele deu como resposta em Lc 20,25: “Devolvei, pois, a Cesar, o que é de César.” Demarchi explica que “o denário que os questionadores mostraram a Jesus, tinha de um lado a imagem do Imperador Tiberius (anverso), com a inscrição *Tibérius César Augusto, filho do divino Augusto*, e, no outro lado (reverso), a figura de Livia como ‘*deusa da paz sentada*’, simbolizando a autoridade do imperador e os objetivos da paz romana”.²¹⁰ Alguns estudiosos interpretam que Jesus tomou uma posição de isenção em relação aos impostos e a paz romana. Conforme Schrage, “fazendo os que lhe propunham a pergunta, tirar o dinheiro do próprio bolso, Jesus mostra que a pergunta não era feita a sério; na realidade, os questionadores já tinham respondido à pergunta pois já estavam usando o dinheiro do imperador”,²¹¹ e também sendo coniventes com a paz romana. Petzke faz uma resposta paralela como se Jesus dissesse:

Uma vez que vós vos ocupais, em nível do dinheiro, da economia e naturalmente da política, então deveis aguentar também as consequências e pagar a taxa para aquele que é responsável por este sistema, a saber, o imperador.²¹²

²⁰⁷ HESSER, H. *Os Questores*, p. 73.

²⁰⁸ BUCKLAND, A. R.; WILLIAMS, L. *Dicionário Bíblico Universal*, p. 502.

²⁰⁹ BUCKLAND, A. R.; WILLIAMS, L. *Dicionário Bíblico Universal*, p. 502.

²¹⁰ DEMARCHI, M. *Moedas no Velho Testamento e do tempo de Jesus*, n.p.

²¹¹ SCHRAGE, W., *apud* WENGST, K. *Pax Romana: pretensão e realidade*, p. 87.

²¹² PETZKE, G. *apud* WENGST, K. *Pax Romana: pretensão e realidade*, p. 87.

Assim Jesus isenta-se de um “não”, que seria perigoso para ele, e também de um “sim” pessoal, pois o sistema da paz romana já fora aceito pelos seus questionadores.

4.2 SOBRE A CONTRATAÇÃO DO PUBLICANO ZAQUEU

Lucas descreve que Zaqueu era o maioral dos publicanos de Jericó, cidade pertencente a Judéia, que estava sob governo de Pôncio Pilatos. Como não foram encontrados registros históricos precisos que descrevem a forma de contratação que os romanos faziam para a coleta de impostos através destes profissionais locais e também as suas regras, muitos estudiosos passaram a deduzir supostas maneiras. Porém nenhum deles mostram fontes fidedignas de seus relatos e alguns descrevem contratações e regras de difícil viabilidade.

Um exemplo é de Émile Morin que descreve: “os arrematadores dos impostos régios (indivíduos ou grupos) assinavam um contrato, quase sempre quinquenal, que os obrigava a pagar uma quantia fixa e lhes dava todo o direito de recuperar dos contribuintes seu dinheiro. Então, para não ficarem prejudicados, tributavam amplamente”.²¹³ Esta descrição de Morin traz muitas dúvidas de sua veracidade, sob uma análise mais racional, principalmente para aplicação na cidade de Jericó.

Primeiro: se os arrematadores tinham que fazer um pagamento fixo de uma suposta arrecadação futura de cinco anos, é compreensível concluir que seria praticamente impossível um grupo de nativos de Jericó possuírem tanto dinheiro em denários para fazer este arremate.

Segundo: se o arrematador tinha a liberdade de tributar amplamente, então não havia um limite prescrito por João Batista em Lc 3,13 e tornar-se-ia difícil julgar qual valor seria uma extorsão.

Terceiro: se a remuneração do arrematador fosse a cobrança a maior que a quantia paga aos romanos, então os publicanos batizados por João Batista teriam que cobrar somente o que pagaram aos romanos, para seguirem as orientações do profeta, e não ganhariam nada pelo trabalho de arrecadação. Obviamente que isto não seria sensato. Assim esta descrição de Morin não seria sensatamente aplicável ao publicano Zaqueu de Jericó.

Então, como não foi encontrado nenhuma fonte fidedigna, sobre o trabalho de um publicano, na cidade de Jericó, sob governo romano de Pôncio Pilatos, e o que existe são suposições, geralmente de viabilidade duvidosa, será feita uma descrição de contratação,

²¹³ MORIN, E. *Jesus e as escrituras do seu tempo*, p. 34.

baseada na sensatez e na lógica mais próxima possível da sabedoria romana sobre seus tributos, para fortalecer a hipótese de que Zaqueu enriqueceu de forma honesta.

Ao contratar uma pessoa do povo judeu, para ser publicano delegado em Jericó, obviamente que os romanos exigiriam duras regras e muita honestidade. Deve-se lembrar que um dos maiores legados do império foi o Direito Romano. Eles souberam fazer boas leis e eram muito disciplinadores no seu cumprimento. Uma simples desobediência ou roubo, poderia resultar numa enorme punição, principalmente para um não romano de confiança, que lidava com os tributos de César. De acordo com o Código de Justiniano do séc. VI, a pena por fraude cometida por um coletor de impostos era o reembolso quatro vezes maior e, com frequência, o acusado fugia para evitar o processo.²¹⁴ Estas regras possivelmente já seriam aplicadas na Judéia, no tempo de Pôncio Pilatos (Lc 19,8).

As exigências óbvias é que o judeu a ser contratado teria que possuir capacidades muitos específicas e raras. A primeira delas, já descrito anteriormente, é ser honestíssimo, pois os romanos eram muito criteriosos com as leis e com os tributos de César e também eram muito violentos nas punições, principalmente para infratores estrangeiros. Marco Túlio Cícero, em 66 a.C., descreve os publicanos como “[...] *publicani, homines honestissimi atque ornatissimi*”²¹⁵ (homens honestíssimos²¹⁶ e também ornadíssimos²¹⁷). E o contratado também deveria ter muita prudência ao coletar impostos dos seus compatriotas, pois a extorsão acima do exigido levava a delação as autoridades, a revoltas internas, e a forte pressão popular sobre o governador, ameaçando a paz romana.

Outra exigência sensata dos romanos, seria que o publicano tivesse que possuir recursos próprios significativos como casa, animais, terras e dinheiro e também uma família, pois assim o império teria maiores garantias sobre a coleta de impostos, cerceando a probabilidade de fraudes, enganações e desvios do dinheiro das arrecadações, por parte do coletor. Outra capacidade necessária ao publicano seria ter excelente raciocínio numérico, pois iria lidar com dinheiro e cálculos contábeis. No tempo de Jesus, poucas pessoas eram alfabetizadas e sabiam lidar bem com números e controles financeiros. Teria também que ter grande conhecimento da atividade econômica, do valor patrimonial de seus compatriotas e das rotas de circulação de mercadorias, para que pudesse taxar com exatidão na forma prescrita pelos romanos. Também estaria em grande risco de assalto, pois estaria carregando altos valores

²¹⁴ SMITH, D. *Salvation Has Come: The Transformation of Zacchaeus*, p. 20.

²¹⁵ CICERO, M. T. *Pro lege Manila*, p. 50.

²¹⁶ QUICHERAT, L. *Novíssimo Dicionário Latino-Português*, p. 556-557.

²¹⁷ *Ornatissimi* em latim significa provido de virtudes, que não tem falta de coisa alguma, honroso, de boa família, ornado, elegante. Cf. QUICHERAT, L. *Novíssimo Dicionário Latino-Português*, p. 828.

arrecadados para os romanos.

Contratar uma pessoa com estas sensatas características, habilidades e conhecimentos, naquele tempo, seria de extrema dificuldade. Por fim, o publicano judeu saberia que seria rejeitado e excluído socialmente de seu grupo étnico, pois era contumaz a revolta popular ao pagar impostos, principalmente para um império estrangeiro dominante, onde tradicionalmente o preconceito e a exclusão social dos cobradores de impostos eram comuns, onde seriam taxados de pecadores, traidores, ladrões e impuros. Mesmo que a maioria dos publicanos fosse honesta, esta rejeição é um fato comumente abordado.

Portanto, diante de todas estas exigências, para aceitar e exercer o ofício, os publicanos judeus teriam que ser muito bem remunerados e protegidos pelos romanos; e como teriam que ter notória capacidade de administração dos bens, naturalmente tornavam-se ricos, bem ornados, bem providos ou “*ornadíssimos*” como descreve Cícero.²¹⁸ Esta forma de entendimento, reforça o argumento de que Zaqueu e também os outros publicanos de Jericó teriam sido contratados pelos romanos, na expectativa de um comportamento fiel as regras e honestos na taxaço. E Zaqueu teria enriquecido por uma suposta alta remuneração e muita competência, tornando-se maioral.

Para compreender mais ainda sobre esta alta remuneração, busca-se conhecer a situação econômica da região. Jericó, naquele tempo, era um importante centro de rotas comerciais que também contava com um palácio do rei Herodes. Conforme Josefo, Jericó também possuía um importante polo de produção de palmeiras e bosques de bálsamo. O unguento derivado do bálsamo de Jericó era muito apreciado na época²¹⁹. A utilização deste perfume é descrita em muitas passagens bíblicas (Gn 37,25; Gn 43,1; Jer 8,22; Ez 27,17; Mt 26,17; Mc 14,3; Lc 7,37; Jo 11,2; Jo 12,3) e era muito valioso. Tudo isso mostra que aquela região era uma fonte de impostos muito significativa. Jericó deveria ser uma importante coletoria de impostos, e Zaqueu era o maioral dessa arrecadação. Obviamente que uma importante coletoria também possuiria especial atenção dos questores, que fiscalizavam todo sistema de tributos e tinham autoridade de intervir numa região ou província, caso fosse descoberta alguma corrupção.²²⁰

Outra forma de fiscalização do trabalho de coleta é o fato, já citado anteriormente, do qual os publicanos seriam constantemente acompanhados de soldados romanos para a proteção

²¹⁸ CICERO, M. T. *Pro lege Manilia*, p. 50.

²¹⁹ FLÁVIO Josefo: *Uma Testemunha nos Tempo dos Apóstolos*. p. 25.

²²⁰ HESSER, H. *Os Questores*, p. 52.

dos tributos coletados²²¹. Por lógica orientação superior, estes soldados também exerceriam um papel indireto de fiscalização sobre o publicano para evitar fraudes ou evitar revoltas, indignações e violências no momento da coleta. Estes fatos aumentam a argumentação de que Zaqueu só poderia ter enriquecido de forma honesta, fruto de uma alta remuneração obtida sob rígida fiscalização.

4.3 PUBLICANO JUDEU ACOMPANHADO POR SOLDADOS

Por consequência de seu ofício, os publicanos estariam carregando cotidianamente altas somas em moedas romanas, resultado do exercício das coletas. Obviamente seriam visados por assaltantes ou vingadores. Como registro histórico do perigo de um publicano ser assaltado é a existência do grupo dos “zelotes”, que formavam uma facção judaica nacionalista que lutava contra o domínio romano sobre Israel. No ano 6 d.C. Judas, o Galileu, liderou uma revolta contra a dominação romana, por rejeitar o pagamento de tributos pelos israelitas ao imperador. Segundo Lohse, quem reconheceu o imperador como seu senhor e lhe pagou impostos, infringiu, na perspectiva dos zelotes, o primeiro mandamento, que prescreve honrar somente a Deus²²² Seu modo de vida era habitar lugares distantes e escondidos, principalmente nas montanhas e atacar de assalto as forças romanas. Para os romanos, eles não passavam de bandidos e ladrões, e defendiam-se ou contra-atacavam com muito rigor.²²³ Logo, a existência dos zelotes e sua institucional revolta contra a dominação de Roma e seus tributos, representava uma grave ameaça de assalto aos cobradores de impostos para os romanos, com o agravante de que eles também eram judeus.

Um relato bíblico que pode reforçar a hipótese que os publicanos judeus seriam acompanhados por soldados romanos é em Lc 3,12-14. Lucas revela que publicanos e soldados, numa mesma ocasião, foram até João Batista para serem batizados. Outro apontamento coerente, é argumentar que os publicanos seriam muito respeitados e protegidos pelo império, devido sua importância na atividade econômica. Comparado com os soldados percebe-se que ambos os profissionais, seriam de relevante importância para Roma. Porém os publicanos exerciam uma atividade que gerava o aumento da riqueza de Roma e os soldados exerciam outra atividade necessária para manter a paz e evitar conflitos, porém geravam despesas. E

²²¹ AEFÉ. *Quem foram os publicanos?*, n.p.

²²² LOHSE, E. *Contexto e Ambiente do Novo Testamento*, p. 75.

²²³ LOHSE, E. *Contexto e Ambiente do Novo Testamento*, p. 76.

quando esses dois profissionais paravam de exercer a atividade, o império não tinha mais nenhuma responsabilidade com o publicano judeu, mas tinha que continuar provendo o soldado romano que se aposentou com uma pensão.²²⁴

Desta forma, os publicanos, deveriam ser muito respeitados e protegidos pelos romanos e isto também contribuiria com o desprezo e a rejeição por parte dos zelotes, fariseus, escribas e outros israelitas. Este argumento reforça também o fato dos fariseus, escribas e alguns outros judeus de tratarem Zaqueu, o maioral dos publicanos de Jericó, como um pecador impuro, e excluído da sociedade judaica, por estar trabalhando a serviço do império opressor e acompanhado constantemente por soldados pagãos.

4.4 SOBRE OS RISCOS DAS EXTORÇÕES DOS PUBLICANOS JUDEUS

Pagar a mais por um produto, serviço ou imposto gera natural revolta nas pessoas, em qualquer tempo. Caso os publicanos de Jericó cobrassem constantemente a mais, é natural que surgisse revoltas populares contra os romanos e ameaçaria a *Pax Romana*, como foi o caso dos zelotes. O principal objetivo de um governador romano e suas guarnições numa província, era manter esta paz armada, através da ordem e do progresso, e assegurar tranquila cobrança dos impostos. É importante aqui lembrar que Pôncio Pilatos, mesmo não tendo encontrado culpa em Jesus (Lc 23,22) mandou crucificá-lo por pressão da multidão de judeus (Lc 23,23). Assim observa-se que os judeus também tinham poder de pressão sobre o governador romano. E no caso de cobranças abusivas, por parte dos publicanos judeus contra o próprio povo, é sensato concluir que também haveria forte pressão contra o governador, para punição dos judeus extorsores.

Também é sensato concluir que, caso houvesse denúncias populares contra os excessos dos publicanos, “estes seriam punidos com muito rigor”, afirma Smith.²²⁵ Inclusive as punições poderiam ser mais graves ainda, pois se os publicanos cobrassem acima do estipulado e retivessem para si o excedente, eles também estariam roubando do império, pois os tributos são de César. Segundo Campos, os romanos praticavam regularmente punições exemplares, para garantir a manutenção do seu império. As penas máximas seriam a perda total dos bens

²²⁴ O imperador Augusto em 6 d.C. instituiu o “Aerarium Militari”, como uma fonte permanente de proventos para os veteranos do exército romano, mediante o pagamento de pensões (praemia) aos militares que encerravam o seu tempo de serviço. Assim, após 20 anos de serviço, o soldado romano recebia uma pensão de 12.000 sestércios, equivalente a doze anos de pagamento. Cf. PAULA, E. S. *O erário militar*, p. 193.

²²⁵ SMITH, D. *Salvation Has Come: The Transformation of Zacchaeus*, p. 20.

familiares e uma punição exemplar executada publicamente como morte por crucificação, açoitamento, espancamento, decapitação, esquartejamento, enforcamento, carbonização, enterramento ou lançamento de uma rocha.²²⁶ Assim conclui-se, com sensatez que os publicanos de Jericó, não poderiam enriquecer de forma extorsiva e explícita.

Mas, por mais rígidas que sejam as regras e as punições, é também sensato concluir que tudo não era perfeito, e sim, que poderia haver alguma corrupção ou extorsão, pois os publicanos não tinham má fama apenas por preconceito e também João Batista não estaria orientando-os a não cobrarem mais que o prescrito (Lc 3,12-13) em vão. Também deve-se lembrar que o próprio Zaqueu declarou para Jesus: “e se, extorqui a alguém...”(Lc 19,8), revelando a existência de possíveis extorsões de sua parte.

Porém, no exercício de Zaqueu, estas possíveis extorsões não poderiam ser contumazes, propositais e de grande monta, pois se assim fosse, seria necessário o envolvimento de muitas autoridades, inclusive do governador. E também teria que ter o envolvimento dos soldados que acompanhavam os publicanos para proteção dos tributos coletados.²²⁷ Mas, como o império era muito organizado e precavido, também previa a possível ocorrência destes delitos. Hesser afirma que existiam “os questores, membros do senado, que fiscalizavam todo sistema de tributos e tinham autoridade de intervir numa região ou província, caso fossem descobertos significativos casos de corrupção”.²²⁸

Mas mesmo levando em consideração a hipótese de que houvesse este tipo de corrupção junto com autoridades, Zaqueu teria que extorquir seus conterrâneos em grande monta, pois teria que dividir os resultados do roubo com o governador e com os soldados, ficando com quantidade a menor daquilo que extorquiou. Aqui se faz necessário colocar que o dano total de Zaqueu teria sido contra os judeus, pagadores de impostos, independente se ele dividiu as extorsões com o governador ou com os soldados. Caso existisse este tipo de corrupção, seria impossível Zaqueu dar metade para os pobres e restituir ao quadruplo, com seus próprios recursos, do total que extorquiou incluindo o que deu para as autoridades corruptas, pois, a declaração foi feita para Jesus, o Filho do Homem, e interpreta-se por entendimento messiânico, que nenhum dos prejudicados ficaria sem receber quatro vezes mais do dano total.

Desta forma, mais uma vez se reforça a interpretação de que Zaqueu teria agido sempre com honestidade, sem pagar propinas para governador e soldados, nem correndo altos riscos em extorsões.

²²⁶ CAMPOS, R. C. *Punições exemplares garantiram a manutenção do império romano*, n.p.

²²⁷ AEFÉ. *Quem foram os publicanos?* n.p.

²²⁸ HESSER, H. *Os Questores*, p. 73.

4.5 PUBLICANOS VISTOS COMO EXTORSORES CONTUMAZES

Segundo Aletti, “os evangelistas sempre deixam seus personagens (Jesus, os fariseus, o povo) para cuidar em apontar a conotação pejorativa do termo ‘publicano’. Nesse sentido pode-se dizer que, como contadores de histórias, eles são neutros”.²²⁹

Malina e Rohrbaugh concluíram que “a pesquisa acadêmica recente dá a entender que embora moralistas rabínicos do final do séc. II e do séc. III só atacassem os cobradores de impostos quando fossem desonestos, os comerciantes o faziam sempre. De modo semelhante, as elites universalmente desprezavam os cobradores de impostos”.²³⁰ Assim desenvolveu-se uma retórica comum de que ser publicano é ser extorsor.

Alguns estudiosos²³¹ aceitam facilmente a hipótese de que os publicanos enriqueciam na corrupção durante a cobrança de impostos, inclusive Zaqueu. Por isto interpretam e propagam que eles eram defraudadores contumazes acreditando que cobravam a mais que o determinado de forma habitual e proposital, e ficavam ricos com o excedente. Porém, este tipo de interpretação ignora ou não leva em consideração a inteligência, a sensatez, o poder e o principal propósito da dominação romana, que eram os tributos ou a riqueza econômica.

Para este império poder conquistar e manter enorme poder político e econômico, durante séculos, só poderia ser liderado por pessoas inteligentes, prudentes e perspicazes, seguidos de uma organização militar à frente do seu tempo, e sistemas políticos, legislativos e tributários dotados de pessoas extremamente capazes, honestas e fiéis aos propósitos imperiais. E o principal propósito do domínio romano sobre outros povos sempre foi o poder econômico, baseado na cobrança de impostos, produzidos e coletados sob a paz armada ou *Pax Romana*. Sob estas colocações, é sensato interpretar que os publicanos teriam que ser honestíssimos para com os romanos e seus tributos, conforme já citado por Marco Túlio Cícero, que descrevia os publicanos como “homens honestíssimos e também ornadíssimos (...*publicani, homines honestissimi atque ornatissimi*.)”.²³² *Ornatissimi* em latim significa provido de virtudes, que

²²⁹ ALETTI, J. N. *El arte de contar a Jesucristo: Lectura narrativa del Evangelio de Lucas*, p. 20.

²³⁰ MALINA, B.; ROHRBAUGH, R. L. J. *Evangelhos Sinóticos: Comentário à luz das ciências sociais*, p. 377.

²³¹ MESTERS, C.; OROFINO, F. *Crescer em Amizade*, uma chave de leitura para o Evangelho de Lucas, p. 51; STORNIOLO, I. *Como ler o Evangelho de Lucas*, os pobres constroem a nova história, p. 168; AMBROSIO *apud*. TOMÁS DE AQUINO, *Catena Aurea*, exposição contínua sobre os Evangelhos, p. 549; PARSONS, *Short in Stature*: Luke's Physical Description of Zacchaeus, p. 6.

²³² CICERO, M. T. *Pro lege Manilia*, p. 50.

não tem falta de coisa alguma, honroso, de boa família, ornado, elegante,²³³ sinônimos de rico. Portanto é prudente citar que os romanos tinham a honestidade e a eficiência dos publicanos como virtudes a serem enaltecidas, e estes fatos são desconsiderados por alguns estudiosos.²³⁴

E os estudiosos que julgam os publicanos da Judéia, principalmente Zaqueu, de defraudadores contumazes, também ignoram que “os cidadãos pagadores de impostos estavam cientes dos valores exatos que precisavam pagar”.²³⁵ Esta ciência obrigaria o publicano a ter prudência e sensatez ao coletar impostos dos seus compatriotas, pois, segundo aponta Smith, a extorsão fora do prescrito levava a queixa e julgamento às autoridades dominantes²³⁶, ou então a revoltas. Estas revoltas que, obviamente, ameaçariam a paz romana e gerariam ódio vingativo e violento contra o defraudador, principalmente pelos zelotes, é também ignorada pelos estudiosos que interpretam os publicanos como extorsores contumazes.

Para Malina e Rohrbaugh, “embora fizessem parte do abuso que o sistema comportava, poucos cobradores de impostos teriam sido ricos, e muitos eram indubitavelmente justos e honestos”.²³⁷ Desta forma, entende-se que a maior probabilidade é de que os publicanos de Jericó, no tempo de Jesus, agiriam de forma habitualmente honesta, tanto para com os romanos, como para os judeus. É sensato também considerar que se fossem desonestos durante o exercício profissional, quando estavam protegidos pelos romanos, ao final da profissão, perderiam esta proteção e teriam que fugir para uma terra distante, para não serem perseguidos e vingados pelas suas vítimas judaicas, principalmente pelos zelotes.

Assim conclui-se que as muitas interpretações de que os judeus publicanos, principalmente Zaqueu, seriam extorsores contumazes, não levam em consideração a sensatez dos romanos e a sabedoria dos próprios judeus, não percebendo que a atividade de publicano seria exercida, na maioria das situações, de forma honesta, dentro do prescrito. Estas colocações também servem para reforçar ainda mais a suposição da moralidade positiva de Zaqueu como um profissional íntegro e eficiente, onde lhe teria sido confiada uma região de grande arrecadação, e teria ficado rico de forma honesta.

²³³ QUICHERAT, L. *Novíssimo Dicionário Latino-Português*, p. 828.

²³⁴ MESTERS, C.; OROFINO, F. *Crescer em Amizade*, uma chave de leitura para o Evangelho de Lucas, p. 51; STORNILO, I. *Como ler o Evangelho de Lucas*, os pobres constroem a nova história, p. 168; AMBROSIO *apud*. TOMÁS DE AQUINO, *Catena Aurea*, exposição contínua sobre os Evangelhos, p. 549; PARSONS, *Short in Stature*: Luke's Physical Description of Zacchaeus, p. 6.

²³⁵ UNITED NATIONS OF ROMA VICTRIX. *Tax in the Early Days of the Roman Republic*, n.p.

²³⁶ SMITH, Dean. *Salvation Has Come: The Transformation of Zacchaeus*, p. 20.

²³⁷ MALINA, B.; ROHRBAUGH, R. L. J. *Evangelhos Sinóticos: Comentário à luz das ciências sociais*, p. 377.

4.6 PUBLICANOS JUDEUS: PECADORES PELA PROFISSÃO?

Os fariseus, escribas e muitos judeus, no tempo de Jesus, consideravam que o publicano era um “pecador”, excluído da Aliança²³⁸, porque viam a cobrança de impostos para os romanos uma conivência e exploração da dominação estrangeira sobre seu povo. Para Blomberg, “pecadores”, neste contexto, se refere àqueles que notoriamente violaram as normas culturais e religiosas do judaísmo”.²³⁹ Por isso, a multidão em Lc 19,7 murmurou contra Jesus, porque ele fora hospedar-se na casa de Zaqueu, um publicano, logo pecador para eles.

Mas será que estes detratores tinham razão ou era só preconceito? Realmente alguns publicanos cobravam a mais que o prescrito conforme adverte João Batista em Lc 3,13. Além disso, a cobrança acima do prescrito poderia ter também a conivência e compartilhamento com os soldados que acompanhavam os publicanos, para proteção dos impostos coletados. Alguns soldados poderiam molestar com extorsões e falsas denúncias contra os pagadores de impostos, para ter um ganho extra sobre o seu soldo, como também adverte o Batista em Lc 3,14, aliados a defraudação dos publicanos (Lc 3,13). Obviamente que estes fatos geravam revoltas e indignações ao povo judeu e a difamação aos publicanos espalhava-se continuamente e até historicamente. Porém as defraudações poderiam ser raras e perigosas, pois o próprio império possuía fiscalização superior e regras punitivas para quem abusasse das coletas e ficasse com o excedente para si, conforme foi explicado no capítulo 4.4.

Porém quando o publicano cobrasse impostos conforme o prescrito, citado por João Batista (Lc 3,13), estaria sendo honesto e fazendo parte da estrutura tributária da época, não rejeitada por Jesus, que citou em Lc 20,25: “Devolvei, pois, a César o que é de César”. Mas, mesmo agindo de forma honesta, ainda assim o publicano era tratado como pecador e rejeitado como um pária impuro, principalmente pelos fariseus e escribas. Estes, por uma série de interpretações relativas à pureza do povo judeu, criaram listas de profissões tidas como desprezíveis, que rebaixavam socialmente aqueles que as exerciam, taxando-os de impuros. Numa destas listas constavam jogadores de dados, agiotas, organizadores de concursos de pombos, pastores, coletores de impostos e publicanos.²⁴⁰ Para Jeremias, “pode-nos parecer que cada lista é organizada de modo fantasista, de um ponto de vista inteiramente subjetivo”.²⁴¹ Os

²³⁸ PAGOLA, J. A. *O caminho aberto por Jesus*, p. 310.

²³⁹ BLOMBERG, Craig. *Jesus e os Evangelhos: uma introdução ao estudo dos 4 evangelhos*, p. 193.

²⁴⁰ JEREMIAS, J. *Jerusalém no tempo de Jesus, pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário*, p. 404.

²⁴¹ JEREMIAS, J. *Jerusalém no tempo de Jesus, pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário*, p. 405.

motivos que os fariseus davam para considerar uma determinada profissão de atividade impura, eram de uma complexidade e subjetividade muito pessoal. Por exemplo, a atividade de pastor era considerada impura porque, como empregados, eles poderiam ter desprezo pelas ovelhas por não serem donos delas²⁴². E no caso dos publicanos o motivo é jamais saberem a quantos lesaram ou ludibriaram para poderem fazer reparação.²⁴³ Assim, para os fariseus, “é difícil para pastores, coletores de impostos e publicanos fazer penitência”,²⁴⁴ pois não podiam ficar “puros” como eles.

Malina e Rohrbaugh nos dão um prudente conselho dizendo: “na avaliação da baixa opinião moral dos cobradores de impostos tão frequentes nos textos antigos, devemos, portanto, ser cuidadosos em perguntar a respeito de quem se está fazendo os julgamentos”.²⁴⁵ E, no caso de fazer julgamento de Zaqueu, este cuidado deve ser maior ainda, pois está-se julgando um publicano, filho de Abraão, que Jesus salvou (Lc 19,9).

Em várias passagens do Novo Testamento alguns publicanos são citados como pecadores, sem descrição do pecado, mas não pela profissão. Vê-se nos exemplos a seguir. Em Mt 9,10-11 e Lc 15,1-5, onde é citado pelos evangelistas e pelos fariseus que publicanos e pecadores sentaram a mesa com Jesus, a conjunção “e” (καί), pode significar²⁴⁶: *e, mas, porém, também, ainda*. Caso esta conjunção signifique “*mas, porém, também ou ainda*”, então ela une dois vocábulos em que o segundo, expressa um acréscimo da ideia iniciada no primeiro. Então “publicanos ‘mas’ pecadores” significa uma afirmação que aquelas pessoas, que estavam na mesa com Jesus, além de publicanos, também eram pecadores. Logo elas teriam as duas características de publicanos e de pecadores ao mesmo tempo. Aqui também pode-se entender que os fariseus estariam chamando os publicanos de pecadores porque, segundo Viviano, era “um termo técnico para designar membros de profissões desprezadas, consideradas suscetíveis de impureza ritual e outras máculas”.²⁴⁷ Neste caso são os fariseus que veem a profissão de publicano como pecadora, devido as suas regras de pureza, que Jesus muito censurou (Lc 11,39-44). Para Jeremias, a censura de Jesus aos fariseus é pela “hipocrisia no cumprimento das prescrições de pureza, quando eles mesmos são interiormente impuros”.²⁴⁸

²⁴² JEREMIAS, J. *Jerusalém no tempo de Jesus, pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário*, p. 412.

²⁴³ JEREMIAS, J. *Jerusalém no tempo de Jesus, pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário*, p. 413.

²⁴⁴ JEREMIAS, J. *Jerusalém no tempo de Jesus, pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário*, p. 413.

²⁴⁵ MALINA, B.; ROHRBAUGH, R. L. J. *Evangelhos Sinóticos: Comentário à luz das ciências sociais*, p. 377.

²⁴⁶ RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, p. 244.

²⁴⁷ VIVIANO, B. T. *O evangelho segundo Mateus*, p. 168.

²⁴⁸ JEREMIAS, J. *Jerusalém no tempo de Jesus, pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário*, p. 343.

Porém se a conjunção “e” (καί) foi escrita como uma união de dois vocábulos diferentes como “preto e branco”, então Mateus, Lucas e os fariseus estariam definindo as pessoas assentadas à mesa com Jesus, umas como publicanos, e outras como pecadores. Independente do significado da conjunção, ninguém está afirmando que os publicanos seriam pecadores pela profissão. Viviano interpreta que os fariseus estariam excluindo socialmente os publicanos porque os consideravam desleais e suspeitos de traição, acreditando que lucravam mediante extorsão, logo vistos como exploradores.²⁴⁹ Nesta interpretação, os publicanos seriam excluídos por supostas extorsões e não pela profissão.

Assim entende-se que os evangelistas não dizem que os publicanos são pecadores pelo exercício de sua profissão, como é o caso das prostitutas, assaltantes ou matadores de aluguel, mas somente aqueles publicanos que estavam assentados à mesa poderiam ser pecadores por extorsões ou outros delitos. E os fariseus estariam taxando-os de pecadores devido a suas complexas e controversas regras de pureza.

Na parábola do fariseu e o publicano (Lc 18,9-14), Jesus compara o comportamento vangloriante, arrogante, e soberbo de um fariseu, com o comportamento humilde e temente a Deus de um publicano. Desta forma entende-se que o publicano, apesar de ser repudiado pelo fariseu, consegue a justificação através da sua humildade. Logo, Jesus revela que um publicano, humilde e temente a Deus, pode obter a exaltação divina, sem a necessidade de mudar de profissão. O fariseu orava dizendo: “não sou como os demais homens: ladrões, injustos e adúlteros; *nem como* o publicano que está ali”.

Nesta citação, não há uma afirmação clara e convicta, por parte do fariseu, de que o publicano era pecador pela profissão. Poderia ser uma rejeição preconceituosa como a um pária e conceituá-lo de impuro por estar em contato com os pagãos romanos ou exercer uma profissão vista pelo fariseu como desprezível. Porém, na sua humildade, o publicano pede piedade a Deus porque confessa que é pecador. Mas Jesus, nesta parábola, não diz quais seriam os pecados do publicano. Poderiam ser roubos, injustiças e adultério que o fariseu disse que não praticava. Mesmo que fossem, não há relação de ser pecador por ser publicano.

Assim verifica-se que alguns publicanos acreditaram em João Batista (Mt 21,32) e foram batizados (Lc 3,12), outro largou da profissão, seguiu Jesus (Lc 5,27-28) e foi um dos doze (Mt 10,3). Jesus era amigo deles (Mt 11,19), vários se sentavam com ele (Mt 9,10) e comiam juntos (Lc 5,29). Muitos publicanos reconheceram a justiça de Deus (Lc 7,29), e aproximavam-se de Jesus para ouvi-lo (Lc 15,1). Um publicano humilhou-se e foi justificado

²⁴⁹ VIVIANO, B. T. *O evangelho segundo Mateus*, p. 168.

(Lc 18,13-14), e finalmente outro hospedou Jesus e obteve a salvação (Lc 19,1-10). Logo, muitos eram tementes a Deus. Verifica-se também que nem Jesus e nem os evangelistas afirmam que os publicanos judeus eram pecadores por causa da profissão. Apesar de serem rejeitados, repudiados, malvistas, discriminados, excluídos, enfim tratados como párias impuros pelos fariseus, escribas, sumo sacerdotes e anciãos, não há uma clara definição de que os publicanos eram pecadores pelo exercício da profissão.

Malina e Rohrbaugh advertem que “devemos ser cautelosos ao avaliar o evidente conflito entre fariseus e cobradores de impostos nos Evangelhos. A prova é menos substancial do que se pode supor a partir da leitura dos Sinóticos”.²⁵⁰

Esta avaliação de estudiosos atuais, também deve ser cautelosa, pois se julgarem Zaqueu de pecador pelo fato de ser publicano, julgarão um personagem bíblico do qual existe grande possibilidade de não ter sido um pecador pela profissão e nem proposital. Esta abordagem aqui colocada também serve para reforçar a possibilidade de Zaqueu ter sido um publicano honestíssimo e um íntegro filho de Abraão que poderia ter realizado uma caminhada de fé para encontrar o Cristo Salvador, a partir de um suposto batismo em Lc 3 7-17, que culminou com o próprio Filho do Homem encontrando-o e salvando-o em Lc 19,5.

²⁵⁰ MALINA, B.; ROHRBAUGH, R. L. J. *Evangelhos Sinóticos: Comentário à luz das ciências sociais*, p. 378.

5 REFLEXÃO BÍBLICA SOBRE AS RIQUEZAS

Como Lucas cita que Zaqueu era rico (Lc 19,2) alguns estudiosos interpretam que esta condição já o faz ser pecador.²⁵¹ Porém, na Bíblia, há muitos textos dos quais a riqueza possuída por uma pessoa poderia ser entendida como *bens de Deus* nos exemplos da fé, caridade, justiça, piedade, misericórdia, talentos (Lc 16, 11, Mt 25,20-21) e como *bens materiais* nos exemplos do dinheiro e coisas (Gn 26,12; Gn 30, 43). Logo, os homens poderiam ser classificados de *ricos em Deus* (Pr 10,22; Nm16,13; Dt 4,5-8; 11,8-15; Lc 12, 16-21) e *ricos em bens materiais* (Gn 13,2; Lc 16, 19-23). E a obtenção de bens materiais possuiria duas formas antagônicas: uma *por bençãos de Deus* (Gn 24, 35; Pr 10, 22 e Sl 112, 3) e outra *por atitudes pecaminosas* (Ex 20, 15; 1Tm 6, 9).

O fiel a Deus poderia ser considerado rico ou pobre em bens materiais e isto não é relevante porque o que faz a pessoa ser pecadora não é a quantidade de suas riquezas, e sim, o apego a elas. Sendo um fiel rico em bens materiais e dinheiro, deverá ser despegado destes bens, e saber que a vida só é mesmo rica se vivida amando a Deus e as pessoas, compartilhando seus bens e dons. Os ensinamentos bíblicos mostram de que nada adianta ter coisas, bens, dinheiro, acumular riquezas e fazer sucesso em negócios, se aquele que se diz crente em Deus, não o amar, nem ao próximo que está afetado pela pobreza e injustiça. A pobreza do rico está no vazio de seu coração, sem fé e insensível ao destino final prometido por Deus (Lc 18,18-23). A maior riqueza de um rico, não está no acúmulo de bens e dinheiro, e sim, no dar caridosamente com justiça para aquele que é pobre. A verdadeira riqueza está em “ser rico para Deus” (Lc 12,16-21).

Existem muitas passagens bíblicas que mostram as formas de riquezas que salvam o homem e aquelas que o levam para a perdição. Não são os bens e o dinheiro que salvam ou levam a perdição, mas o modo de obtê-los e o propósito que seu detentor lhes dá. Tudo se resume no maior mandamento (Dt 6,5; Lv 18,5; Lv 19,18; Mt 22,34-40; Lc 10,27; Mc 12,28-31):

²⁵¹ STORNILOLO, I. *O Evangelho de Lucas: os pobres constroem nova história*, p. 167-168; FAUSTI, S. *Uma comunidade lê o Evangelho de Lucas*, p. 756.

Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, com toda a tua força e de todo o teu entendimento; e a teu próximo como a ti mesmo.

Segundo Langner, “embora possa ser, a riqueza em si mesma não é obstáculo para encontrar-se com Jesus, nem impede a comunicação com ele, nem exclui da salvação”.²⁵² No caso de Zaqueu, sua declaração em Lc 19,8 demonstra que ele não era apegado aos seus bens, logo não poderia ser considerado pecador por ser rico. E ainda estando rico, Jesus lhe oferece a salvação.

5.1 RICOS QUE CAEM EM DESGRAÇAS

Zaqueu era rico e poderia ter caído em desgraças bíblicas caso servisse com egoísmo e avareza aos seus bens, mas não agiu desta forma. Muitas pessoas ricas economicamente caem em desgraças espirituais e promovem injustiças sociais quando não nutrem o devido amor a Deus e ao próximo e depositam sua confiança existencial no dinheiro e acabam idolatrando-o através da cobiça e avareza. Assim o amor ao dinheiro passa a ser raiz de muitos males (1Tm 6,10).

Portanto é o amor que o homem nutre, ou por Deus e pelo próximo, ou pelo dinheiro e bens materiais, que define a sua salvação ou perdição; e não a sua condição econômica. Há várias outras orientações bíblicas sobre a relação do homem e o dinheiro e bens materiais, que são prudentes guardá-las e cumpri-las, não importando se rico, remediado ou pobre.

Não roubarás (Ex 20,15).

Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo (Ex 20,17).

Aquele que ama o ouro não estará isento de pecado; aquele que busca a corrupção será por ela cumulado (Eclo 31,5).

Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao dinheiro (Mt 6,24; Lc 16,13).

Os ricos também são igualmente alertados em Tg 4,17; 5,1-3, onde é revelado que aqueles que sabem fazer o bem e não o fazem, estão cometendo pecado e muitas desgraças estão para vir.

²⁵² LANGNER, C. *Evangelio de Lucas Hechos de los Apóstoles*, p. 208.

Um exemplo da grande dificuldade de um rico entrar no Reino de Deus é descrito em Lc 18,18-27, onde um homem rico e de alta posição deseja herdar a vida eterna, porém não demonstra a mesma reverência a Jesus como Zaqueu (Lc 19,8), pois chama-o de bom mestre (Lc 18,18) e não de “*Senhor*” (Κύριε) e também, mesmo cumprindo parte dos mandamentos da lei mosaica (Dt 5,16-20), não é capaz de despegar-se de seus bens e seguir Jesus. O problema daquele homem de posição em herdar a vida eterna não era o fato de ter riquezas, e sim, o apego a elas e não acreditar no que Jesus lhe disse. Mesmo cumprindo parte dos mandamentos, desde a juventude, o seu apego às riquezas terrenas era maior que o desejo da herança da vida eterna. Assim ele estava servindo ao dinheiro e não a Deus (Mt 6,24) e aos pobres (Lc 18,22). Na sequência, Jesus adverte aos outros ouvintes que a dificuldade de um rico, apegado às riquezas, entrar no Reino de Deus, é semelhante a hipérbole do camelo entrar pelo buraco de uma agulha.

Para Mazzarolo, “esta é uma hipérbole para dizer que os ricos não entrarão facilmente no Reino, por causa da forma perversa como acumulam, guardam e apegam-se nas suas riquezas.”²⁵³

Para a maioria dos israelitas na época de Jesus, as riquezas eram identificadas como um sinal da aprovação e das bênçãos divinas, tanto aqui quanto no além,²⁵⁴ a exemplo dos patriarcas Abraão (Gn 24, 35), Isaac (Gn 26, 12), Jacó (Gn 30,43) e do rei Salomão (1Rs 10,14-29). Para os judeus, as chances de um rico, que cumpria a lei, ser salvo eram muito maiores que um pobre, pois acreditavam que este sofria por estar pagando pecados seus ou de seus pais (Ex 20,5). Quando os ouvintes perceberam que aquele homem de posição, com toda sua riqueza e que guardava alguns mandamentos desde a juventude, não havia sido totalmente aceito, ficaram chocados e perguntaram a Jesus: "Mas então, quem poderá salvar-se?" (Lc 18,26).

Diante desta pergunta, a resposta de Jesus foi sobre a dificuldade em entrar no Reino de Deus daqueles que têm apego as riquezas, e não a impossibilidade. E também não se limitou apenas aos ricos, mas se estendeu a todos os homens dizendo: "As coisas impossíveis aos homens são possíveis a Deus" (Lc 18,27). Assim Jesus estava revelando, de forma clara, que a salvação não é realização humana, ela é obra de Deus. Ou seja, é impossível para qualquer homem, seja ele rico ou pobre, senhor ou servo, conseguir salvar-se por si mesmo.

Outra advertência de Jesus aos ricos que prosperam e agem de forma egoísta, está na parábola sobre o homem rico em Lc 12,16-21, que teve uma colheita abundante. Mazzarolo descreve que:

²⁵³ MAZZAROLO, I. *Lucas, a Antropologia da Salvação*, p. 227-228.

²⁵⁴ KARRIS, Robert. “O evangelho segundo Lucas”, p. 287.

A parábola coloca os bens materiais como importantes para a vida, para a subsistência, mas sem nenhuma garantia de perpetuá-la ou de prolongá-la. Desta forma, quem acumula tesouros onde a traça devora, acumula coisas passageiras (Mt 6,9-21; Lc 12,33-34).²⁵⁵

O significado desta parábola pode ser facilmente entendido diante das palavras de Jesus que precedem imediatamente o seu início: “Precavei-vos cuidadosamente de qualquer cupidez, pois, mesmo na abundância, a vida do homem não é assegurada por seus bens” (Lc 12,15). Todo esse comportamento egoísta e soberbo também se harmonizava com sua falta de gratidão a Deus. Em nenhum momento aquele homem rico agradeceu e glorificou a Deus por tamanha abundância que estava recebendo, e engrandeceu a si mesmo. Ele se orgulhou dos bens que, em sua insensatez, pensou ser o único responsável por ter juntado. E também caiu no erro de pensar que era o senhor de si, e juntou seus bens contando que viveria muitos anos. Pensou ter controle de seus dias assim como tinha controle dos grãos que juntava em seu celeiro. Ele pensou ser completamente independente de Deus, e este foi seu maior erro.

Em Lc 16,19-25 existe outra passagem famosa sobre o terrível destino escatológico de um rico que, mesmo sendo filho de Abraão, é avarento e omisso com um pobre chamado Lázaro. Agostinho comenta esta perícopes com a seguinte interpretação: “Não foi a pobreza que conduziu Lázaro ao céu, mas a sua humildade; nem foram as riquezas que impediram o rico de entrar no descanso eterno, mas o seu egoísmo e a sua infidelidade.”²⁵⁶ Ou seja, foi a omissão, a avareza e a indiferença do homem rico, filho de Abraão, que o conduziu para os tormentos pós morte. Comparando as palavras de Jesus que fala em “*seio de Abraão*” e Agostinho que interpreta como “*céu*”, entende-se que os anjos levaram Lázaro para o céu e lá estava Abraão (Lc 16,22) que foi rico em rebanhos, prata e ouro na terra (*Gn 13,2*); e assim pode-se interpretar que também há ricos no céu.

Esta passagem também pode ser comparada com a parábola do bom samaritano (Lc 10,25-37). O pobre Lazaro estava na mesma situação do homem espancado, despojado e semimorto. O rico age com o mesmo comportamento omisso do sacerdote e do levita, também descendentes de Abraão, que passaram adiante ignorando o ferido. O que faltou para o rico, que tinha o pobre Lázaro a sua porta, era agir com amor ao próximo, como agiu o bom samaritano (Lc 10,33-35), assim evitaria os “*tormentos da mansão dos mortos*” (Lc 16,24). Caso ele tivesse “*dado de comer ao faminto, dado de beber ao sedento, vestido o despido e cuidado do doente*”

²⁵⁵ MAZZAROLO, I. *Lucas, a Antropologia da Salvação*, p. 179.

²⁵⁶ AGOSTINHO, *Sermão 24, 3* apud COSTA, A. C., *Qual o grande abismo que separa os homens na terra?*, n.p.

(Mt 25, 35-36), certamente seria levado pelos anjos ao seio do pai Abraão, junto com Lázaro (Lc 16,22). Observa-se nestas passagens que o acúmulo desnecessário e o apego as riquezas promovem injustiças sociais para com os pobres, gerando um pecado. E outra destinação divina para quem peca desta forma está em Lc 1,53, quando Maria cita que o Todo-Poderoso “cumulou de bens a famintos e despediu ricos de mãos vazias”.

Estes textos bíblicos, ao final deste capítulo sobre as desgraças dos ricos, fortalecem a interpretação que o pecado não está em ter bens e dinheiro e sim, está no apego, na avareza, na omissão, na falta de caridade e nas injustiças cometidas por amor ao dinheiro (Lc 16,19-25). Este subcapítulo serve para reforçar a interpretação de que Zaqueu não seria pecador, por ser rico. Deus quer ser amado e que haja amor ao próximo como a si mesmo (Lc 10,27). Quando alguém é avarento, cobiçador, amante do dinheiro, não pratica caridade e é injusto, está em pecado, porque ama bens e dinheiro acima de Deus e do próximo (Ec 31, 5). E não foi o caso de Zaqueu, porque foi generoso com os pobres e justo com os defraudados (Lc 19,8). Logo, o pecado e sua consequente desgraça na vida eterna, não está em possuir bens e dinheiro, mas nos maus desejos e na má prática do homem, que confia sua vida nos bens e não em Deus, e também não auxilia o próximo.

5.2 RICOS ABENÇOADOS

Zaqueu era rico e foi abençoado com a salvação de Jesus. Na Bíblia também há relatos de personagens que ficaram ricos em bens e dinheiro com as bênçãos de Deus. No Antigo Testamento, cita-se como exemplo Abraão, Isaac e Jacó.

Deus escolheu Abraão para ser o patriarca, que iria dar início a um povo, onde o próprio Deus iria revelar a plenitude de sua Verdade na pessoa de seu Filho, Jesus Cristo. Abraão foi sucedido pelo seu filho Isaac e, depois pelo neto Jacó. Os três personagens foram escolhidos e abençoados por Deus e foram ricos, conforme revelam as passagens veterotestamentárias abaixo.

Abrão era muito rico de rebanhos, de prata e de ouro (Gn 13, 2).

O Senhor cumulou Abraão de bênçãos e tornou-o muito rico: deu-lhe ovelhas e bois, prata e ouro, servos, servas, camelos e jumentos (Gn 24, 35).

Isaac semeou naquela terra e, naquele ano, colheu o cêntuplo, porque o Senhor o abençoava.¹³ O homem enriqueceu, e sua riqueza continuou a crescer, tornando-se extremamente rico (Gn 26, 12).

Assim, Jacó tornou-se extremamente rico e chegou a possuir enormes rebanhos de ovelhas e cabras, servos e servas, camelos e jumentos (Gn 30, 43).

Disse mais: ‘Eu sou o Deus de teus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó’ (Ex 3,6).

Numa leitura interpretativa socioeconômica destas cinco passagens conclui-se que o Deus de Abraão, Isaac e Jacó é também Deus dos ricos, relacionando com o rico Zaqueu, revelado por Jesus como filho de Abraão (Lc 19,9).

No Novo Testamento, em Lc 8,3 percebe-se que Jesus também tinha discípulas ricas como Maria Madalena, Joana, mulher de Cuza, o procurador de Herodes, Suzana e várias outras que o serviam com seus bens e eram abençoadas por estarem seguindo o Filho de Deus.

Para Hahn e Mitch, “a missão urgente de Jesus não deixava tempo para ele e seus discípulos se estabelecerem num negócio. Várias mulheres, portanto, os acompanhavam para oferecer provisão e assistência financeira”.²⁵⁷ Lucas ao descrever que Joana era mulher de Cuza, um alto funcionário do rei Herodes, estaria revelando que ela era rica, como eram também Maria Madalena, Suzana e várias outras, que mostram seu desapego ao dinheiro e grande amor a Jesus, através da assistência financeira. Davidson esclarece que “Jesus e os doze formaram um grupo viajante, indo de um lugar para o outro com a mensagem do Reino de Deus; e outro grupo, composto de mulheres ricas, que acompanhavam e providenciavam o necessário para eles serem recebidos e mantidos”.²⁵⁸ Este grupo de mulheres seguiu Jesus até a cruz (Lc 23,49).

Outros discípulos ricos de Jesus foram José de Arimatéia e Nicodemos. Gordini descreve que José de Arimatéia era “homem rico (Mt 27,57) e membro ilustre do Sinédrio (Mc 15,43; Lc 23,50), José tinha em Jerusalém um sepulcro novo, cavado na rocha, próximo do Gólgota. Era discípulo de Jesus, mas mantinha isso em segredo”.²⁵⁹ Jeremias cita que “o conselheiro Nicodemos era rico; dizem que levou ao túmulo de Jesus, para ungi-lo, 100 libras romanas de mirra e aloés (Jo 19,39)”.²⁶⁰

José de Arimatéia e Nicodemos tinham características comuns. Eram discípulos de Jesus, ricos, membros do sinédrio, e também muito corajosos, pois expuseram-se publicamente, a vista dos fariseus e romanos, ao cuidarem, com muito zelo, do corpo do crucificado (Mt 27,57; Mc 15,43; Lc 23,50 e Jo 19,39). Como conclusão deste tema vimos que alguns personagens

²⁵⁷ HAHN, S.; MITCH, C. *O Evangelho de São Lucas: Caderno de estudo bíblico*, p. 64.

²⁵⁸ DAVIDSON, F. *O Novo Comentário da Bíblia*, p. 1038.

²⁵⁹ OPUS DEI. *Quem foi José de Arimateia?*, n. p.

²⁶⁰ JEREMIAS, J. *Jerusalém no tempo de Jesus, pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário*, p. 139.

bíblicos ficaram muito ricos sob as bênçãos de Deus, como Abraão, Isaac e Jacó. E Jesus era servido com bens de mulheres ricas como Maria Madalena, Joana, Suzana e várias outras, e tinha discípulos ricos como José de Arimatéia e Nicodemos, e que também eram abençoados, por estarem seguindo o Filho de Deus. Assim poderia interpretar-se que Zaqueu também seria um rico abençoado, por ser honesto e íntegro filho de Abraão que, batizado por João Batista, recebeu a bênção da salvação de Jesus.

5.3 A RECOMPENSA DOS RICOS BEM-AVENTURADOS

Zaqueu era rico e foi bem-aventurado, pois, teve um encontro com Jesus e recebeu a recompensa da salvação. Os ricos em bens materiais podem ser bem-aventurados, caso também forem ricos para Deus (Lc 12,21) e generosos com o próximo, no exemplo de Zaqueu. No Antigo Testamento, em Eclo 31,8-11 há uma citação que chama de bem-aventurado, o rico que foi achado sem maldades e não colocou sua esperança no dinheiro. Para este rico, é reservada uma glória eterna e suas esmolas serão louvadas.

No Novo Testamento, em Mt 6,2-4, Jesus revela o verdadeiro e o falso zelo moral da esmola e sua recompensa, orientando os seus discípulos que deem esmolas de forma oculta, sem alardes públicos, para receber a recompensa do Pai. Segundo Croiset,

“Por esmolas deve-se entender não só todas as bondades que os ricos fazem para com os pobres, mas também suas boas obras e sobretudo os frutos de seu zelo. Ora, todos os santos podem agir com zelo, de qualquer condição que sejam. Ou seja, o verdadeiro zelo tem o puro amor de Deus por princípio; o falso zelo, contudo, é fruto do amor-próprio e da vaidade”.²⁶¹

Jesus também revela, em Mt 25,34-36, a recompensa no último julgamento, para aqueles que agiram amando ao próximo com seus bens terrenos, lembrando dos famintos, sedentos, forasteiros, desabrigados, despídos, doentes e prisioneiros. Para dar ao pobre os bens materiais que ele precisa, é necessário ser possuidor destes bens como: comida, bebida, casa, roupas, remédios e, para facilitar, dinheiro. Os ricos em bens materiais são os maiores possuidores destas riquezas confiadas por Deus, que eliminam o sofrimento da pobreza material. Este *dar* que Jesus revela é a caridade econômica, na qual o caridoso ama o próximo

²⁶¹ CROISSET, J. *O verdadeiro e o falso zelo*, n.p.

com seus bens e dinheiro, e quanto mais tem, maior será a cobrança, conforme Lc 2,48: “A quem muito foi dado, muito será exigido; e a quem muito foi confiado, muito mais será pedido”. Assim, a salvação do pobre é a humildade e a salvação do rico é a caridade.

Na parábola do Bom Samaritano (Lc 10,33-35), Jesus revela a caridade econômica, ao explicar o amor ao próximo a um legista. O samaritano, rejeitado pelos legistas, estava de viagem, longe de sua casa, em terreno hostil, e possuía um animal, remédios e dinheiro. Este personagem, analisado sob a ótica socioeconômica do seu tempo, só poderia ser rico ou classe média alta, pois seria improvável ser pobre ou até classe média baixa, devido as posses que Jesus revela e a distância de sua terra natal. Ao mover-se de compaixão com o ferido, ele aproximou-se e cuidou de suas feridas, dispensando-lhe cuidados, agindo com caridade social. E ao custear os serviços de saúde que o hospedeiro irá realizar, com dois denários²⁶² e ressarcir o que for a mais, quando regressar, Jesus revela que o samaritano está amando aquele próximo, praticando caridade econômica, com seu dinheiro.

É com esta misericórdia social e econômica que os ricos devem agir para demonstrar amor ao próximo. Assim, se tiverem fé e esperança, também amarão a Deus, pois cumprirão a revelação de Pr 3,9: “Honra ao Senhor com teus bens e com as primícias de todos os teus rendimentos”. Sobre este tema Clemente de Alexandria também escreveu: “De modo que não é rico aquele que tem dinheiro e o conserva, mas aquele que o reparte. É a doação e não a retenção que o faz feliz. A generosidade é fruto da alma; por isto que a riqueza tem sua sede na alma.”²⁶³

Agostinho de Hipona, comentando suas percepções cristãs a respeito dos ricos e da recompensa da salvação, escreveu que a conquista da vida eterna está em fazer o bem e ser ricos em generosidade, depositando toda confiança no Deus vivo.²⁶⁴

5.4 RICOS E FAMOSOS: VÍTIMAS DE INVEJOSOS

Jesus era famoso e Zaqueu era rico. O fato de possuir fama e riquezas geralmente causa inveja a algumas pessoas. “A inveja é um sentimento em que se misturam o ódio e o desgosto, e que é provocado pela felicidade, prosperidade de outrem”²⁶⁵. Este sentimento de inveja em

²⁶² Em Mt 20,1-16, um denário valia um dia de trabalho de um coletor de uvas.

²⁶³ CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *O Pedagogo*, p. 259.

²⁶⁴ AGOSTINHO. *A Cidade de Deus*, XV, 4.

²⁶⁵ HOUAISS, A.; VILLAR, M. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, p. 1.642.

relação aos outros que possuem fama e/ou prosperam em riquezas, é um comportamento comum entre as pessoas e acabam gerando preconceitos e hostilidades por parte dos invejosos.

No Antigo Testamento existe relato sobre este fato em Gn 26,13-14, no qual Isaac enriqueceu muito em rebanhos e em empregados e os filisteus acabaram ficando com inveja dele. No Sl 73,1-3 o salmista declara que quase desviou-se de ser limpo de coração porque teve inveja dos arrogantes ao ver a prosperidade dos ímpios.

Esta inveja também poderia estar sendo sentida por aqueles que murmuraram contra Jesus e conceituavam Zaqueu de pecador (Lc 19,7). Jesus era famoso, pois juntava multidões e Zaqueu era maioral dos publicanos e rico. Assim, no meio dos murmuradores, teriam pessoas que tinham inveja de Jesus por causa de sua fama e também invejariam Zaqueu devido ao seu sucesso profissional e a sua riqueza. Neste sentido, Jesus ao ser criticado e Zaqueu ao ser taxado de pecador, poderiam estar sendo vítimas de invejosos. Esta narração é mais um argumento para fortalecer a interpretação de que Zaqueu, em Lc 19,8, poderia estar fazendo uma defesa contra os murmuradores invejosos e Jesus o teria justificado (Lc 19,9).

6 A EVANGELIZAÇÃO DE RICOS EMPRESÁRIOS

Zaqueu era rico e autoridade pública. Após receber de Jesus a graça da salvação, e ser reconhecido na comunidade como filho de Abraão, supostamente continuou sua atividade profissional, pois Lucas não revela nenhuma mudança que merecesse ser descrita. Ele sempre será exemplo para os ricos devido a sua fé e conduta caridosa. Esta dissertação concentra-se nas pessoas ricas e atualmente existem muitos tipos de atividades econômicas para obtenção de riquezas. Entre estes tipos cita-se: empresários, dirigentes empresariais, autoridades públicas, herdeiros, artistas, jogadores esportivos, etc. Como cada atividade possui características, capacidades e comportamentos diferentes, descrever as evangelizações específicas para cada uma delas seria um trabalho muito longo para uma dissertação de mestrado. Então, os temas seguintes neste trabalho serão focados na evangelização específica para ricos da área empresarial e sua contribuição para diminuir a pobreza.

Comblin nos traz um pensamento para a introdução deste tema sobre a evangelização específica devido a existência da diversidade dos carismas. Os ricos têm lugar na comunidade, pois cada pessoa ocupa um lugar na vida social. Os seres humanos não são totalmente iguais e cada pessoa possui capacidades distintas e as praticam nos grupos sociais, religiosos, políticos e econômicos.²⁶⁶ E conclui que “por isso o ideal da comunidade cristã não é a igualdade, e sim, como diz São Paulo, a diversidade dos carismas na unidade da fé e da caridade. Entre os carismas, também existe o de governo”.²⁶⁷

Na diversidade do carisma de governo podemos encontrar o de gestão e o de liderança empresarial, fazendo que algumas pessoas tenham maiores qualidades ou talentos para liderar um empreendimento. Possuindo liberdade e responsabilidade, elas sabem multiplicar melhor os talentos, conforme suas capacidades (Mt 25,14-30). Na vida em sociedade, nenhum grupo subsiste sem liderança esclarecida e decidida. Nenhuma empresa ou sistema social funciona por pura virtude de ideias consensuais ou associação. Sempre é necessário ter líderes. Alguém que tome a iniciativa, que dê orientação e que assegure a perseverança, nas diferentes atividades humanas. E sempre haverá alguém que se destacará mais que os outros nos enfrentamentos dos diferentes desafios que surgem na economia, na política, na religião e na vida social, liderando

²⁶⁶ COMBLIN, J. “Ricos e pobres no Atos dos Apóstolos”, p. 8.

²⁶⁷ COMBLIN, J. “Ricos e pobres no Atos dos Apóstolos”, p. 8.

peessoas para alcançar o bem comum, tornando-se “ricas” naquilo que fazem. Na atividade econômica, estas pessoas são os empresários de sucesso.

E os maiores “ricos” são aqueles que possuem valores humanos e uma grandiosa fé que os motiva a promover o amor, cuja maior recompensa é receber a graça da salvação de Jesus, como no exemplo de Zaqueu. Por isto, todos os ricos em bens materiais e capacidades econômicas devem ser evangelizados, para compreenderem melhor seu papel na sociedade e tornarem-se também ricos para Deus (Lc 12,13-21).

Mais uma vez, Comblin esclarece com sabedoria o papel dos ricos na construção da sociedade.

A sociedade atual tornou-se infinitamente complexa e ainda não aprendemos a viver na nossa sociedade ou, melhor, estamos bem no início de nossa aprendizagem. De que maneira os ricos contemporâneos, todos os que possuem capacidades que lhes permitem ter acesso à condição e às vantagens da burguesia, poderiam colocar os seus talentos a serviço dos pobres? Sem a colaboração dos ricos as massas pobres não têm nenhuma possibilidade de se articular para a formação de movimentos sociais populares. Menos ainda poderiam criar-se meios de subsistência que tirassem essas massas da condição precária em que estão hoje. Sozinhos, os pobres não têm possibilidade alguma de se libertar da condição de opressão. Precisam de pessoas que estejam bem inseridas no mundo atual e conheçam todos os seus recursos, colocando todas as suas capacidades à disposição da libertação dos pobres. Simplesmente distribuir bens, como Barnabé, poderia ser um paliativo momentâneo, ainda que indispensável em certas situações, mas não seria libertação”.²⁶⁸

Também de nada adiantaria para rico empresário vender todos os seus bens, casa e empresa e distribuir para os pobres. Se assim o fizesse passaria a ser mais um pobre em bens materiais empresariais e não teria condições de realizar sua vocação de empresário. A capacidade de um rico empresário amar, também está na colocação de suas habilidades de liderança e bens materiais para a promoção das pessoas pobres e sua inclusão numa melhor qualidade de vida. Mas para a salvação do rico, também não adianta fazer filantropias e ignorar a pessoa de Jesus. Lucas revela que quem salva é Jesus. É como na passagem do rico notável (Lc 18,18-30). Não adianta querer entrar na vida eterna sendo bom cumpridor de parte dos mandamentos e, apegado ao dinheiro e aos bens terrenos, não ser generoso com os pobres e não seguir Jesus. Nesta passagem, Jesus revela aos discípulos que é impossível ao homem salvar-se, mas para Deus tudo é possível.

Um fato observado atualmente, é que o desejo de salvação eterna está sendo ofuscado pelo desejo concentrado na felicidade terrena, focado no desenvolvimento econômico e na

²⁶⁸ COMBLIN, J. “Ricos e pobres no Atos dos Apóstolos”, p. 9.

acumulação de riqueza. Mesmo havendo melhoria da qualidade de vida da maioria da atual população humana, principalmente nos últimos trinta anos, ainda existe muita pobreza a ser combatida. Antes da pandemia, o Banco Mundial registrava 830 milhões de pessoas ou 11% da humanidade, vivendo abaixo da linha da pobreza, denominando-as de extremamente pobres²⁶⁹. Pós pandemia calcula-se que este número aumentará em mais de 150 milhões de pessoas²⁷⁰.

Em Mc 14,7 Jesus disse: “Na verdade, sempre tereis os pobres convosco e, quando quiseres, podeis fazer-lhes o bem, mas a mim nem sempre tereis”. Assim, muitas pessoas e instituições fazem o bem cuidando dos pobres, e os cristãos têm por missão propagar os valores ensinados por Jesus, para aumentar a fé e promover a caridade e a justiça aos mais necessitados. Em uma simples visão sobre a economia, conclui-se que quem mais pode ajudar os pobres são os ricos. Então um dos maiores desafios cristãos é ensinar os valores do Evangelho a estas pessoas ofuscadas somente pela felicidade terrena, para promover a sua conversão e aumentar a esperança da felicidade eterna, como consequência de uma caminhada, que culminará com um encontro pessoal com Cristo.

Como já dito, este trabalho também tem por perspectiva dar mais um auxílio para a catequese de ricos, com vistas a iniciar uma caminhada para o encontro com Cristo e melhorar a vida dos pobres. A catequese atual está focada na opção preferencial pelos pobres, mas não deve transcurar a evangelização dos ricos. Estas ações legítimas do cristianismo devem incluir todas as pessoas, independentemente de suas situações sociais, econômicas e políticas. A salvação é para todos e assim também deve ser o ensino promovido pela Igreja. Jesus não excluiu os ricos, e relembramos que ele tinha discípulos ricos como Maria Madalena, Joana, Suzana, José de Arimatéia e Nicodemos. Assim também a evangelização deve conter ensinamentos e exemplos para ricos, como o de Zaqueu. Também deve-se considerar que a conversão destas pessoas da elite econômica, produzirá frutos que beneficiarão toda a sociedade, principalmente os pobres.

Baseado na suposição do batismo (Lc 3,12), o rico Zaqueu (Lc 19,2) tinha a esperança da salvação, teve fé em Jesus como Cristo (Lc 3,15) e foi salvo (Lc 19,9). Esta caminhada de fé o motivou a promover caridade para os pobres e justiça para os injustiçados (Lc 19,8). Este rico publicano é exemplo para os atuais ricos que são empresários e possuem a esperança da salvação. Sendo assim se faz necessário um entendimento bíblico e moderno sobre a classe

²⁶⁹ BANCO MUNDIAL. *A Pobreza Extrema Mundial Continua a Baixar mas a Um Ritmo Mais Lento: Banco Mundial*, n.p.

²⁷⁰ BANCO MUNDIAL. *COVID-19 pode levar mais de 150 milhões de pessoas para a extrema pobreza até 2021*, n.p.

empresarial, para elaboração de uma evangelização mais específica. Para contribuir para esta evangelização, o presente trabalho traz a seguir um estudo que define o conceito de empresário, sua vocação e também, indicações sobre a catequese específica para estas pessoas.

6.1 O EMPRESÁRIO

A definição de *empresário*, nos conceitos socioeconômicos é aquele que, na sua atividade econômica, possui dois elementos: é proprietário dos bens de capital e dos bens de produção, comercialização e serviços da sua atividade; e emprega pessoas para trabalharem com seus bens, chamadas de empregados.²⁷¹ Na lógica econômica, os empresários precisam ser ricos, possuindo riquezas empresariais em dinheiro e bens produtivos que viabilizam a atividade, também dão segurança empregatícia aos seus empregados e podem diminuir o desemprego.

No Brasil, em janeiro de 2022, a população ocupada era 95 milhões de pessoas.²⁷² Destas, quatro milhões (4,2%) eram empresários, que empregavam 47 milhões (49,2%) de empregados do setor privado. Isto mostra que cada empresário emprega, em média, 12 pessoas, refletindo sua importância social e econômica para o país. O restante das outras pessoas (46,6%) era do setor público (11,9%), trabalhadores domésticos (5,9%) ou trabalhavam por conta própria (26,8%). Ainda assim existiam 12 milhões de pessoas desempregadas. Observa-se aqui que a maior probabilidade para a redução do número de desempregados está nas ações empreendedoras dos empresários.

Alguns empresários não são ricos em bens empresariais e/ou possuem dificuldades econômicas. Estando nestas condições, possuem também muitas dificuldades de multiplicar seus talentos empresariais que gerariam mais empregos, inovações, melhorias aos seus trabalhadores, clientes e ajudas sociais a outras pessoas fora da empresa. Como esta dissertação é focada nos ricos, serão descritas formas de evangelização aos empresários que possuem boa sustentabilidade econômica de seus negócios.

A existência de personagens bíblicos com semelhantes elementos socioeconômicos dos atuais empresários ricos é observada em várias passagens. Começamos pelo Antigo

²⁷¹ LORANDI, J. *Deus e o empresário, uma vocação*, p. 80-81.

²⁷² MINISTÉRIO DA FAZENDA. *Centrais de conteúdos. Publicações da conjuntura econômica, emprego e renda/2022. Informativo Pnad. Jan.2022*, n.p.

Testamento analisando a situação socioeconômica dos patriarcas. Em Gn 13,2 e 24,35 há a descrição de que Abraão era muito rico em ouro e prata, rebanhos, servos e servas. Nos tempos modernos, estes elementos são totalmente semelhantes aos dos atuais empresários. O ouro e a prata e os rebanhos são bens de capital, de produção, comercialização e serviços; e os servos e servas são os empregados. Assim podemos conceituar que Abraão foi um “empresário” na sua atividade econômica. Podemos até defini-lo melhor como “empresário pecuarista”. Em Gn 26,12-13; 26,19 e 30,43 percebe-se a existência destes mesmos elementos na vida socioeconômica de Isaac e Jacó. Assim, pode-se afirmar que os três patriarcas eram “empresários pecuaristas”.

Um entendimento oportuno de Ex 3,6, no qual é citado que Deus disse que é o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó. Neste modo de comparação é afirmativo entender que o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó é o Deus de três “ricos empresários”.

No Novo Testamento, encontramos os elementos socioeconômicos que definem o empresário atual em várias parábolas de Jesus. Pode-se verificar, como exemplo, na parábola do filho pródigo em Lc 15,11-32. O homem que tinha dois filhos possuía bens de capital como a herança. Também tinha empregados, campo e rebanho. Os bens de produção, comercialização e serviços, da linguagem moderna, são o campo e o rebanho na parábola. Com estas características socioeconômicas, podemos afirmar que este personagem da parábola de Jesus era um “empresário”.

Há outras parábolas onde são percebidos personagens que possuem os elementos socioeconômicos que os caracterizariam como empresários. São elas: parábola do joio e do trigo (Mt 13,24-30); parábola dos trabalhadores da vinha (Mt 20, 1-16); parábola dos vinhateiros homicidas (Mt 21,33-44; Mc 12,1-12; Lc 20,9-19); parábola do mordomo (Mt 24,45-51); parábola dos talentos (Mt 25,14-30); parábola da figueira infértil (Lc 13,6-9); parábola do administrador infiel (Lc 16,1-8) e parábola da fé (Lc 17,5-10).

Paulo Apóstolo, que também trabalhou como fabricante de tendas com Áquila e Priscila (At 18,1-4) escreve orientações éticas e espirituais aos “empregados” e “empresários” do seu tempo. Em Cl 3,22-24, o apóstolo orienta os servos (empregados) a obedecerem aos senhores desta vida (empresários) com humildade e temor a Deus. E aos senhores desta vida (empresários), em Cl 4,1, Paulo os orienta a dar aos servos (empregados) aquilo que é justo e equitativo, sabendo que estes empregadores também têm um Senhor no Céu.

Assim interpreta-se que a classe empresarial e sua conduta ética também são

componentes bíblicos.²⁷³ Logo a relação empresário e empregado deve conter os mandamentos do amor a Deus e ao próximo, como a si mesmo, para herdarem a vida eterna (Lc 10,25-28). O empresário deve amar Deus sabendo que tem um Senhor no céu e amar seus empregados com justiça e equidade (Cl 4,1). Os empregados devem amar Deus fazendo tudo como fosse para o Senhor e amar os empresários através da obediência com simplicidade de coração (Cl 3,22-24).

Mas nesta relação empresarial também existem injustiças e defraudações que tornam as pessoas pecaminosas. No caso dos empresários ricos, mas avarentos, egoístas (Lc 16,19-31), que não remuneram com justiça seus trabalhadores (Ex 20,17) e que depositam suas vidas nas riquezas materiais e não são ricos para Deus (Lc 16-21), são alertados de muitas desgraças como em Tg 5,1-6. Nesta carta há uma previsão de desgraças aos ricos “empresários” que não pagaram o salário aos seus trabalhadores. Por isto, uma evangelização específica se torna necessária tanto para a conversão e salvação destas pessoas pecadoras, como para a libertação e justiça aos oprimidos.

6.2 VOCAÇÃO DO EMPRESÁRIO: UMA NOBRE TAREFA

Como a atividade empresarial é interpretada como um componente bíblico então ser empresário ou empresária também é interpretado, pelo Magistério da Igreja, como uma vocação. A vocação é um chamado específico de Deus a cada pessoa. Vários documentos atuais da Igreja, descritos a seguir, citam esta conclusão vocacional dos empresários. O Episcopado no Documento de Aparecida esclarece que Jesus revela a vocação e o Espírito Santo motiva especificamente cada pessoa, incluindo os empresários, descrevendo que: “Jesus Cristo revela o amor misericordioso do Pai e a vocação, a dignidade e o destino da pessoa humana.” (DAP 6). E também descreve que:

Quando o impulso do Espírito Santo impregna e motiva todas as áreas da existência, então também penetra e configura a vocação específica de cada pessoa. Assim se forma e desenvolve a espiritualidade própria de presbíteros, de religiosos e religiosas, de pais de família, de empresários, de catequistas etc. Cada uma das vocações tem um modo concreto e diferente de viver a espiritualidade, que dá profundidade e entusiasmo para o exercício concreto de suas tarefas” (DAP 285).

²⁷³ O entendimento sobre a classe empresarial e sua conduta ética serem componentes bíblicos também está baseado no reconhecimento do Magistério da Igreja de que ser empresário é uma vocação. O capítulo seguinte 6.2 contém maiores esclarecimentos.

O Papa Francisco define que a vocação de um empresário é uma nobre tarefa (EG 203). Esta tarefa parte inicialmente em dar um sentido mais amplo em sua vida e focar verdadeiramente o bem comum. No Compêndio da Doutrina Social da Igreja, o magistério também ensina que a vocação na atividade econômica pode ser transformada em caminho de santificação, desde que sejam realizadas obras de justiça e solidariedade (DSI 326). A santificação aqui citada refere-se a uma atividade econômica que haja a dedicação nas virtudes teologais dos discípulos de Cristo conforme 1Cor 13,1-13. Os Bispos no Documento de Aparecida reconhecem a atividade empresarial e louvam a Deus por estes talentos que promovem a geração de trabalho e elevam a condição humana e o bem-estar social (DAp 122). E o magistério que formulou o Catecismo da Igreja Católica cita que nas responsabilidades dos empresários pesam os valores econômicos e ecológicos e principalmente o bem das pessoas (CCE 2432).

Assim conclui-se teologicamente que as funções de empresário e empresária é uma vocação com nobre tarefa para fins de ordenamento e liderança da atividade econômica, com objetivos do bem comum, da justiça e da solidariedade, trilhando o caminho da santificação. E como, naturalmente, os empresários de sucesso tornam-se ricos como Zaqueu (Lc 19,2), é muito importante para o cristianismo haver uma evangelização específica para que estas pessoas possam ser generosas e justas (Lc 19,8) e possam receber a salvação de Jesus em sua casa (Lc 19,9).

6.3 A EVANGELIZAÇÃO DOS EMPRESÁRIOS

Como a vocação de empresário é uma nobre tarefa, a sua evangelização é outra tarefa do Magistério da Igreja e dos catequistas. Como o “*ser*” empresário exige uma série de habilidades, conhecimentos laborais, necessidades de mercado, liderança, coragem, persistência e ânimo específicos da dimensão econômica, assim também a evangelização destas pessoas exige dos evangelizadores habilidades, conhecimentos, liderança, coragem, persistência e carisma específicos da Doutrina Cristã para a classe empresarial. Neste caso o evangelizador deve possuir os mesmos sentimentos de Lucas que o levou a escrever o terceiro evangelho para a esperança dos pobres²⁷⁴ e Atos dos Apóstolos para os ricos.²⁷⁵ E usar também o exemplo do rico Zaqueu e sua salvação por Jesus. A preparação dos evangelizadores dos

²⁷⁴ MAZZAROLO, I. *Lucas, a Antropologia da Salvação*, p. 18.

²⁷⁵ COMBLIN, J. *Ricos e pobres no Atos dos Apóstolos*, p. 2.

empresários ricos e seus ensinamentos, possuem muitas fontes de auxílio, apresentadas a seguir. Estas fontes seguem os entendimentos definidos na Bíblia, citados anteriormente, e nos diversos documentos pastorais e sociais da Doutrina Cristã. Estes documentos também servem de base para a formação dos caminhos para a evangelização e salvação dos ricos.

Entre inúmeros documentos que auxiliam esta evangelização citam-se várias mensagens contidas nas encíclicas papais. Uma das mais importantes, que merece destaque ao evangelizador é a *Rerum Novarum*, de 1891, do Papa Leão XIII, que trata sobre a condição dos operários. Nela o Sumo Pontífice dá orientações equilibradas dos deveres dos cristãos no campo do trabalho.

Entre estes deveres, há os que dizem respeito ao pobre e ao operário que deve fornecer integral e fielmente todo o trabalho a que se comprometeu por contrato livre e conforme à equidade; não deve lesar o seu patrão, nem nos seus bens, nem na sua pessoa; as suas reivindicações devem ser isentas de violências e nunca revestirem a forma de sedições; devem fugir dos homens perversos que, nos seus discursos artificiosos, lhe sugerem esperanças exageradas e lhe fazem grandes promessas, as quais só conduzem a estéreis pesares e à ruína das fortunas. Quanto aos ricos e aos patrões, não devem tratar o operário como escravo, mas respeitar nele a dignidade do homem, realçada ainda pela do cristão (RN 12).

Estas orientações do Papa são inspiradas na epístola Cl 3, 22-24; 4,1. Depois desta encíclica, foram emitidas muitas outras e também inúmeros documentos como: catecismos, compêndios, exortações, documentos episcopais, etc., todos em plena conciliação com os Evangelhos, e que servem de luz para formação de planos de evangelização para ricos empresários.

Um documento muito oportuno para a formação de valores aos empresários é *A Vocação do Líder Empresarial, Uma Reflexão*²⁷⁶ no qual há uma orientação da Igreja sobre a atividade empresarial e sua importância e responsabilidade. Neste documento os líderes empresariais são chamados a comprometer-se com o mundo econômico e financeiro contemporâneo à luz dos princípios da dignidade humana e do bem comum. Conforme Peter Turkson²⁷⁷, “este documento é uma espécie de *vade-mécum* para homens e mulheres de negócios e para ser utilizado por professores nos momentos de formação e para a instrução nas escolas e universidades”.²⁷⁸

²⁷⁶ DICASTERIO PARA O SERVIÇO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO E INTEGRAL. “A Vocação do Líder Empresarial: uma reflexão”.

²⁷⁷ PETER TURKSON é cardeal e prefeito do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano e Integral da Santa Sé.

²⁷⁸ TURKSON, P. *Prefácio de A Vocação do Líder Empresarial: uma reflexão*, p. 3.

Os empresários cristãos também têm o dever de evangelizar seus irmãos de fé e de atividade econômica para cumprir o ordenamento de Jesus: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15). Esta forma de evangelizar pode ser através de associações e movimentos de Igreja. O Compêndio da Doutrina Social da Igreja, revela que:

As associações de categoria, que unem os associados em nome da vocação e da missão cristã no interior de um determinado ambiente profissional ou cultural, podem desempenhar um precioso trabalho de amadurecimento cristão. Assim se pode dizer de associações de docentes cristãos, de médicos, de juristas, de empresários, pois é em tal contexto que a Doutrina Social Cristã revela a sua eficácia formativa diante da consciência de cada pessoa e da cultura de um país (DSI 550).

Um dos exemplos destas associações de evangelização de empresários é a União Internacional de Empresários Cristãos (UNIAPAC)²⁷⁹ e suas afiliadas em quatro continentes que possuem objetivo de unir, orientar e inspirar os líderes empresariais para que, à luz do Pensamento Social Cristão, se comprometam a sua formação pessoal, a transformação de suas empresas e do ambiente de negócios e a contribuição para a construção de uma sociedade mais justa e humana. Outro exemplo é a Comunidade Internacional de Empresários e Executivos Schoenstattianos (CIEES)²⁸⁰, que busca promover a pedagogia e a espiritualidade do padre José Kentenich no mundo do trabalho e da empresa, e atualmente está presente em 12 países das Américas.

Outra forma de evangelização de empresários é a criação de uma Pastoral do Empresário nas paróquias e dioceses. Uma pastoral sob responsabilidade espiritual do bispo diocesano é um dos clamores do próprio episcopado expresso no Documento de Aparecida. Os sucessores dos apóstolos esclarecem que os leigos precisam ser doutrinados nos valores cristãos nos âmbitos social, político, econômico e cultural. Para optar preferencialmente pelos pobres, os pastores devem entender e acolher o leigo, com especial atenção aos responsáveis das finanças e dos que fomentam o emprego. Para isto é proposto uma pastoral urbana que desenvolva uma atenção especializada das diferentes categorias, entre elas a dos empresários (DAp 212, 312, 395, 517 e 518).

No Brasil existem vários movimentos de Igreja para evangelização de empresários. Um deles é a Pastoral do Empreendedor²⁸¹ que já está implantada em mais de 50 paróquias

²⁷⁹ UNIAPAC. *The purpose of UNIAPAC is*, n.p.

²⁸⁰ CIEES. *CIEES: Shoenstatt en el trabajo*, n.p. Disponível em: <https://cieesinternacional.org/>. Acesso em 01 abr. 2022.

²⁸¹ Seu site está disponível em <https://www.pastoraldoempreendedor.org.br/>.

brasileiras. Sua missão específica é cuidar pastoralmente dos empreendedores. Há também instituições religiosas que tem por objetivos primordiais a evangelização para a santificação de todos e possuem doutrinas cristãs também orientadas para os ricos empresários. Um dos exemplos é a prelazia Opus Dei²⁸², fundada por José Maria Escrivà, canonizado em 2002, cuja finalidade é contribuir para a missão evangelizadora da Igreja, promovendo, entre fiéis cristãos de todas as condições, uma vida plenamente coerente com a fé nas circunstâncias correntes da existência humana e especialmente por meio da santificação do trabalho. Esta prelazia está presente em todos os continentes.

É muito importante ressaltar que todos estes movimentos de evangelização de ricos empresários só terão validade cristã se o principal fruto ofertado é o aumento da fé em Jesus, para aumentar a esperança da salvação. De nada adianta existir movimentos intitulados cristãos se seus principais frutos forem somente ações de solidariedade ou ensino de gestão empresarial com valores éticos. Estes frutos são importantes, mas o encontro com Jesus Salvador, a exemplo de Zaqueu, jamais deve ser colocado em segundo plano. Como bem está orientado no Compêndio: “Se nos dedicarmos com a fé, a esperança e a caridade dos discípulos de Cristo, a própria economia e o progresso podem ser transformados em atividades de santificação” (DSI 326). E também como está postado pelos bispos no Documento de Aparecida: “aqui está o desafio fundamental que afrontamos: mostrar a capacidade da Igreja para promover e formar discípulos e missionários que respondam à vocação recebida e comuniquem por toda a parte, transbordando de gratidão e alegria, o dom do encontro com Jesus Cristo” (DAp 14).

Esta gratidão e alegria deve ser a mesma sentida pelo rico Zaqueu, quando desce imediatamente e recebe Jesus com alegria, em sua casa (Lc 19,6).

Um grande desafio para esta evangelização específica é a compreensão do sistema capitalista, seus pontos positivos e negativos. O conceito de que o capitalista é aquele que ama o dinheiro e deseja somente maximizar o lucro, um dos frutos do capitalismo, é uma ideia generalista, em forma de retórica, que prejudica o diálogo com os empresários cristãos, dentro do próprio cristianismo. Para Weber, o capitalismo teria origem no cristianismo citando que “um dos elementos fundamentais do espírito do capitalismo moderno [...] é a conduta racional baseada na ideia de vocação, nascida [...] do espírito do ascetismo cristão”.²⁸³ Novak também entende que o espírito do capitalismo foi circunscrito, corrigido e alargado pela ética católica a partir do pensamento social da Igreja, desde Leão XIII a João Paulo II.²⁸⁴ Zamagni, comentando

²⁸² Conferir seu site em <https://opusdei.org/pt-br/>.

²⁸³ WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, p. 134.

²⁸⁴ NOVAK, M. *A ética católica e o espírito do capitalismo*, n.p.

a obra de Novak, descreve que o teólogo católico americano se ocupa em mostrar como um capitalismo ‘democrático e liberal’, que aceitasse a regra democrática e se reconhecesse o primado da política sobre a economia, não estaria em contradição com a ética católica, mas seria por ela apoiado e legitimado.²⁸⁵ E o economista esclarece que atualmente pode-se sustentar uma relação entre a ética religiosa católica e o sistema capitalista.²⁸⁶

Mesmo assim há incompreensões sobre o sistema, pois o que define se o tipo de capitalismo é benéfico ou perverso para os envolvidos e para a sociedade em geral, é a intensão e a conduta das pessoas que agem dentro deste sistema, e não a sua forma de ser.

Entre os vários tipos há o *capitalismo liberal* (PP 287) construído num sistema no qual as pessoas consideram o lucro como motor essencial do progresso econômico, a concorrência como lei suprema da economia, a propriedade privada dos bens de produção como direito absoluto, sem limite nem obrigações sociais correspondentes. Este liberalismo sem freio conduziu à ditadura denunciada com razão por Pio XI, como “geradora do ‘*imperialismo internacional do dinheiro*’” (QA 212). Nunca será demasiado reprovar tais abusos, lembrando que “a economia está ao serviço do homem”.²⁸⁷

Mas, se é verdade que certos tipos de capitalisms foram a fonte de tantos sofrimentos, injustiças e lutas fratricidas com efeitos ainda duráveis, é “necessário reconhecer com toda a justiça o contributo insubstituível da organização do trabalho e do progresso industrial na obra do desenvolvimento” (PP 26), que outros tipos de capitalisms promoveram. “Se na atividade econômica e financeira a busca de um lucro equitativo é aceitável, o recurso à usura é moralmente condenado” (DSI 341). Caso a obtenção do lucro for de forma justa e não ocorra desrespeito à dignidade humana, então o sistema capitalista é bom. Porém se, na sua obtenção, houver imoralidades gananciosas, que enganam e desrespeitam pessoas, então o sistema é perverso. Todeschini destacou o convencimento na base do qual haveria uma sanável conciliação entre “economia de lucro” e “economia de caridade”.²⁸⁸ “É neste sentido que caridade e lucro podiam parecer, aos *magistri* franciscanos [...] e aos mais atentos comentadores da civilização urbana, como as duas faces da mesma realidade econômica”,²⁸⁹ escreve Zamagni.

O Catecismo esclarece que “os lucros são necessários, pois permitem realizar os investimentos que garantem o futuro das empresas, garantindo o emprego”(CCE 2432). A

²⁸⁵ ZAMAGNI, S. *A ética católica e o espírito do capitalismo*, p. 29.

²⁸⁶ ZAMAGNI, S. *A ética católica e o espírito do capitalismo*, p. 5.

²⁸⁷ CLARK, C. *The conditions of economic progress*, p. 6.

²⁸⁸ TODESCHINI, G. “Credibilità, fidúcia, ricchezza: il creito caritativo come forma della modernizzazione econômica europea”, in AVALLONE, P. (org.), *Prestare ai poveri*. Roma: CNR, 2007, *apud*.

ZAMAGNI, S. *A ética católica e o espírito do capitalismo*, p. 11.

²⁸⁹ ZAMAGNI, S. *A ética católica e o espírito do capitalismo*, p. 12.

Doutrina Social da Igreja reconhece a justa função do lucro, como primeiro indicador do bom andamento da empresa citando: “quando esta dá lucro, isso significa que os fatores produtivos foram adequadamente usados e as correlativas necessidades humanas devidamente satisfeitas” (DSI 340).

O Papa Pio XI foi um dos precursores da ideia de participação dos empregados nos lucros das empresas e esclarece que: “a lei de justiça social proíbe que uma classe seja pela outra excluída da participação dos lucros” (QA 57). E o Papa João XXIII continua a ideia de seu antecessor dizendo: “é necessário procurar com todo o empenho que, para o futuro, os capitais ganhos, não se acumulem nas mãos dos ricos senão na justa medida, e se distribuam com certa abundância entre os operários”(MM 74).

Uma consequência natural e virtuosa, realizada pelos empresários que multiplicam seus talentos, é quando a empresa obtém lucro, eles reinvestem no negócio. Para Zamagni, “ a figura moderna do empreendedor e a categoria do lucro são filhas da cultura católica medieval, a qual conseguiu encontrar, [...], o modo de introduzir no mercado, autêntica ‘novidade dos tempos’, no corpo da elaboração teológica escolástica, graças à noção de bem comum”.²⁹⁰ Com este reinvestimento surge no mercado a geração de mais empregos e de maiores inovações e aperfeiçoamentos dos produtos e serviços, exigindo mais criatividade, tornando-os melhores e mais acessíveis. Como resultado desta virtude, os governos arrecadam mais impostos e os pobres passam a ter maior acesso a empregabilidade e também a produtos mais baratos e com mais qualidade, diminuindo ou saindo da pobreza. E esses empresários ficam mais ricos em bens empresariais. Assim é o círculo virtuoso de um capitalismo inclusivo que visa o bem comum, o qual está subentendido nas palavras do Papa Francisco ao dizer que “os empresários possuem a nobre tarefa de tornar os bens deste mundo cada vez mais acessíveis a todos” (EG 203). O próprio Papa também reforça esta ideia ao expressar: “Um capitalismo inclusivo, que não deixa ninguém para trás, que não descarta nenhum dos nossos irmãos e irmãs, é uma nobre aspiração, digna de seus melhores esforços”.²⁹¹ Enfim, conclui-se que a ética católica não rejeita o capitalismo, mas procura humanizá-lo. Logo, a Igreja deve agir constantemente para evangelizar os líderes do capitalismo, que são os empresários.

Então para haver um bom plano de evangelização de ricos empresários se faz necessário compreender a visão cristã do capitalismo e combater os generalismos retóricos negativos. Também se faz necessário combater as perversidades do sistema e evangelizar os empresários liberais a serem humanistas cristãos na condução das empresas. Segundo Gasda:

²⁹⁰ ZAMAGNI, S. *A ética católica e o espírito do capitalismo*, p. 19.

²⁹¹ FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco ao conselho por um capitalismo inclusivo*, n.p.

A empresa, no sentido moderno da palavra, nasce com o capitalismo e designa uma entidade jurídica, de caráter individual ou corporativa, com fins lucrativos, organizada para oferecer bens e serviços ao mercado. Os componentes materiais e as demais instâncias do capitalismo se encontram na empresa. A sua gestão se baseia nas decisões de pessoas com valores, interesses e princípios.²⁹²

E são exatamente estes valores, interesses e princípios que as pessoas praticam, que definem se o tipo de capitalismo que elas promovem na empresa é bom ou perverso.

O Papa Francisco declara que “o dinheiro deve servir, e não governar!” (EG 58). E confessa que ama a todos, ricos e pobres, mas tem a obrigação, em nome de Cristo, de lembrar que os ricos devem ajudar os pobres, respeitá-los e promovê-los. “Exorto-vos a uma solidariedade desinteressada e a um regresso da economia e das finanças a uma ética propícia ao ser humano” (EG 58). E o Papa João Paulo II “orienta ao cristão que [...] procure saber que lugar ocupa o seu trabalho não somente no progresso terreno, mas também no desenvolvimento do Reino de Deus [...]” (LE 96-97).

Percebe-se então a existência de uma vasta orientação cristã contida na Bíblia e em vários documentos, que estão disponíveis para a evangelização dos empresários. Todo este conhecimento deve ser multiplicado pela Igreja para estar de acordo com Paulo que escreveu: “Aí de mim, se eu não anunciar o evangelho” (1Cor 9,16)

Assim também pode-se evangelizar os ricos atuais mostrando a estas pessoas que Lucas revela em seu evangelho, que Deus salva a todos que desejam a salvação. Seguindo as orientações lucanas e do Magistério, a caminhada poderia começar com um primeiro passo, indo à Igreja, por exemplo, como Zaqueu poderia ter ido ao Jordão. Ouvindo o sacerdote, como Zaqueu poderia ter ouvido o profeta. E na vida cotidiana, iniciando com pequenas obras de caridade e justiça, como João Batista revela em Lc 3,7-14 e Zaqueu as realiza em Lc 19,8. Assim, durante a caminhada, Lucas mostra que é o próprio Cristo que encontra e salva o caminhante que persevera (Lc 19,9-10), como no exemplo de Zaqueu, que poderia ter perseverado na caridade e justiça, mesmo sendo excluído da sociedade.

Após convertido e “procurando ver Jesus” como Zaqueu (Lc 19,3), o rico empresário produzirá frutos dignos de sua transformação (Lc 3,8), ajudando também os pobres (Lc 19,8), indo além da geração de emprego digno, produtos e serviços éticos e riqueza honesta. Também se observa que muitos empresários evangelizados multiplicam seus talentos e utilizam sua riqueza em Deus, agindo de forma caridosa para com os pobres que estão fora de suas empresas. Muitos empresários ajudam os famintos, sedentos, despedidos, doentes, desabrigados e

²⁹² GASDA, E. E. *Economia e Bem Comum: O cristianismo e uma ética da empresa no capitalismo*, p. 16-17.

prisioneiros (Mt 25,35-36) com suas riquezas lucrativas. Suas ações tiram da pobreza muitos Lázarus encontrados em sua porta (Lc 16,19-20) e os feridos a beira da estrada, tornando-se bons samaritanos (Lc 10,33-37) ou Zaqueus nos tempos modernos. Também deve-se concluir que uma evangelização eficaz dos ricos empresários, irá contribuir para a diminuição do atual número de 830 milhões de pessoas extremamente pobres.

Cabe citar também neste trabalho o exemplo do empresário cristão argentino, Enrique Shaw, que foi considerado “Venerável Servo de Deus”, pelo Papa Francisco, em 24 de abril de 2021, com o reconhecimento de suas virtudes heroicas.²⁹³ Como consequência de suas virtudes ele era chamado de “o pai” pelos trabalhadores que liderou com respeito e caridade cristã.²⁹⁴ Com este exemplo, verifica-se a existência de empresário que já é venerado pela Igreja devido a sua conduta cristã (Cl 4,1), fruto de uma evangelização que se iniciou na família, teve prosseguimento na Igreja e foi praticada na vida familiar, empresarial e comunitária.²⁹⁵

Outra consequência natural da evangelização específica será uma maior participação dos empresários cristãos na Igreja. Atualmente existem muitas paróquias e dioceses que carecem de uma boa gestão administrativa, pois os sacerdotes que as lideram geralmente possuem formação em filosofia e teologia. Como também são responsáveis pela gestão e possuem pouca formação ou habilidades para a vida administrativa, acabam sendo sobrecarregados de atividades secundárias, dificultando o exercício espiritual, os sacramentos e a evangelização. E a vocação empresarial de vários leigos é pouco aproveitada na gestão administrativa de paróquias e dioceses, que pode muito bem auxiliar de forma solidária. Esta baixa participação é consequência de preconceitos e desconfianças existente entre empresários e religiosos.

Em uma aula, durante o mestrado, este autor que é empresário, diante de vários padres, colegas, fez uma provocação sobre as funções mais relevantes de um pároco, citando a baixa participação de empresários cristãos no auxílio da gestão paroquial. Um colega, pároco, em tom de humor, respondeu: “muitos párocos confiam a chave do sacrário, mas não confiam a chave do cofre”. Independente se humor ou realidade, é obvio que os talentos da gestão empresarial devem ser utilizados e multiplicados na gestão paroquial e diocesana, pois são dons de Deus confiados a cada um conforme sua capacidade (Mt 25,14-30; Lc 19,12-27). Assim as paróquias e dioceses serão mais bem geridas com a maior participação de empresários evangelizados, e os padres e bispos terão maior disponibilidade para o exercício de sua vocação sacerdotal.

²⁹³ VATICAN NEWS. *Venerable el empresário argentino Enrique Shaw*, n. p.

²⁹⁴ VATICAN NEWS. *Enrique Shaw, un empresário com sangue obrera*, n. p.

²⁹⁵ CRITTO, A. *Enrique Shaw: notas y apuntes personales*, pp. 11-22.

7 CONCLUSÃO

A conclusão do presente trabalho revela que a salvação dos ricos é realizada através do encontro com Jesus. Também se conclui que o desejo de salvação anima a caminhada dos ricos para a promoção da caridade e justiça aos pobres, baseado em Lucas 19,1-10, tendo Zaqueu como exemplo da ação salvífica de um rico promovida por Jesus. Como Jesus é acreditado pelos cristãos como o salvador da humanidade e esta salvação é oferecida a todos os homens, também se conclui que Lucas destina suas duas obras para a evangelização de todos, independentes se pecadores, miseráveis, pobres ou ricos. Entende-se também que os ricos que desejavam um encontro com Jesus, na esperança da salvação, a obra lucana revela que, na sua caminhada de fé, eles também realizavam obras de caridade e justiça, como frutos dignos do arrependimento dos pecados. O exemplo mais emblemático é o do rico Zaqueu, que exercia a profissão de coletor de impostos, desejava ver o Cristo, era generoso e justo e, apesar de ser taxado de pecador foi perseverante na caminhada, culminando com sua salvação por Jesus.

Por vezes entende-se que este publicano era rico como consequência de extorsões habituais contra seus conterrâneos, sob a autoridade do Império Romano e converteu-se no encontro com Jesus. Este trabalho buscou apoiar o pensamento de estudiosos que interpretam que Zaqueu fez uma defesa de si e de Jesus contra seus acusadores murmurantes. Esta contribuição contém argumentos interpretativos e midrásticos de que Jesus levou a salvação à casa de Zaqueu porque o publicano era um íntegro descendente de Abraão e não um pecador. E também que Jesus assim o fez, por ser o Cristo que cumpre as promessas de Deus para Abraão e sua descendência, contidas no Antigo Testamento.

Também foi analisado os ensinamentos de Lucas, contida em suas duas obras, na qual se conclui que o evangelista ensina os ricos a fazerem bom uso de suas riquezas destinando-as para uma generosa ajuda aos pobres, através do desapego, sem ser necessário tornar-se mais um pobre em bens materiais, e praticando habitualmente a justiça procurando não extorquir ninguém, sempre tendo como base o exemplo da salvação de Zaqueu por Jesus.

Como inovação nos estudos teológicos, este trabalho conclui também que existe alta probabilidade de que Zaqueu, para ser íntegro filho de Abraão, antes do encontro com Jesus, teria sido um discípulo de João Batista, agindo com honestidade, justiça e generosidade, acreditando na vinda do Cristo.

Outro estudo realizado é sobre a influência da Pax Romana na região da Judéia e a moralidade religiosa da função de coletor de impostos, onde se conclui que a profissão de publicano geralmente era exercida de forma honesta e não se caracteriza como atividade pecadora. Este estudo foi realizado para dar mais ênfase a moralidade positiva de Zaqueu.

Ao contrário da visão de que ser proprietário de riquezas é também ser indigno da salvação, foi demonstrado aqui que o que faz uma pessoa ser pecadora não é a sua destacada condição econômica, e sim, a avareza, a confiança e apego ao dinheiro e a ausência de amor a Deus e ao próximo. Destaca-se também que Jesus tinha ricos entre seus discípulos e recebeu auxílio econômico deles.

Este trabalho também estudou a importância da evangelização dos ricos, com foco nos empresários, para haver maior esperança de salvação deles e maior caridade e justiça aos pobres nos tempos atuais. Por serem a maioria dos ricos e pelo entendimento teológico de que a função de empresário é uma vocação, aqui foi mostrado a importância de evangelização específica para as pessoas nestas condições. Assim, se trouxe para o presente, o exemplo da salvação de Zaqueu por Jesus e sua contribuição para uma evangelização atual dos ricos empresários, com mais argumentos bíblicos.

Nesta obra, fica em aberto várias questões para futuros estudos como o desenvolvimento de uma maior relação e interação entre Igreja e ricos. Também deve-se desenvolver mais culturas que ensinem o convívio fraterno dos ricos nas comunidades cristãs, em conformidade com as circunstâncias socioeconômicas locais. E estas questões também devem ultrapassar o âmbito cristão e atingir toda a humanidade para a busca de uma solidariedade universal.

Por fim, espera-se que essa dissertação tenha contribuído para o debate da missão da Igreja de evangelização universal, incluindo uma observação mais específica aos ricos. Segundo a Sacrosanctum Concilium, n. 1, a Igreja precisa realizar *aggiornamento*, que significa atualizar-se constantemente devido as mudanças ocorridas em todas as circunstâncias de sua existência e manter-se sempre focada na missão que Jesus lhe deu: “Ide por todo mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura. Aquele que crer e for batizado será salvo; e o que não crer será condenado” (Mc 16,15-16). Esta salvação inicia quando a pessoa humana tiver um encontro com a Pessoa Salvadora. Este encontro e os frutos de uma evangelização convertedora, promovida pela Igreja, precisam de exemplos que receberam a graça da salvação, por sua fé e prática da caridade e justiça para com os pobres. Lucas revela que Zaqueu é um destes exemplos. Assim, visando ir ao encontro dos desafios atuais para uma evangelização mais aprimorada de ricos que possuem fé em Jesus e desejam a salvação, e por consequência de sua

caminhada, promoverão maior ajuda aos pobres com a produção de frutos dignos da conversão, conclui-se que mais uma vez, poderão ser repetidas as palavras de Jesus: “Hoje a salvação entrou nesta casa” (Lc 19,9).

REFERÊNCIAS

- AEFE. *Quem foram os publicanos?* Almanaque da Bíblia, 2017. Disponível em: <http://almanaquedabiblia.com.br/publicanos-2/2017/03/20>. Acesso em 28 de nov. de 2021.
- AGUIRRE MONASTERIO, Rafael; RODRÍGUEZ CARMONA, Antonio. *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos*. 5. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2012.
- AGOSTINHO DE HIPONA. *Cidade de Deus*. 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1996.
- ALETTI, Jean-Noel. *El arte de contar a Jesucristo: lectura narrativa del Evangelio de Lucas*. Salamanca: Sigueme, 1992.
- ANTONIO, Margaret L. *et al.* Ancient Rome: A genetic crossroads of Europe and Mediterranean. *Science*, v. 366, n. 708-714, nov. 2019.
- BANCO MUNDIAL. *A Pobreza Extrema Mundial Continua a Baixar mas a Um Ritmo Mais Lento: Banco Mundial*. 19 set. 2018. Disponível em: <https://www.worldbank.org/pt/news/press-release/2018/09/19/decline-of-global-extreme-poverty-continues-but-has-slowed-world-bank>. Acesso em: 10 jun. 2021.
- BANCO MUNDIAL. *COVID-19 pode levar mais de 150 milhões de pessoas para a extrema pobreza até 2021*. 2020. Disponível em: <https://www.worldbank.org/pt/news/press-release/2020/10/07/covid-19-to-add-as-many-as-150-million-extreme-poor-by-2021>. Acesso em: 12 dez. 2021.
- BARBOSA, João Cândido. *Espiritualidade e Estilo de Vida: contribuições éticas, econômicas e sociais a partir do evangelho de Lucas*. 2017. 223 f. Tese (Doutorado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2017.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Pastoral*. Disponível em: http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/_INDEX.HTM. Acesso em 04 de jul. 2022.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada Ave Maria*. 205 ed. São Paulo: Ave Maria, 2014.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Thompson*. São Paulo: Vida, 2014.
- BÍBLIA. Português. *TEB-Tradução Ecumênica da Bíblia*. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2020.
- BLOMBERG, Craig. *Jesus e os Evangelhos: uma introdução ao estudo dos 4 evangelhos*. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- BOVON, François. El Evangelista Lucas. Retrato y proyecto: Forma y función de la doble obra lucana. In: PIÑERO, A. (Ed.). *Fuentes del Cristianismo: Tradiciones primitivas sobre Jesús*. Córdoba: Ed. Almedro; Madrid: Complutense, 1993.

- BOVON, François et alii. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BOVON, François. “Le Salut Dans les Écrits de Luc: Essai”, *Revue de Théologie et de Philosophie*, Troisième série, v. 23, n. 4, pp. 296-307. Genebra: Droz, 1973.
- BRIGHT, John. *História de Israel*. 6 ed. São Paulo: Paulus. 1978.
- BUCKLAND, Augustus Robert; WILLIAMS, Lukyn. *Dicionário Bíblico Universal*. 4. ed. São Paulo: Vida, 2007.
- CAMPOS, Rafael da Costa. *Punições exemplares garantiam a manutenção do império romano*. Com Ciência, 2017. Disponível em: <https://www.comciencia.br/punicao-exemplar-crime-e-castigo-na-idade-antiga/2017/09/09>. Acesso em: 11 out. 2021.
- CASALEGNO, Alberto. *Lucas: a caminho com Jesus missionário*. São Paulo: Loyola, 2003.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola, 1999.
- CHARPENTIER, Etienne et alii. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- CICERO, Marco Túlio. *Pro lege Manilia*. Firenze: Vallecchi, 1948.
- CIEES. *CIEES: Shoenstatt en el trabajo*. Disponível em: <https://cieesinternacional.org/>. Acesso em 01 abr. 2022.
- CLARK, Colin. *The coditions of economic progress*. 3. ed. New York: St. Martin’s Press, 1960.
- CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *O Pedagogo*. Campinas: Ecclesiae, 2014
- COMBLIN, José. *Ricos e pobres no Atos dos Apóstolos*. Vida Pastoral, São Paulo, n. 218, p. 2-9, 2001. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/temas-biblicos/ricos-e-pobres-nos-atos-dos-apostolos/#>. Acesso em 02 de nov. de 2021.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO – CELAM. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília: São Paulo: CNBB; Paulinas; Paulus, 2007.
- COSTA, Adilson Costa da. *Qual o grande abismo que separa os homens na terra?* Arautos do Evangelho Maringá, 2013. Disponível em: <https://maringa,arautos.org/2013/09/qual-o-grande-abismo-que-separa-os-homens-na-terra/>. Acesso em: 28 set. 2021.
- CRIMELLA, Matteo. *Luca, Introduzione, traduzione e commento*. Roma: San Paolo, 2015.
- CRITTO, Adolfo. *Enrique Shaw: notas y apuntes personales*. Buenos Aires: Claretiana, 2013.
- CROISSET, Jean. *O verdadeiro e o falso zelo*. Caritatem, 2018. Disponível em: <https://blog.caritatem.com.br/o-verdadeiro-e-o-falso-zelo/>. Acesso em: 04 jan. 2022.
- DAVIDSON, Francis. *O Novo Comentário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1963.

DEMARCHI, Mario. *Moedas no Velho Testamento e do tempo de Jesus*. Centro Filatélico y Numismático San Francisco. 2017. Disponível em: <https://collectprime.com/blog/moedas-dos-tempos-de-jesus/2017/12/09>. Acesso em 22 de nov. 2021.

DICASTERIO PARA O SERVIÇO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO E INTEGRAL. *A Vocação do Líder Empresarial: uma reflexão*. Ed. Brasileira. Vaticano: Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano e Integral, 2018.

DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS. *Zaqueu*. Disponível em: <https://www.dicionariodenomesproprius.com.br/zaqueu/>. Acesso em: 20 jun. 2021.

FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos II*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

FAUSTI, Silvano. *Uma comunidade lê o Evangelho de Lucas*. Brasília: CNBB, 2021.

FITZMYER, Joseph Augustine. *El Evangelio según Lucas: Introducción General*. Madrid: Cristiandad, 1986.

FITZMYER, Joseph Augustine. *El Evangelio según Lucas: Vol. IV*. Madrid: Cristiandad, 2005.

FITZMYER, Joseph Augustine. *The gospel according to Luke X-XXIV*. Garden City: Anchor Bible, 1985.

FLÁVIO Josefo: *Uma Testemunha nos Tempo dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1986, v.6.

FRANCISCO, Papa. *Discurso do Papa Francisco ao conselho por um capitalismo inclusivo*. Vaticano: 1 nov. de 2019. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/november/documents/papa-francesco/consiglio-capitalismo-inclusivo.html>. Acesso em 22 mar. 2022.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2013.

FREEDMANN, David. *Anchor Bible Dictionary*. Vol. 2. New York: Doubleday. 1992

GASDA, Élio Estanislau. *Economia e Bem Comum: o cristianismo e uma ética da empresa no capitalismo*. São Paulo: Paulus, 2016.

HAHN, Scott; MITCH, Curtis. *O Evangelho de São Lucas: Cadernos de estudo bíblico*. Campinas: Ecclesiae, 2015.

HAMM, Dennis. *Luke 19:8 Once Again: Does Zacchaeus Defend or Resolve?* Journal of Biblical Literature, v. 107, n. 3, 1988.

HAMM, Dennis. *Zacchaeus Revisited Once More: A Story of Vindication or Conversion?* Gregorian Biblical Press, v. 72, n. 2, 1991.

HESSER, Herman. *Os Questores*. Rio de Janeiro: Aurora, 1938.

HILLYER, Norman. *Imposto*. In COENEN, Lothar; BROWN, Colin. (Orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

- HOERTH, Alfred. *Archaeology and the Old Testament*. Grand Rapids: Baker Academic, 1998.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus, pesquisa de história econômica e social no período neotestamentário*. Nova Coleção Bíblica, vol. 16. São Paulo: Paulinas, 1983.
- JOÃO PAULO II. *Laborem Exercens*: Sobre o trabalho humano. 13. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.
- JOÃO XXIII. *Mater et Magistra*: Sobre a evolução da questão social à luz da doutrina cristã. 12. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.
- JOHNSON, Luke Timoty. *Il Vangelo di Luca*. Torino: Elledici, 2004.
- KARRIS, Robert. “O evangelho segundo Lucas”. In: BROWN, Raymond; FITZMYER, Joseph; MURPHY, Roland. *Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos*, pp. 217-308. São Paulo: Paulus; São Paulo: Academia Cristã, 2011.
- KÜMMEL, Werner. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 1982.
- LANCIELLOTTI, Ângelo; BOCCALI Giovanni. *Comentário ao Evangelho de São Lucas*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- LANGNER, Córdula. *Evangelio de Lucas*. Hechos de los Apóstoles. Navarra: Verbo Divino, 2008.
- LAPPENGA, Benjamin. *Reading in Context: Zacchaeus and the Economics of Salvation*. 2018. Disponível em: https://digitalcollections.dordt.edu/faculty_work/885. Acesso em: 01 nov. 2021.
- LEÃO XIII. *Rerum Novarum*: Sobre a questão dos operários. 14. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.
- LIEFELD, Walter. Luke. *Apud* BARKER, Kenneth; KOHLENBERGER III, John. *Zondervan NIV Bible Commentary*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1994.
- LOHSE, Eduard. *Contexto e Ambiente do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- LOPES, Hernandes Dias. *Lucas: Jesus, o homem perfeito*. São Paulo: Hagnos, 2017.
- LORANDI, Jaime. Deus e o empresário, uma vocação. *Revista NOI*, Caxias do Sul, ano 12, LII, p. 80-81, nov. dez. 2019.
- MAGNESS, J. Lee. Who Cares That it Was a Sycamore?: Climbing Trees and Playing on Words in Luke 19.1-10. *Leaven*, v. 5, n. 2, p. 3, 1997.
- MALINA, Bruce; ROHRBAUGH, Richard L. J. *Evangelhos Sinóticos: Comentário à luz das ciências sociais*. São Paulo: Paulus Editora, 2018.
- MAZZAROLO, Isidoro. *Atos dos Apóstolos ou Evangelho do Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2014.

MAZZAROLO, Isidoro. *Lucas em João: uma nova leitura dos evangelhos*. Porto Alegre: Mazzarolo, 2000.

MAZZAROLO, Isidoro. *Lucas*. São Paulo: Loyola, 1996.

MAZZAROLO, Isidoro. *Lucas: A Antropologia da Salvação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2013.

MAZZAROLO, Isidoro. *O que é o pecado? Pecado original, individual, social, mortal, contra o Espírito Santo, pecados capitais*. São Paulo: Paulus, 2019.

MAZZAROLO Isidoro.; KONINGS, Johan. *Lucas, o evangelho da graça e da misericórdia*. São Paulo: Loyola, 2016.

MENDONÇA, José Tolentino de. *A construção de Jesus: a dinâmica narrativa de Lucas*. São Paulo: Paulinas, 2018.

MESTERS, Carlos; LOPES, Mercedes, *Sobre o puro e o impuro*. Centro de Estudos Bíblicos, 2021. Disponível em: <https://cebi.org.br/reflexao-do-evangelho/sobre-o-puro-e-o-impuro/2021/08/26>. Acesso em 27 de ago. 2022.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. *Crescer em Amizade: Uma chave de leitura para o Evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulus, 2019.

MINISTÉRIO DA FAZENDA. *Centrais de conteúdos. Publicações da conjuntura econômica, emprego e renda/2022. Informativo Pnad, jan2022*. Disponível em: <https://www.gov.br/fazenda/pt-br/centrais-de-contenudos/publicacoes/conjuntura-economica/emprego-e-renda/2022/informativo-pnad-jan2022.html>. Acesso em 04 de mar. 2023.

MIRANDA, Bruno Guimarães. *O chamado de Jesus ao rico notável*. Comentário exegético de Lc 18,18-23. 2017. 99f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MITCHELL, Alan C. *Zacchaeus Revisited: Luke 19,8 as a defense*. *Biblica*, v. 71, n. 2, pp. 153-176. Roma: Gregorian Biblical, 1990.

MITCHELL, Alan C. *The Use of σκκοφαντεῖν in Luke 19,8: Further Evidence for Zacchaeus's Defense*. *Bíblica*, v. 72, n. 4, pp. 545-547. Roma: Gregorian Biblical, 1991.

MORIN, E. *Jesus e as escrituras do seu tempo*. São Paulo: Paulus, 1988.

MURPHY-O'CONNOR, Jerome. *The Holy Land: An Oxford Archaeological Guide from Earliest Times to 1700*. Oxford: Oxford Press, 1998.

NEF ULLOA, Boris Agustín. O método deráshico no judaísmo. *Revista de Cultura Teológica*, v. 18, n. 70, p.39, abr/jun. São Paulo: 2010.

NOVAK, Michael. *A ética católica e o espírito do capitalismo*. Cascais: Principia, 2001.

OPUS DEI. *Quem foi José de Arimateia?*. 2006. Disponível em: <https://opusdei.org/pt-br/article/quem-foi-jose-de-arimateia/>. Acesso em: 3 jan. 2023.

- PAGOLA, José Antônio. *Jesus: Aproximação histórica*. 7ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- PAGOLA, José Antônio. *O Caminho Aberto por Jesus*. Petrópolis: Vozes 2012.
- PARSONS, Mikeal C. 'Short in Stature': Luke's Physical Description of Zacchaeus. *New Testament Studies*, 2001.
- PAULA, Eurípedes Simões de. *O erário militar*. *Revista de história*, n. 150-15. p. 193. São Paulo: USP. 2004.
- PAULO VI. *Populorum Progressio*: Sobre o desenvolvimento dos povos. 11. ed. São Paulo: Paulinas, 1990.
- PETZKE, Gerg. *Der historische Jesus in der sozioethischen Diskussion*. Tübingen: Georg Strecker, 1975.
- PIO XI. *Acta Apostolicae Sedis XXIII*: Commentarium Officiale. Vaticano: 1931.
- PIO XI. *Quadragesimo Anno*: Sobre a restauração e aperfeiçoamento da ordem social em conformidade com a lei evangélica. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2001.
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *O povo judeu e suas Sagradas Escrituras na Bíblia Cristã*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da doutrina social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- QUICHERAT, L. *Novíssimo Dicionário Latino-Português*. 11 ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.
- RAVENS, David A. S. *Zacchaeus: the final part of a lucan triptych?* *Journal for the Study of the New Testament*, v. 13, n. 41, p. 19-32, 1991.
- RIUS-CAMPS, Josep. *O Evangelho de Lucas: o êxodo do homem livre*. São Paulo: Paulus, 1995.
- ROBERTSON, Archibald Thomas. Comentário Lucas à luz do Novo Testamento grego. In: LOPES, Hernandes Dias. *Lucas: Jesus, o homem perfeito*. São Paulo: Hagnos, 2017.
- RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2015.
- SANT'ANA, Antônio Clayton. *A verdadeira riqueza é "ser rico para Deus"*. Academia Marial. 2016. Disponível em <https://www.a12.com/academia/grao-de-trigo/a-verdadeira-riqueza-e-ser-rico-para-deus/2016/07/28>. Acesso em: 20 nov. 2021.
- SANTOS, Maria Cristiane. *Deus se revela a seu povo através de sua palavra e este a interpreta através do midrash*. UNIFAI – Centro Universitário Assunção. 2013. Disponível <https://pt.scribd.com/document/440862751/INTERPRETA-ATRAVES-DO-MIDRASH-pdf/>. Acesso em 10 de jun. 2022.
- SCHOLZ, Vilson. *Novo Testamento Interlinear Grego-português*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

- SCHNELLE, Udo. *Introdução à exegese do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2004.
- SCHRAGE, Wolfgang. *Die Christen und der Staat nach dem Neuen Testament*. Gütersloh, 1971.
- SESBOÜÉ, Bernard. *O homem, maravilha de Deus: Ensaio de antropologia cristológica*. São Paulo: Paulinas, 2021.
- SILVA, Cassio Murilo Dias da. *Leia a Bíblia como literatura*. São Paulo: Loyola, 2007.
- SILVA, Daniel Neves. "Pax Romana". Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/pax-romana.htm/>. Acesso em: 26 de mar. de 2022.
- SMITH, Dean. *Salvation Has Come: The Transformation of Zacchaeus*, Leaven: V. 1: Iss. 2, Article 5. 1990. Disponível em: <https://digitalcommons.pepperdine.edu/leaven/vol1/iss2/5>. Acesso em 28 de out. 2021.
- SOUSA, Raimundo Pereira de. *O Midrash como formação e exegese do Novo Testamento*. 2015. Centro Cristão de Estudos Judaicos. Disponível em: <https://silo.tips/download/palavras-chave-midrash-exegese-escritura-judaismo-cristianismo-novo-testamento>. Acesso em 20 de jun. 2022.
- SOUZA, Leonardo Lopes de. *O outro que me justifica: Análise exegetica de Lc 18,9-14*. 2016. 90 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- SPINELLI, Barbara. *Il grande inverno della Chiesa*. Roma: La Stampa, 2007.
- STÖGER, Alois. *O Evangelho Segundo Lucas*. 1. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1974. (Col. Novo Testamento II/3).
- STORNILO, Ivo. *O Evangelho de Lucas: os pobres constroem nova história*. São Paulo: Paulus, 1992.
- TOMÁS DE AQUINO. *Catena Aurea: exposição contínua sobre os Evangelhos*. Campinas: CEDET, 2020.
- TURKSON, Peter. *Prefácio de A Vocação do Lider Empresarial: uma reflexão*. Vaticano: Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano e Integral, 2018.
- UNIAPAC. *The purpose of UNIAPAC is*. Disponível em: <https://uniapac.org/>. Acesso em: 01 abr. 2022.
- UNITED NATIONS OF ROMA VITCRIX. *Tax in the Early Days of the Roman Republic*. Disponível em <<https://www.unrv.com/economy/roman-taxes.php>> Acesso em 08 de mar. de 2022.
- VAN DER BERGH, Ronald H. *Chrysostom's reception of Luke 19:8b: The declaration of Zacchaeus*. *HTS Theologiese Studies/ Theological Studies*. Pretoria, 2014.

VATICAN NEWS. *Venerable el empresário argentino Enrique Shaw*. 24 abr. 2021. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/es/papa/news/2021-04/sera-venerable-empresario-argentino-shaw-decreto-causas-santos.html>. Acesso em 30 de jul. 2022.

VATICAN NEWS. *Enrique Shaw, un empresário com sangue obrera*. 24 abr. 2021. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/es/iglesia/news/2021-04/enrique-shaw-empresario-sangre-obrera.html>. Acesso em 30 jul. 2022.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

WENGST, Klaus. *Pax Romana: pretensão e realidade*. São Paulo: Paulinas, 1991.

VITÓRIO, S. J. Jaldemir. “*E Procurava Ver Quem Era Jesus...*”: Análise do sentido teológico de “ver” em Lc 19,1-10. *Perspectivas Teológicas*, v. 19, p. 9-26, 1987.

VIVIANO, Benedict Thomas. *O evangelho segundo Mateus*. In: BROWN, Raymond; FITZMYER, Joseph; MURPHY, Roland (Eds). *Novo comentário bíblico São Jerônimo*. São Paulo: Paulus, 2011.

WHITE, Richard C. *Vindication for Zacchaeus?* Lexington Theological Seminary. *The Expository Times*, v. 91, n. 1, p. 21, 1979.

ZAMAGNI, Stefano. *A ética católica e o espírito do capitalismo*. *Cadernos IHU ideias*, ano 9, n. 159. São Leopoldo: IHU, 2011.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br